

Paisagem cultural

O Mester

da Paisagem

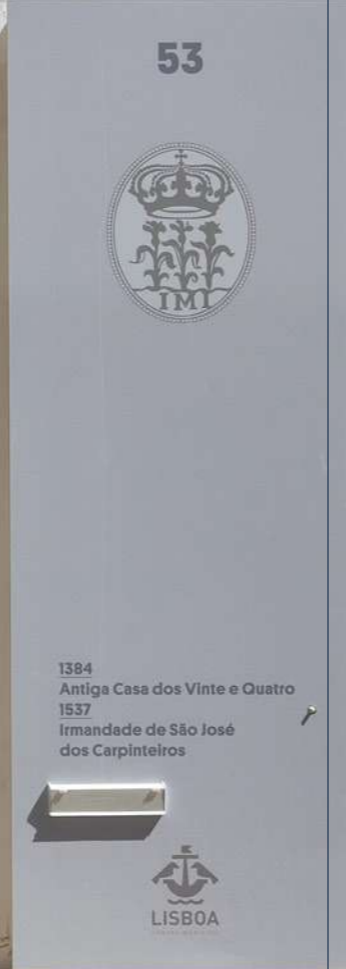
The Landscape

Master 2.º natureza

O Mester da Paisagem *The Landscape Master*

Prefácio	
<i>Foreword</i>	4
Gonçalo Ribeiro Telles: Biografia	
<i>Gonçalo Ribeiro Telles: Biography</i>	14
Intuição e Criatividade	
<i>Intuition and Creativity</i>	20
Permanente Transmissão do Conhecimento	
<i>Permanent Transmission of Knowledge</i>	36
A Escala Próxima do Homem	
<i>The Near Scale of Man</i>	42
Defesa da Melhor Solução	
<i>Defending the Best Solution</i>	58

Plano Verde de Lisboa	
<i>Lisbon's Green Plan</i>	96
Visionário	
<i>Visionary</i>	124
A Casa dos Vinte e Quatro	
<i>Casa dos Vinte e Quatro</i>	130
Projecto Arquitectónico	
<i>Architectural Project</i>	134
Percorso Expositivo	
<i>Exhibition tour</i>	154
Créditos	
<i>Credits</i>	156



Gonçalo Ribeiro Telles, Mester da Paisagem, esta exposição é mais do que uma viagem pela obra do professor arquiteto paisagista, é o testemunho de uma enorme sabedoria, de um carácter coerente e de um pensamento estruturado.

A luta que travou, logo no início da carreira, com a Câmara Municipal de Lisboa, por causa do projecto da Av. da Liberdade, é um exemplo bem ilustrativo da sua vontade indomita em querer fazer aquilo que considerava correcto e não por simples gosto ou capricho pessoal, mas sim pela prossecução de valores ecológicos essenciais. Aqui, queria que a lógica na intervenção fosse mais humanizada, com passeios mais largos junto das fachadas, com caminhos e árvores nos canteiros centrais, vegetação mais adequada, alinhamentos de árvores mais espaçados, tudo isto já a pensar no futuro, no crescimento vegetativo e na sombra que se adivinhava para uma caminhada mais prazenteira e tranquila. Tudo isto começou por se fazer, mas logo a Câmara quis desfazer – e desfaz – sem a sua concordância, e, por isso, demitiu-se. Ainda hoje sofremos pela má opção.

Ao contrário, os pinheiros que Gonçalo Ribeiro Telles plantou no Castelo de S. Jorge cresceram e as suas copas, hoje, parece que sempre lá estiveram, o que o levava a dizer-me, por várias vezes, sempre que para lá olhávamos: – “ó Zé, acertei, não acertei?”

Nas suas primeiras obras já aparece a ideia de continuidade (Bairro das Estacas); de recreio (vazios da Av. Estados Unidos da América e da rua D. Rodrigo da Cunha, que eu bem aproveitei, quando lá saltava à fogueira, pela altura do Santo António); de apropriação ecológica do espaço para as pessoas, para o passeio à sombra, para a merenda, para o refúgio e jogo das escondidas, como tantas vezes fiz na Mata de Alvalade, hoje Parque José Gomes Ferreira; de paisagem, com a respectiva relação visual entre sítios, vislumbre de vistas – repentino entre árvores ou em caminhos mais densos de arbustos e sebes, ou mais vastos em campo aberto – como acontece simultânea e propositadamente com a intervenção à volta da Capela de S. Jerónimo, com o rio Tejo e a Torre de Belém como pano de fundo, que dali tantas vezes contemplo ou espreito.

O conjunto destes conceitos percebe-se no jardim da Gulbenkian que concebeu com o seu colega Viana Barreto. Aí fez a “sua ilha dos amores”, modelando pormenorizadamente o terreno e acrescentando cantos e recantos, a água, os sons, as cortinas de árvores, a variedade arbustiva e de cores, diferentes perspectivas, enfim, o paraíso. Infelizmente, o Professor já não vai ver alargado o “seu” jardim para o terreno adjacente em direcção à Marquês da Fronteira ou até à Praça de Espanha que irá finalmente ficar ligada ao corredor verde de Monsanto, como sempre defendeu. De qualquer modo, será zona que vai merecer o seu nome: Jardim Gonçalo Ribeiro Telles.

A defesa dos logradouros privados, “quintais” como costumava chamar, foi outra das suas batalhas, quer no projecto, quer na sua valorização. Muitos se perderam, alguns logo no princípio, pois um certo tipo de homem da

Gonçalo Ribeiro Telles, The Landscape Master, this exhibition is more than a journey through the works of the landscape architect professor, it is a testimony of his enormous wisdom, coherent character and structured thinking.

The struggle he went through, right at the beginning of his career, with Câmara Municipal de Lisboa (CML), regarding Av. da Liberdade project, is an illustrative example of his indomitable will to do what he considered to be correct, not because of his own taste or personal whim, but for the pursuit of essential ecological values. Here, he sought after a further humanized logic within the intervention, which comprised wider sidewalks near the façades, with paths and trees in the central flowerbeds, more suitable vegetation, further spaced tree alignments, all this already thinking about the future, vegetative growth and anticipating the creation of shades which would allow more pleasant and peaceful walks. This started to be done but soon the Câmara Municipal de Lisboa wanted to undo it – and undid it - without his agreement, and, for this reason, he resigned. To today we are still suffering the consequences of this bad option.

On the contrary, the pines that Gonçalo Ribeiro Telles planted in Castelo de S. Jorge grew and their crowns today seem to have always been there, which led him to tell me, several times, whenever we looked there: – “hey Zé, I got it right, didn't I?”

In his very first works, we can already find ideas of continuity (Bairro das Estacas); leisure (empty spaces on Av. Estados Unidos da América and Rua D. Rodrigo da Cunha, which I immensely enjoyed when I jumped over the bonfires during Santo António's festivities); ecological appropriation of spaces for people, for a walk in the shade, for a snack, for refuge and a game of hide and seek, as I so often did in Mata de Alvalade, presently called Parque José Gomes Ferreira; of landscape, with its particular visual relationship between sites, glimpses of views - suddenly between trees or in denser paths of shrubs and hedges, or wider in the open field - as it simultaneously and purposefully happens in his intervention around the Capela de S. Jerónimo, with the Tagus river and Torre de Belém as background, which I so often contemplate or glance from there.

The entirety of these concepts can be recognized at Gulbenkian gardens, which he designed together with his colleague Viana Barreto. There he made “his loves' island”, modelling the terrain in detail and adding nooks and crannies, water, sounds, tree curtains, a variety of shrubs and colours, different perspectives, in short, paradise. Unfortunately, the Professor will no longer be able to see “his” garden extended to the adjacent land towards Marquês da Fronteira or even to Praça de Espanha, which will finally be connected to the green corridor of Monsanto, as he always defended. In any case, this area will deserve to be named after him: Jardim Gonçalo Ribeiro Telles.

The defence of private courtyards, “backyards” as he used to call it, was another of his battles, both in the project and in its valorisation. Many of them were lost, some right at the

cidade preferiu as garagens e os armazéns ao solo vivo, às hortícolas frescas, aos aromáticos temperos, aos perfumes das flores e às árvores de fruto que aí nasciam, mas, apesar de tudo, outros sobreviveram, os da Av. João XXI, com carácter mais público e de lazer ou alguns em Alvalade e em Alfama/Castelo que, com muita dificuldade, ainda resistem e que deviam ser, com afinco, preservados.

A escala da árvore, dos seus alinhamentos e o seu relacionamento com os edifícios, é decisiva para o urbanismo e para o bom desenho do espaço público, como o Mestre sempre defendeu. Acrescentando que na cidade podemos adaptar umas e adoptar outras, às vezes até por uma questão estética, pois a importância das árvores prende-se com muitas outras funções, que, imagine-se, alguns julgam que foram descobertas hoje: umas ligadas à saúde pública (sumidouros de poluição), outras porque permitem mais sombra e frescura para combater o calor, outras para nos proteger dos ventos e, todas, para nos darem mais cor e para humanizar mais as nossas vidas, quase como se fosse obrigatório sentir as estações do ano, também na nossa rua.

Finalmente é por todos reconhecida a importância das hortas urbanas que servem para a subsistência de uns, para o convívio de muitos e para fazer paisagem para todos. Hoje, fala-se disso como uma novidade e uma das medidas de mitigação e adaptação climáticas, mas a agricultura urbana já era um dos pilares do raciocínio do Ribeiro Telles, bem como o de produzir perto do consumo, ligar o campo a cidade, fazer região.

Obrigatório era arranjam-se os miradouros (Torel, Graça, Sra. do Monte, Monte Agudo, São Pedro de Alcântara, Sta. Catarina, 9 de Abril) e dizia que não podíamos perder as vistas, tínhamos mesmo de lutar por elas. E recuperar, com melhor ligação à malha urbana, o que ele apelidava de jardins monárquicos que, embora apropriados pelos republicanos, o povo ainda mantém os nomes antigos: Estrela (Guerra Junqueiro), Príncipe Real (França Borges), Praça da Alegria (Alfredo Keil); Jardim das Amoreiras (Marcelino Mesquita); Jardim da Parada (Teófilo Braga). Em todos os antigos e novos jardins e parques, crucial era que as pessoas se apropriassem dos mesmos e, para tanto, era importante que houvesse parques infantis, zonas de estar, mesas, bancos e esplanadas. Foi o que fizemos, principalmente com os quiosques e com os equipamentos de exercício físico. Enchemos de vida a paisagem de Lisboa.

A aprendizagem junto do Gonçalo era permanente, às vezes, apenas com alguns pormenores, aqui bem expostos, como a rejeição de artificialismos, a que ele chamava de “jardins da Celeste”, outras vezes, através de conceitos básicos na concepção de verdadeiros espaços verdes que já vinham nas lições de Caldeira Cabral e nos diálogos com os seus amigos, Edgar Fontes e Álvaro Ponce Dentinho, em que isto da natureza da cidade devia obedecer a uma “ordem, a uma proporção e a uma medida”. E ensinava e desenhava as denominadas orlas, dizendo que fazia todo o sentido existirem e serem replicadas, com as devidas adaptações,

beginning, because a certain type of city man favoured garages and warehouses to living soil, fresh vegetables, aromatic spices, the perfumes of flowers and fruit trees that were born there, but, in spite of everything, others survived, like those on Av. João XXI, with a more public and leisurly character or some in Alvalade and Alfama/Castelo which, with great difficulty, still resist and which should be diligently preserved.

As the Master always defended, the scale of the tree, its alignments and its relationship with the buildings, is decisive for urban planning and for the good design of public spaces. Adding to that, in the city we can adapt some and adopt others, sometimes even for aesthetic reasons, because the importance of trees is related to many other functions, and, guess what, some think they were discovered today: some trees are linked to public health (pollution sinks), others are chosen because they allow more shade and freshness to fight the heat, others to protect us from winds and, all of them, to add more colour and humanize our lives, almost as if it were mandatory to feel the coming and going of seasons also on our street.

At last we've all acknowledged the importance of urban vegetable gardens, which provide for the subsistence of some, for the conviviality of many and create a landscape for all. Nowadays, this subject is described as a novelty and one of the mitigation and climate adaptation measures, but urban agriculture was already one of the pillars of Ribeiro Telles' reasoning, as well as that of producing close to consumption, connecting the countryside and the city, to create region.

He believed it was mandatory to improve the viewpoints (Torel, Graça, Sra. Do Monte, Monte Agudo, São Pedro de Alcântara, Sta. Catarina, 9 de Abril) and said that we could not lose our sights; we really had to fight for them. And recover, with a better connection to the urban fabric, what he called monarchic gardens that, although appropriated by the Republicans, people still kept calling them by the old names: Estrela (Guerra Junqueiro), Príncipe Real (França Borges), Praça da Alegria (Alfredo Keil); Jardim das Amoreiras (Marcelino Mesquita); Jardim da Parada (Teófilo Braga). In all the old and new gardens and parks, it was crucial that people could take ownership of them and, for this, it was important that there were playgrounds, seating areas, tables, benches and terraces. This is what we did, especially with kiosks and physical exercise equipment. We filled Lisbon's landscape with life.

Near Gonçalo, one was continuously learning, sometimes with just a few details, here well exposed, such as the rejection of artificialisms, which he called “jardins da Celeste”; other times, through basic concepts in the design of true green spaces that already appeared in Caldeira Cabral's lessons and in dialogues with his friends Edgar Fontes and Álvaro Ponce Dentinho, in which the issue of the city's nature should comply with an “order, a proportion and a measure”. And he taught and designed the so-called margins, saying that their existence made perfect sense and should be replicated, within reasonable necessary adaptations, in parks

nos parques ou em alguns jardins da cidade. Gostava de falar do Jardim do Campo Grande e da sua recuperação, realçando que o mesmo tinha uma grande importância na estrutura ecológica, porque era o cruzamento que ligava a Cidade Universitária à Av. do Brasil e que permitia a ligação do Campo Pequeno ao Lumiar (Parque das Conchas e Quinta dos Lilases) e a Telheiras.

E o que reclamou, e uma das suas maiores lutas, é aquele *continuum naturale* que nos leva da Av. da Liberdade até Monsanto, interceptado por um Vale de Alcântara, submerso em auto-estradas e linhas de caminho-de-ferro, mas cujo projecto idealizado é feito para as pessoas poderem utilizar esse “impossível” e também para unir bairros – o Bairro da Liberdade à Bela Flor – e fazer ligações óbvias, como a de Campolide até ao rio, passando por debaixo do Aqueduto das Águas Livres. Desta necessidade de humanizar aqueles terrenos, para salvaguardar as linhas de água, as brisas, aumentar a biodiversidade, para que se percebesse que o planeamento não se deve fazer por zonas, mas por sistemas ecológicos, num equilíbrio dinâmico, feito pelo homem e para o homem, resulta, sem dúvida, uma das marcas de agora e de toda esta área de Lisboa.

Hoje, aí, é bem visível a vitória da sua estratégia, pois este território foi e está a ser apropriado pelas pessoas que passaram a conhecer uma nova paisagem, novos sítios, vistas, caminhos e até topónimos, como o Jardim Amália Rodrigues, o Jardim da Amnistia Internacional, a Quinta do Zé Pinto, ou o Parque do Calhau e a descobrir Monsanto (hoje mata certificada internacionalmente e com um plano de ordenamento e de paisagem) que começou por ser um local de passagem, para fazer parte actualmente da cidade e de todos nós.

No lado ocidental da cidade desenhou-se um itinerário quase imbatível, com início no Parque Keil do Amaral, em Monsanto. De um lado, desce pela magnífica Tapada da Ajuda, até Alcântara e, pelo outro, desce o Rio Seco e vai ao Palácio da Ajuda, entra pelo Jardim Botânico, atravessa o Palácio da Calheta, percorre o Jardim Botânico Tropical, rente ao Palácio de Belém, e termina nos jardins que circundam os Jerónimos, culminando na Torre de Belém, já no Tejo. Nesta exposição, podemos também olhar para o *continuum naturale* e cultural do corredor periférico, onde podemos perceber o significado do Vale da Ameixoeira, com o leito da sua ribeira a descoberto, a importância de ligarmos as margens da Calçada de Carriche, o que nos faz juntar território e panoramas, com ligações às quintas de recreio da Estrada do Paço do Lumiar, onde ainda podemos distinguir a forma funcional como eram concebidas, com a horta junto à cozinha, como se fosse uma divisão da casa, como fez notar Ilídio Araújo [outro dos grandes amigos de Ribeiro Telles], com o sítio de estar, o pomar e a mata, como hoje se pode ver na quinta do Monteiro-Mor (Museu do Traje) e sentir na Quinta da Paz, abertas ao público. É ainda a agricultura na cidade, como acontece na Quinta da Granja, ou nas hortas que pontuam todo este percurso; as tradições de feiras e procissões; a pedra arquitectónica das Igrejas de S. Domingos, da Luz e da Capela de S. Sebastião e a ruralidade

or in some city gardens. He liked to talk about Jardim do Campo Grande and its recovery, stressing that it was of great importance in the ecological structure, since it was the intersection connecting Cidade Universitária to Av. Do Brasil and which allowed the connection between Campo Pequeno to Lumiar (Parque das Conchas and Quinta dos Lilases) and Telheiras.

And what he claimed, and this was one of his greatest fights, was that continuum naturale that takes us from Av. Da Liberdade to Monsanto, intercepted by Vale de Alcântara, which is submerged in highways and railway lines, but whose idealized project is made for people to be able to use this “impossible” and also to unite neighbourhoods – Bairro da Liberdade to Bela Flor – and make obvious connections, such as from Campolide to the river, passing under the Aqueduto das Águas Livres. From this need to humanize those lands, to safeguard water lines, the breezes, to increase biodiversity, so that it was clear to all that planning should not be done by zones, but by ecological systems, in a dynamic balance, made by man and for man, we reach a result that is undoubtedly one of the actual marks of this whole area of Lisbon.

Today, in this area, the victory of his strategy is clearly visible, as this territory was and continues to be progressively appropriated by people who have discovered a new landscape, new sites, views, paths and even toponyms, such as Jardim Amália Rodrigues, Jardim da Amnistia Internacional, Quinta do Zé Pinto, or Parque do Calhau and are discovering Monsanto (today an internationally certified forest with a development and landscape plan) that started off as a crossing point, to become part of the city and all of us.

On the western side of the city, an almost unbeatable itinerary was designed, starting at Parque Keil do Amaral, in Monsanto. On one side, it goes down the magnificent Tapada da Ajuda, to Alcântara and, on the other side, goes down Rio Seco, passes by Palácio da Ajuda, enters Jardim Botânico, crosses the Palácio da Calheta, passes through Jardim Botânico Tropical, close to Palácio de Belém, and ends in the gardens that surround Jerónimos, culminating at Torre de Belém, already in Tagus river. In this exhibition, we can also look at the natural and cultural continuum of the peripheral corridor, where we can perceive the meaning of Vale da Ameixoeira, with its uncovered stream bed, the importance of connecting the margins of Calçada de Carriche, which makes us join territory and panoramas, with connections to the recreational farms of Estrada do Paço do Lumiar, where we can still distinguish the functional way in which they were designed, with the vegetable garden next to the kitchen, as if it were a room in the house, as pointed out by Ilídio Araújo [another of Ribeiro Telles' great friends], with the living area, the orchard and the forest, as can be seen today at the Quinta do Monteiro-Mor (Museu do Traje) and feel at Quinta da Paz, both open to public. It is also the agriculture in the city, as it happens in Quinta da Granja, or in the vegetable gardens that punctuate this entire route; the traditions of fairs and processions; the architectural stone of the churches of S. Domingos, da Luz

dos núcleos urbanos de Carnide e Ameixoeira que fazem saltar à vista o valor ecológico, cultural e histórico deste corredor verde, quase pronto, já a caminho do Vale do Forno. E se juntarmos os corredores orientais que a Câmara está a levar a cabo, a conquista de alguns logradouros nas encostas da Av. da Liberdade e da Almirante Reis – por ex. Cerca da Graça e Jardins dos CTT – e a “libertação” para o público da frente ribeirinha, aqui com alguns atropelos, podemos dizer que estamos à beira de concretizar o Plano Verde de Ribeiro Telles, até porque os projetos para o Vale de Santo António, Quinta dos Alfinetes e para o Parque Urbano de Carnide finalmente têm um desenho adequado. Lembro que o Plano Verde mereceu desde logo a participação, entre outros, de Manuela Raposo de Magalhães, Delgado Domingos [†], Luís Coimbra e, modéstia à parte, de mim próprio, do Duarte Mata, da Rita Folgosa e de toda a minha restante equipa que há muito me acompanha e de muitos dos trabalhadores e dirigentes dos serviços da CML com quem tenho trabalhado e, claro, aqueles que tenho tido a honra de tutelar, dos quais destaco o Director Municipal Ângelo Mesquita.

Foi com a ideia de interligar espaços e territórios, quase de coser a cidade, que temos erguido uma série de pontes, uma das tácticas que o Professor nos transmitiu para ultrapassar obstáculos e erros do passado e que resumo na seguinte frase – quando não podemos ir a pé, saltamos. Verdadeiras pontes físicas, mas sobretudo de coesão social e territorial. Aqui, um elogio ao Arquitecto António Braga, grande amigo de Gonçalo Ribeiro Telles, meu parceiro nesta aventura autárquica, que projectou todas essas ligações, sempre com o mesmo espírito – unir sítios e pessoas: a nossa gente. Com o mesmo intuito pensou-se numa rede ciclável que juntasse e atasse muitos destes locais, e outros mais dispersos, de forma a que tudo ficasse mais perto das pessoas, com maior e melhor facilidade de utilização e deslocação. Ideia que desde logo o Professor apadrinhou.

Desde cedo, no seu pensamento subjaz a ideia de território, frágil e limitado, como uma entidade física e biológica. Esta paisagem humanizada foi resultando sempre de um prévio olhar pela geomorfologia, pela sua história, ocupação e aproveitamento agrícola, aspectos e olhares que nestes tempos modernos muitas vezes são esquecidos quando se faz “supostamente” ordenamento do território. Conceitos que foi aprofundando, principalmente na Universidade de Évora, quer com o seu colega Alexandre Cancela de Abreu, quer mesmo quando ensinava e mantinha um diálogo vivo e aberto com os seus alunos.

Antes, na sua luta política, em que teve sempre como companheiro o monárquico Barrilaro Ruas, conseguiu aprovar, como ministro e depois como deputado, três dos documentos mais importantes para a salvaguarda do ordenamento do território que, ainda hoje, são referência: a Reserva Ecológica, a Reserva Agrícola e a Lei de Bases do Ambiente. Nesta linha, e com aquela base, Gonçalo ajudou-me a salvar a Mata dos Medos e a Arriba Fóssil da Costa da Caparica do atentado que seria a via rápida “panorâmica” [4 faixas] que para ali estava prevista. Nessa altura, noutro

and the Capela de S. Sebastião and the rurality of the urban centers of Carnide and Ameixoeira that make the ecological, cultural and historical value of this green corridor stand out, almost ready, on its way to Vale do Forno. And if we join the eastern corridors that the Câmara Municipal is carrying out, the conquest of some public places on the hillsides of Av. Da Liberdade and Almirante Reis – for example Cerca da Graça and Jardins dos CTT – and the “liberation” of the riverside for the public, here with some mishaps, we can say that we are on the verge of implementing the Ribeiro Telles Green Plan, especially because the projects for Vale de Santo António, Quinta dos Alfinetes and the Parque Urbano de Carnide finally have an adequate design. Bear in mind that the Green Plan immediately deserved the participation, among others, of Manuela Raposo de Magalhães, Delgado Domingos [†], Luís Coimbra and, modesty apart from myself, Duarte Mata, Rita Folgosa and all the rest of the team that has been with me for a long time and many of the workers and managers of CML’s services with whom I have worked and, of course, those that I have had the honour of supporting, amongst whom I highlight the Municipal Director Ângelo Mesquita.

It was with the idea of interconnecting spaces and territories, almost of sewing the city, that we have built a series of bridges, one of the tactics that the Professor transmitted to us to overcome obstacles and past mistakes and which I summarize in the following sentence – when we cannot go on foot, we jump. True physical bridges but, above all, bridges of social and territorial cohesion. Here, a compliment to Architect António Braga, a great friend of Gonçalo Ribeiro Telles, my partner in this municipal adventure, who designed all these links, always with the same spirit - to unite places and people: our people. With the same intention, we thought of a cycling network that would join and tie many of these places, and others more dispersed, so that everything would be closer to people, with greater and better ease of use and movement. The Professor sponsored this idea from the beginning.

From early on in his thinking, underlies the idea of territory, fragile and limited, as a physical and biological entity. This humanized landscape was always the result of a previous look at geomorphology, its history, occupation and agricultural use, aspects and views that in these modern times are often overlooked when “supposedly” creating a development plan. Concepts he developed, mainly at Universidade de Évora, both with his colleague Alexandre Cancela de Abreu, and even when he taught and maintained a lively and open dialogue with his students.

Previously, in his political struggle, in which the monarchist Barrilaro Ruas was always his companion, he managed to approve, while he was a minister and later as member of parliament, three of the most important documents safeguarding our territorial development plan that are still a reference today: the Reserva Ecológica [Ecological Reserve], the Reserva Agrícola [Agricultural Reserve] and the Lei de Bases do Ambiente [Framework Environmental Law]. Along this line, and with that foundation, Gonçalo helped

contexto, mostrou-me alguns dos seus mais emblemáticos e simples projectos em termos de integração na paisagem, dois jardins de vivendas já perto da Aroeira e o jardim do Hotel da Prainha [Alvor].

Por outro lado, na sua perspectiva, a sempre constante presença da árvore, elemento central da paisagem. No campo “devemos pedir às árvores o mesmo que deseja qualquer pessoa educada: não dar nas vistas”. Na paisagem rural deveríamos plantar as árvores que sempre aí cresceram, aliás, como junto aos rios e ribeiros. Já na paisagem florestal são de rejeitar as monoculturas intensivas e de exóticas, sem critério e em solos inadequados para o efeito. É que isso, insistia Ribeiro Telles, não é floresta, porque esta pressupõe, até etimologicamente, uma variedade de espécies.

Aconselhava também mais clareiras, o aprofundamento do conceito de orla, formas de fazer paisagem e elementos contributivos para o menor desperdício da água, da erosão dos solos e para a prevenção de incêndios que naqueles outros povoamentos são mais incontroláveis, frequentes e agressivos.

Deixo ainda aqui um apontamento que frequentemente surgia nas nossas conversas, e que aparece nesta exposição, em belos desenhos, seja para falar do território alargado do país e da compartimentação da paisagem, seja a propósito do campo ou da cidade: as sebes – o esconderijo da biodiversidade, o abrigo da fauna, limite e divisão do nosso olhar e saber. Daqui, partíamos para a importância dos sapais, de alguns terrenos incultos, para a charneca, para a mata, para as silvas [palavra e conceito que gostava de lembrar que já vinha dos romanos], ou seja, os sítios que no campo, mas também na cidade, serviam e servem para a “protecção contra o vento e as geadas, para a defesa da água [infiltração e transpiração], para o combate à erosão, para o equilíbrio da biocenose e para a produção de madeiras e lenhas”.

Depois falávamos do barrocal [onde ele mencionava sempre o seu amigo Arq. Fernando Pessoa], da lezíria, do montado, do souto, do seu significado cultural e da sua riqueza, e indignávamo-nos, em conjunto, sempre que havia um grande investimento no país e com naturalidade se esqueciam de investir nos caminhos rurais, “balizados e apoiados”, ou no arranjo do sistema viário rural. Ríamos quando nos vinham com a conversa de que os ingleses é que tinham inventado o jardim e logo lembrávamos os muito mais antigos Buçaco, Arrábida, Capuchos e Penha Verde, ou até a posterior arte dos beneditinos, por exemplo em Tibães.

É sempre com o pensamento no conceito da indissociabilidade da urbe e do ager, ou seja, da cidade e do campo, na defesa dos valores permanentes da paisagem, com o seu equilíbrio e viabilidade, que podemos pensar em ir mais longe e estender a ideia, o *continuum naturale* e cultural, agora chamado infraestrutura verde, à área metropolitana e à região de Lisboa e, também, a Portugal – a paisagem global.

me save and protect Mata dos Medos and Arriba Fóssil da Costa da Caparica from the assault that would have been the “panoramic” highway [4 lanes] that was planned for that place. At that time, in another context, he showed me some of his most emblematic and simple projects in terms of integration into the landscape, two villas’ gardens close to Aroeira and the garden of Hotel da Prainha [Alvor].

On the other hand, in his perspective, remained the always-constant presence of the tree, central element of landscape. In the countryside, “we should ask the trees for the same thing that any educated person wants: not to be seen”. In the rural landscape we should plant the trees that have always grown there, in fact, as well as by rivers and streams. In the forest landscape, intensive and exotic monocultures without any criteria are to be rejected, as well as in soils unsuitable for this purpose. This, Ribeiro Telles insisted, is not forest, because this presupposes, even etymologically, a variety of species.

He also advised more clearings, the deepening of the concept of shore, ways of making landscapes and contributory elements preventive of any water waste, soil erosion and fire prevention that in those other settlements are more uncontrollable, frequent and aggressive.

I would also like to leave here a note that frequently appeared in our conversations, and that appears in this exhibition, in beautiful drawings, whether to speak of the country’s wide territory and the partitioning of the landscape, whether it be about the countryside or the city: the hedges – the hiding place of biodiversity, fauna shelter, limit and division of our gaze and knowledge. From here, we would move into the importance of marshes, of some uncultivated land, of the moorland, of the forest, to the brambles or silvas [word and concept, that I would like to remind, originate from the Romans], that is, the places that in the countryside, but also in the city, served and still serve for our “protection against wind and frosts, for the defence of water [infiltration and perspiration], for the fight against erosion, for balancing biocenosis and for the production of wood and firewood”.

We would then talk about the barrocal [where he always mentioned his friend Arq. Fernando Pessoa], the marshland, the oak grove, the chestnut grove, its cultural significance and its wealth, and we were resentful whenever there was a big investment in the country and naturally they would forget to invest in rural paths, “marked out and supported”, or fixing the rural road system. We laughed when we were told that the English had invented the garden and soon we would remind them of the much older Buçaco, Arrábida, Capuchos and Penha Verde, or even the later art of the Benedictines, for example in Tibães.

And it is always with our thought in the concept of inseparability of urbe and ager, meaning, the city and the countryside, in defence of the permanent values of landscape, with its balance and viability, that we can think of

Foi para defender muitas destas ideias e executar o Plano Verde da Cidade que o Gonçalo Ribeiro Telles me convenceu a candidatar à Câmara Municipal de Lisboa. Ao ver esta exposição – cuja excelente curadoria se deve à Margarida Cancela de Abreu, à Teresa Bettencourt da Câmara e ao António Braga, e o belo conceito expositivo ao Tiago Rebelo de Andrade e ao Diogo Ramalho, a quem a todos muito agradeço, como deixo aqui também o agradecimento ao Luís Rebelo de Andrade pelo extraordinário projecto de reabilitação da antiga Casa dos Vinte e Quatro e da Igreja de São José dos Carpinteiros, bem como ao Arq. Brito e Abreu, juiz-irmão das citadas Casa e Orago, e ao Senhor Padre José Freire, pároco da Igreja, que nos abriram as portas deste extraordinário património, que a Câmara Municipal de Lisboa ajudou a recuperar – gostaria de dizer que me parece ter valido a pena ter aceitado o desafio do Professor Gonçalo Ribeiro Telles.

Neste ano, em que celebramos o prémio Lisboa Capital Verde Europeia 2020, muito por causa da concretização do referido Plano Verde, quando queremos e estamos a homenagear o grande homem, arquitecto paisagista e professor com esta mostra, ainda para mais num edifício que ele tanto queria ver recuperado, e quando temos quase tudo pronto no território, ainda se adivinham riscos e outras vontades, por isso faz-me agora muita falta o conselho do Mestre. É que, se é certo que a cidade continua a sugar o campo, enquanto é esmagada pela escala, pela desproporção e pela excessiva concentração de pessoas, ainda mais certo é que muitos defendem que a “economia da posse” é superior à “economia do bem-estar” e outros insistem na falsa ideia de que o próspero e o desenvolvimento só são próprios da construção e da betonização. Assim, Gonçalo, tal como dantes, continuam a existir ameaças porque a muitos interessa menos o aperfeiçoamento e mais a impressão que querem causar no imediato, tornando quase inevitável que nos continuemos a questionar: *Será que a terra e o homem deixarão de contar?*

Cá estarei, Gonçalo, a tentar lutar pelo que sempre defendeu, sem nunca o esquecer e agradecendo-lhe com a expressão com a qual gostava de caracterizar a sua vida: *Gosto disto. Até sempre!*

Um homem de Lisboa

José Sá Fernandes
Vereador do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia

going further and extending the idea, the natural and cultural continuum, now called green infrastructure, to Lisbon's the metropolitan area, region and, also, to Portugal – the global landscape.

It was to defend many of these ideas and implement the City's Green Plan that Gonçalo Ribeiro Telles convinced me to run for the Câmara Municipal de Lisboa. Upon seeing this exhibition – with an excellent curatorship due to Margarida Cancela de Abreu, Teresa Bettencourt da Câmara and António Braga, and the beautiful exhibition concept by Tiago Rebelo de Andrade and Diogo Ramalho, to whom I would like to thank very much, as I would also like to thank Luís Rebelo de Andrade for the extraordinary rehabilitation project of the former Casa dos Vinte e Quatro and the church of São José dos Carpinteiros, as well as to Arch. Brito e Abreu, brother-judge of the aforementioned Casa and Orago, and to Father José Freire, parish priest of the church, who opened the doors to this extraordinary heritage, which Câmara Municipal de Lisboa helped recover – I would like to say that it seems to me that it was worth accepting the challenge of Professor Gonçalo Ribeiro Telles.

This year, in which we celebrate the Lisbon Green European Capital Award 2020 award, largely because of the implementation of the referred Green Plan, when we want to honour and are honouring the great man, landscape architect and teacher through this exhibition, even more so in a building that he so much wanted to see recovered, and when we have almost everything ready in the territory, we can still foresee risks and diverse desires, therefore I now very much miss the Master's advice. If it's true that the city continues to suck the countryside, while being overwhelmed by scale, disproportion and excessive concentration of people, it is even more true that many defend that the “economy of ownership” is superior to the “economy of well-being” and others insist on the false idea that prosperity and development are only proper to construction and concreting. Thus, Gonçalo, just as before, threats continue to exist because many are less interested in improvement and more in the impression they want to immediately cause, making it almost inevitable to continue to questioning: Will land and man stop counting?

Gonçalo, I will be here trying to fight for what you have always defended, without ever forgetting you and thanking you with the expression with which you liked to characterize your life: I like this. So long!

A man from Lisbon

José Sá Fernandes
Councillor for the Environment, Green Structure, Climate and Energy

A presente exposição divide-se em três núcleos temáticos: o enquadramento da Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, o Mester da Paisagem e a Obra de Requalificação da Igreja de São José dos Carpinteiros. O percurso sugerido tem como objectivo realçar a compreensão das ligações entre núcleos e aclarar a forma como estes dialogam entre si, constituindo uma narrativa orgânica.

A história da Casa dos Vinte e Quatro é indissociável da história de Lisboa e no painel que a esta se refere apresentam-se a data e as razões da sua criação e destacam-se a sua importância e funções.

No Mester da Paisagem sugere-se um roteiro pela obra do Professor Gonçalo Ribeiro Telles, tendo sido seleccionados os desenhos mais expressivos que são, frequentemente, muito pedagógicos. Enquadra-se em Lisboa, Capital Verde Europeia 2020, pelo que se optou por focar em Lisboa, a cidade-região na qual o Professor centrou o seu conhecimento, reflexão e visão – cujas propostas foram, em grande parte, integradas no Plano Verde de Lisboa, com o qual se completa a exposição. Apresentam-se ainda dois painéis que ilustram a sua capacidade de transmissão do conhecimento. Os documentos recolhidos fazem parte de diversos arquivos e fontes, abertos ao público. Muitos deles integraram outras exposições e objectivos, optando-se por os reagrupar num novo percurso expositivo.

Na Obra de Requalificação da Igreja são expostos os trabalhos desenvolvidos na reabilitação das instalações, dando-se a conhecer a história da Igreja de São José dos Carpinteiros, a sua importância para a Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa e as peripécias decorrentes de um trabalho de recuperação tão complexo e minucioso como este o foi.

Margarida Cancela d'Abreu

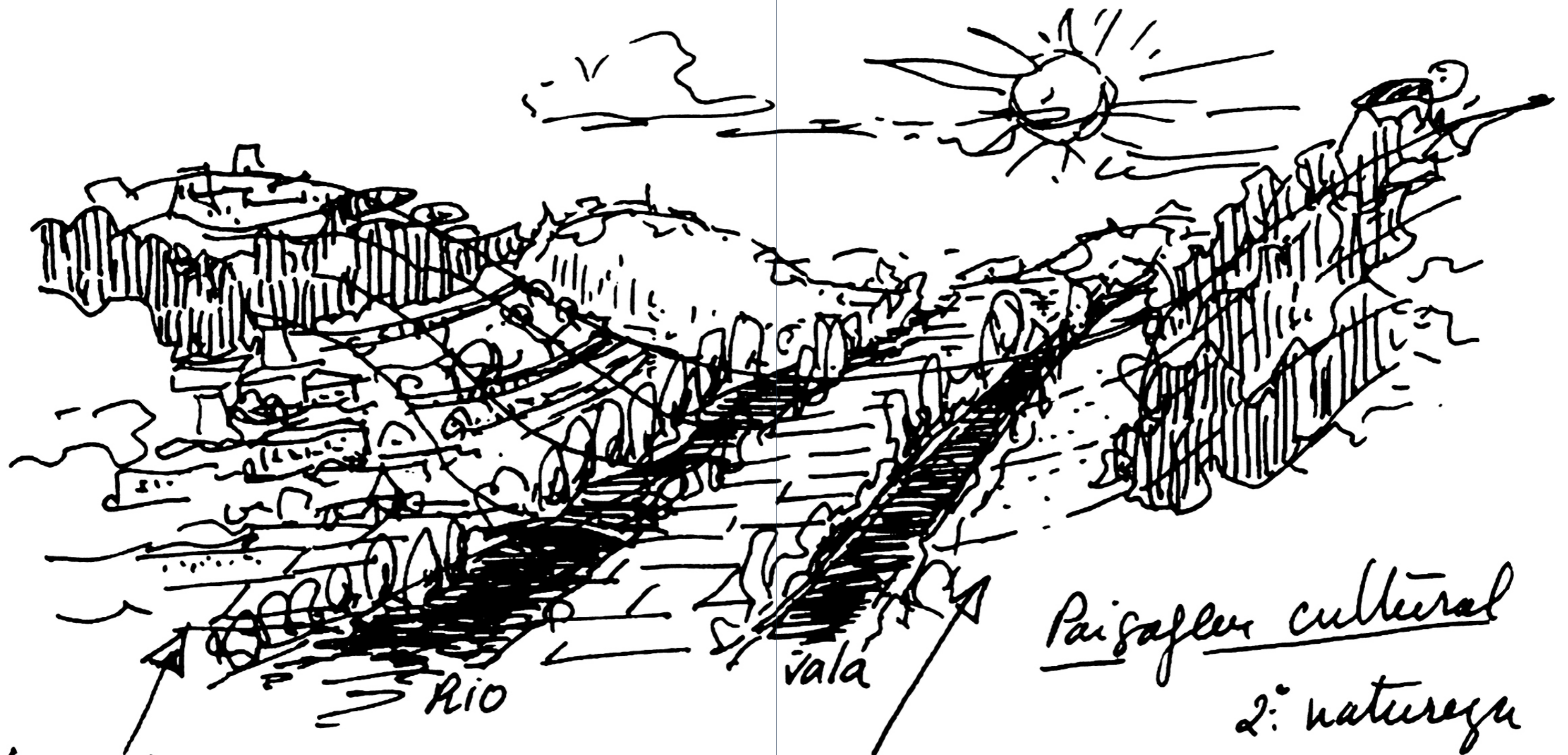
The present exhibition is divided into three thematic groups: the framework of Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, the Landscape Master and the Requalification Work of the church of São José dos Carpinteiros. The suggested route intends to enhance the understanding of connections between nuclei and clarify the way they dialogue with each other, constituting an organic narrative.

The history of Casa dos Vinte e Quatro is inseparable from Lisbon's history and the panel that refers to it presents the date and reasons for its creation and highlights its importance and functions.

In Landscape Master we suggest a script for Professor Gonçalo Ribeiro Telles's work, having selected the most expressive drawings that are often very pedagogical. It is adjusted to Lisbon, European Green Capital 2020, so it was decided to focus on Lisbon, the city-region in which the Professor centred his knowledge, reflection and vision – whose proposals were, to a large extent, integrated in the Lisbon Green Plan, with which the exhibition is completed. Two panels are also presented to illustrate his capacity of knowledge transmission. The documents collected are part of several archives and sources open to the public. Many of them had integrated other exhibitions and objectives, so we've opted to regroup them in a new exhibition path.

In the Requalification Work of the Church are exposed the works developed in the rehabilitation of the facilities, making known the history of the church of São José dos Carpinteiros, its importance for the Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa and the adventures resulting from a rehabilitation work as complex and thorough as this one.

Margarida Cancela d'Abreu



"facies"
edificado
Paisagem urbana

"facies" natural
paisagem rural

Paisagem cultural
2.ª natureza



Nasceu em Lisboa a 25 de Maio de 1922 e a sua vida “[...] desdobra-se por duas casas: uma, num velho bairro da cidade de Lisboa, onde ainda se respira e vive, e outra, numa vila ribatejana, com cheiro a velho burgo e a ruralidade. Não sou capaz de desligar uma casa da outra, apesar de pertencerem a sítios bem diferentes. As casas, em que me revejo, têm memória, história e integram-se em lugares, sem os quais não as poderia entender... A minha casa, distribuída por dois sítios distantes, é a expressão física da minha liberdade e o elo que mais me liga às comunidades onde tive a felicidade de nascer e viver [...]”¹

Arquitecto Paisagista e Engenheiro Agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia, em 1950. Faz parte da primeira geração de Arquitectos Paisagistas formados em Portugal. Fundador do Centro Nacional de Cultura (1945), do qual foi Presidente, também foi fundador da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas (1976), de que também foi Presidente (2001/2005) e membro do Conselho Geral. Professor dos Cursos de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia (1957/1963 e 1988/1992) e da Universidade de Évora (1976/1992). Da vida profissional destaca-se para além do trabalho desenvolvido no seu atelier, a Câmara Municipal de Lisboa (1953/1960 e 1998/2001) e o Fundo de Fomento da Habitação (1971/1974).

Quanto à sua actividade política evidencia-se a Fundação do Partido Popular Monárquico, os cargos de Subsecretário de Estado do Ambiente (1974), Ministro de Estado e da Qualidade de Vida (1981/1983), Deputado à Assembleia da República e vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Como principais contributos no âmbito do Ambiente e Ordenamento da Paisagem permanece, entre outros, a legislação da Reserva Agrícola Nacional, da Reserva Ecológica Nacional, bem como contribuições importantes para a primeira Lei de Bases do Ambiente, para uma proposta de Lei da Regionalização, e da Lei dos Baldios; bem como os conceitos de Corredor Verde, Hortas Urbanas, Estrutura Ecológica Urbana e Municipal e Paisagem Global.

O reconhecimento da sua importância na sociedade portuguesa e da contribuição para a Arquitectura Paisagista fundamentaram as condecorações e prémios recebidos ao longo da vida, entre os quais o de Oficial da Ordem Militar de São Tiago de Espada, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Évora (1994), o “Prémio Valmor 1975” [Projecto do Parque da Fundação Calouste Gulbenkian, da sua autoria e do Arquitecto Paisagista António Viana Barreto]. É Sócio Honorário da Ordem dos Arquitectos (2002) e recebeu a Medalha de Mérito Municipal de Lisboa, grau ouro (2013), bem como o Prémio Sir Geoffrey Jellicoe atribuído em 2013 pela Federação Internacional de Arquitectos Paisagistas, Membro Honorário da Federação Europeia dos Arquitectos Paisagistas (2015)

Born in Lisbon on May 25, 1922 and his life “[...] unfolds in two houses: one, in an old Lisbon neighbourhood, where one still breathes and lives, and the other, in a Ribatejo village, with the smell of old town and rurality. I am not able to disconnect one house from the other, even though they belong to very different places. The houses, in which I recognise myself, have a memory, a history and are integrated in places, without which I could not understand them... My house, spread over two distant places, is the physical expression of my freedom and the link that strongly connects me to the communities where I was fortunate to be born and live in [...]”¹

Landscape Architect and Agricultural Engineer by the Instituto Superior de Agronomia, in 1950. He is part of the first generation of Landscape Architects trained in Portugal. Founder of the Centro Nacional de Cultura (1945), of which he was President, he was also the founder of the Portuguese Association of Landscape Architects (1976), of which he was also President (2001/2005) and a member of the General Council. He was Professor at the courses of Landscape Architecture at Instituto Superior de Agronomia (1957/1963 and 1988/1992) and at University of Évora (1976/1992). From his professional life, aside from the work carried out in his studio, we would like to highlight the work he performed at Câmara Municipal de Lisboa (1953/1960 and 1998/2001) and at the Fundo de Fomento da Habitação (Housing Development Fund) (1971/1974).

As for his political activity, we'd emphasize his involvement in the Foundation of the Partido Popular Monárquico/Popular Monarchist Party, the positions of Undersecretary of State for the Environment (1974), Minister of State and Quality of Life (1981/1983), MP at Assembleia da República [Portuguese Parliament] and councillor of the Câmara de Lisboa. As main contributions within the scope of Environment and Landscape Planning, remain, among others, the legislation of the National Agricultural Reserve, the National Ecological Reserve, as well as important contributions to the first Framework Environmental Law, as well as a proposal for the Regionalization Law, the Wasteland Law; as well as the concepts of Green Corridor, Urban Vegetable Gardens, Urban and Municipal Ecological Structure and Global Landscape.

The recognition of his importance in Portuguese society and the contribution to Landscape Architecture justified the awards and prizes received throughout his life, including that of Officer of the Military Order of São Tiago de Espada, the Grand Cross of the Military Order of Christ, the Grand Cross of the Order of Infante D. Henrique, the title of Doctor Honoris Causa by the Universidade de Évora (1994), the “Valmor 1975 Prize” [Parque da Fundação Calouste Gulbenkian Project, designed by him and Landscape Architect António Viana Barreto]. He is an Honorary Member of the Order of Architects (2002) and received the Lisbon Municipal Medal of Merit, gold degree (2013), as well as the Sir Geoffrey Jellicoe Prize awarded in 2013 by the International Federation of Landscape Architects, Honorary Member of the European Federation of Architects Landscape Designers (2015).

Da sua longa carreira, de mais de sessenta anos, emerge uma vastíssima obra de artigos e textos e de algumas centenas de projectos de ordenamento da paisagem e de espaços verdes públicos e privados.

Numerosos testemunhos e biografias relativos ao Professor Gonçalo Ribeiro Telles reiteram a sua intervenção cívica permanente na defesa da democracia, do equilíbrio ecológico, da dimensão cultural da paisagem e da qualidade de vida. Salientam o seu carácter como cidadão corajoso e empenhado, homem de profundas convicções, defensor veemente de muitas causas - por vezes desenhando, para melhor convencer; mas revelando simultaneamente uma notável abertura de espírito para questões originais e para a inovação. Destaque-se ainda o seu pioneirismo, espírito visionário e intuição, prevendo e diagnosticando situações, muitas vezes inquietantes, décadas antes de outros profissionais e responsáveis e antecipando conceitos, que vieram mais tarde a ser adoptados. A sua invejável juventude perante cada projecto novo, cada desafio, encarados com enorme entusiasmo e abertura, aliados a uma notável visão de síntese de múltiplas disciplinas, têm marcado fortemente gerações de amigos, alunos, outros profissionais, decisores e opositores políticos, que pelo Professor manifestam um enorme respeito. Pelo que defendeu, pelo que transmitiu e pela obra projectada e realizada é, de há muito, uma referência nacional.

Margarida Cancela d'Abreu

1 Citação retirada de *A Utopia e os pés na terra*, Catálogo Exposição Museu de Évora, 2003.

From his long career, of more than sixty years, emerges a vast work of articles, texts and a few hundred projects regarding the organization of the landscape and public and private green spaces.

Numerous testimonies and biographies related to Professor Gonçalo Ribeiro Telles reiterate his permanent civic intervention in the defence of democracy, ecological balance, the cultural dimension of the landscape and quality of life. They underline his character as a courageous and committed citizen, a man of deep convictions, a vehement defender of many causes - sometimes drawing, to better convince; but at the same time revealing a remarkable open-mindedness to original issues and innovation. We also emphasize his pioneering character and visionary spirit and intuition, foreseeing and diagnosing situations, often unsettling, decades before other professionals and responsible people and anticipating concepts, which were later adopted. His enviable youth in the face of each new project, each challenge, faced with enormous enthusiasm and openness, combined with a remarkable crisp vision of multiple disciplines, have strongly marked generations of friends, students, other professionals, decision makers and political opponents, who all show enormous respect for the Professor. For what he defended, for what he transmitted and for the work planned and carried out, he has long been a national reference.

Margarida Cancela d'Abreu

1 Quote taken from *A Utopia e os pés na terra*, Évora Museum Exhibition Catalog, 2003.



1—2 Gonçalo Ribeiro Telles [imagens extraídas do vídeo "À Conversa com Gonçalo Ribeiro Telles", parte integrante da exposição] / Gonçalo Ribeiro Telles [images from the video "À Conversa com Gonçalo Ribeiro Telles", part of the exhibition]



PÁTIO NA IGREJA DE S. JOSÉ DOS CARPINTEIROS

O pátio, com cerca de 12 m², implanta-se na plataforma modelada para a construção da igreja paroquial de São José dos Carpinteiros e casas anexas, encaixando-se na estrutura morfológica urbana da encosta poente da colina de Santana.

A sequência de espaços permeáveis, constituídos por pátios e jardins associados ao casario de Santana são, como defendia Ribeiro Teles, fundamentais para a manutenção do equilíbrio das águas subterrâneas. A abundância de água é testemunhada de várias formas, nomeadamente pela presença de um poço e pela estrutura verde que irrompe dos quintais ajardinados ainda existentes. A decisão de manter o pátio o mais permeável possível foi uma premissa de base assumida desde o início do projeto.

Não tendo sido encontrados registos gráficos do que terá sido este pequeno espaço no passado, optou-se por uma solução simples e reversível, baseada em princípios biofísicos e morfológicos. Assegurar a infiltração das águas da chuva e a sua circulação subterrânea e contribuir para a valorização do conjunto edificado, remetendo pontualmente para elementos tradicionais do Jardim Português: As sebes de buxo, as trepadeiras nos muros caiados, substitutas dos desejados limoeiros em espaldar que, por razões fitossanitárias se encontram atualmente impedidos de plantar. Ainda assim, ficaram espaços livres para que no futuro possam a vir ocupar o seu lugar.

A sebe de buxos acentua a geometria espacial do pátio e limita em três dos seus lados o canteiro estreito das trepadeiras, estabelecendo ainda uma linha de fronteira e contraste com o espaço central em saibro. No quarto lado, o remate com o pavimento fez-se com uma sequência de lajes de pedra avermelhada provenientes de demolições pontuais.

Trepadeiras de folha permanente das espécies *Trachelospermum jasminoïdes* e *Pandorea jasminoïdes* conferem escala humana aos altos muros de suporte e evidenciam o conjunto edificado formado pela Igreja e casas anexas. Blocos de pedra remanescentes da obra, sem cabimento na reabilitação dos edifícios, servem agora de bancos, pontuando o pavimento como testemunhos do passado. Para a empena da sacristia foi desenhada uma cruz de azulejos oriundos do local num padrão aleatório, a colocar oportunamente. Neste espaço muito pequeno quis-se apenas fazer o essencial num registo marcado por uma grande simplicidade.

Luís Paulo Ribeiro

COURTYARD IN THE CHURCH OF S. JOSÉ DOS CARPINTEIROS

The courtyard, with about 12 m², is implanted on the modelled platform for the construction of the parish church of São José dos Carpinteiros and adjoining houses, fitting into the urban morphological structure of the west slope of Santana hill.

The sequence of permeable spaces, consisting of patios and gardens associated with the Santana houses, are, as Ribeiro Teles defended, fundamental for maintaining groundwater balance. The abundance of water is witnessed in several ways, namely by the presence of a well and the green structure that erupts from the still existing landscaped gardens. The decision to keep the patio as permeable as possible was a basic premise held since the beginning of the project.

Since there were no graphic records of what this small space may have been in the past, a simple and reversible solution based on biophysical and morphological principles was chosen. Ensuring the infiltration of rainwater and its underground circulation and contributing to the enhancement of the built complex, referring occasionally to traditional elements of the Portuguese Garden: boxwood hedges, climbers on whitewashed walls, substituting the desired lemon trees on trellises that for phytosanitary reasons are currently prevented from planting. Still, there were free spaces left so in the future they return and fill their place.

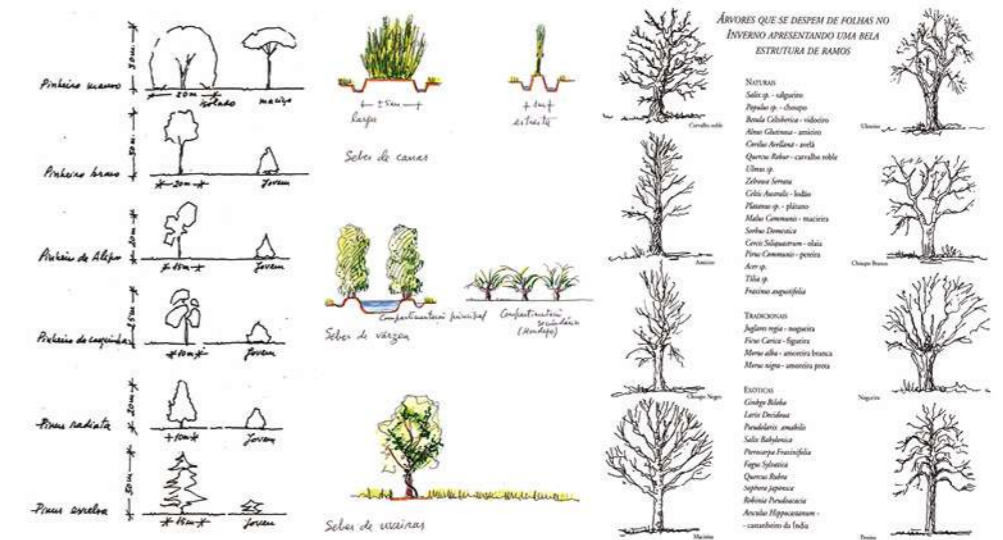
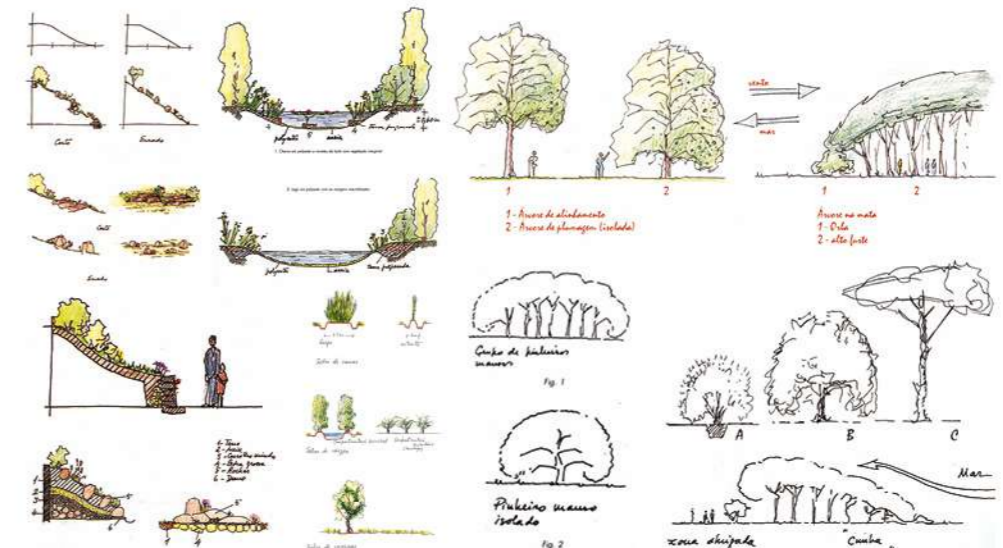
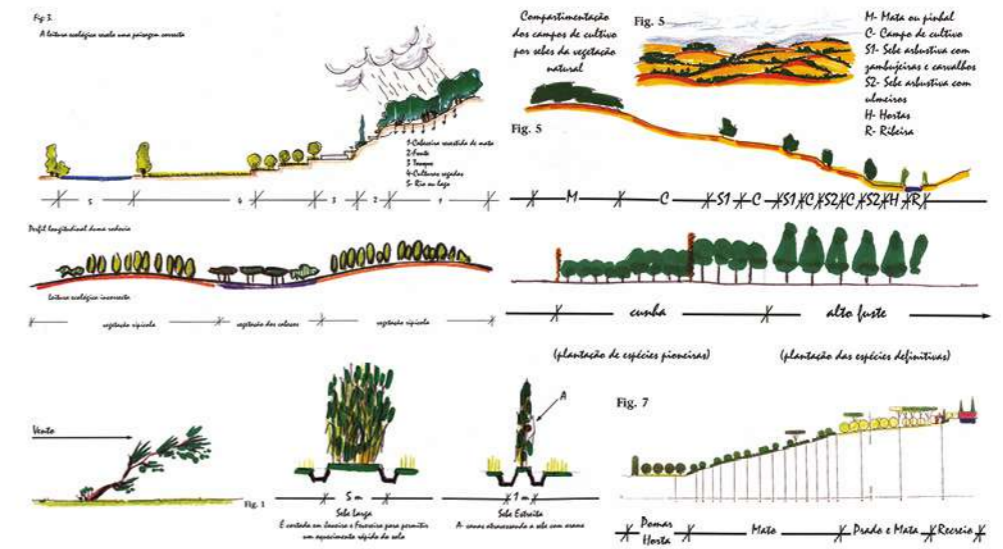
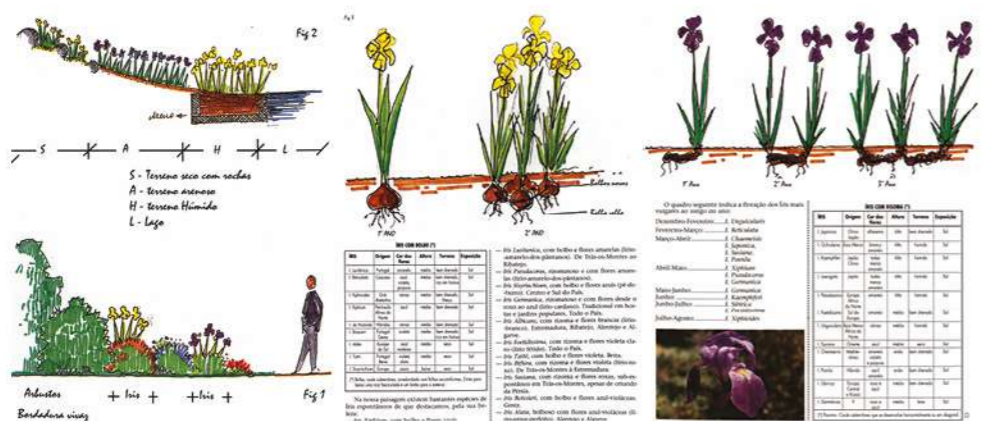
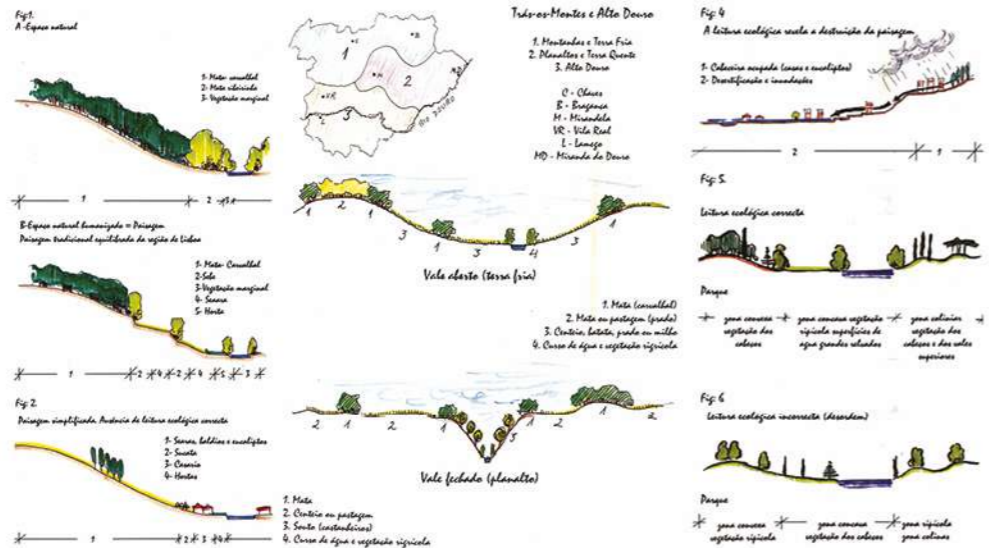
The boxwood hedge accentuates the patio's spatial geometry and limits the narrow flowerbed of climbers on three of its sides, establishing a boundary line and a contrast with the gravel central space. On the fourth side, the finishing border of the pavement was done with a sequence of reddish stone slabs that came from occasional demolitions.

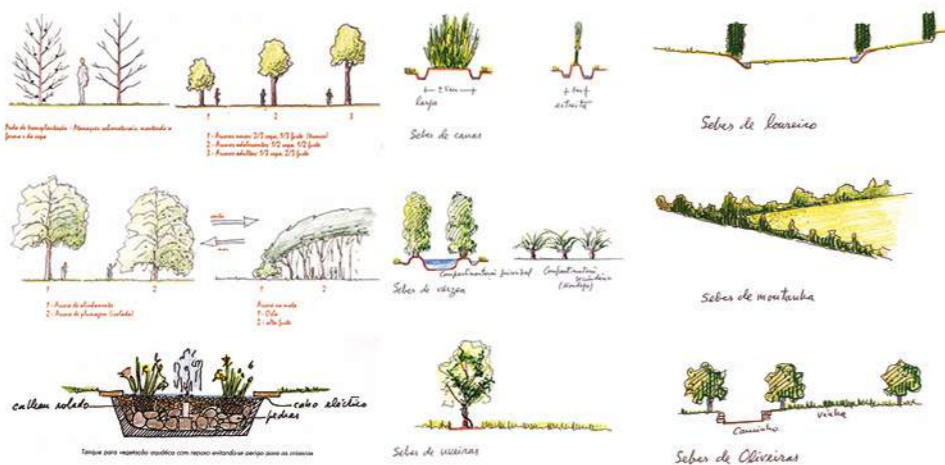
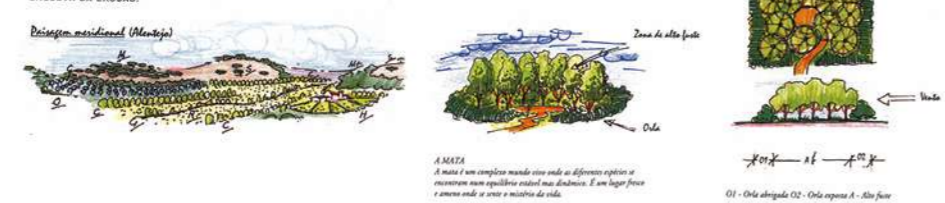
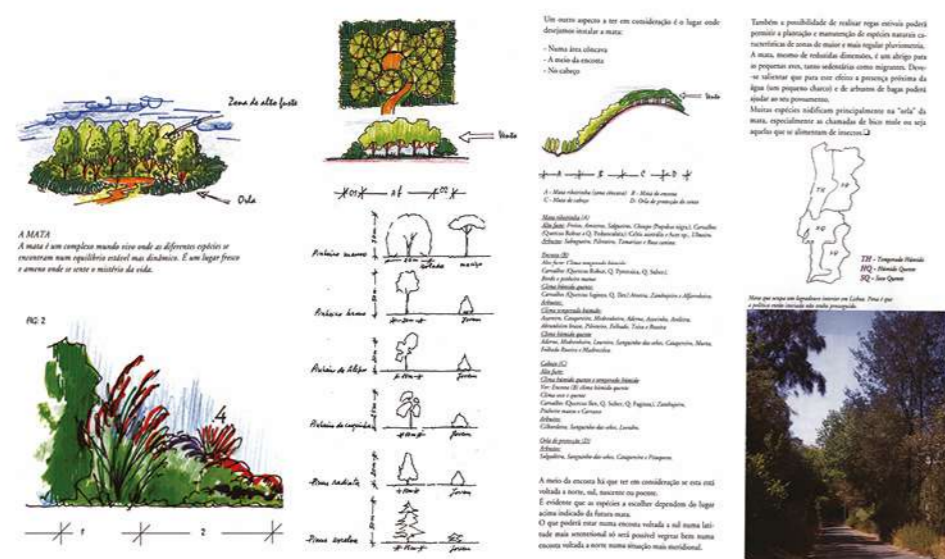
Permanent leaf climbers of the species *Trachelospermum jasminoïdes* and *Pandorea jasminoïdes* give a human scale to the high supporting walls and show the set of buildings formed by the church and annexed houses. Remaining stone blocks left from the work, without any use in the rehabilitation of buildings, now serve as benches, punctuating the pavement as testimonies from the past. For the sacristy gable, a cross of tiles from the site was designed in a random pattern, to be placed in due time. In this very small space, we solely wanted to do the essential in a style marked by great simplicity.

Luís Paulo Ribeiro

6—13 Desenhos publicados na revista Casa e Decoração, entre 1994 e 1997 [SET 94 Jardim Rochoso, JAN 95 A sebe na paisagem e no jardim, MAR 95 Ler e compreender a paisagem, MAI 95 Olhai os lírios do campo, AGO 95 Tanques, lagos e piscinas, DEZ 95 Conhecer Portugal – A paisagem dos socos, JAN 96 Trás-os-Montes – Montanhas, terra fria e terra quente, FEV 96 Conhecer Portugal – A paisagem das sebes da Costa Atlântica, MAR 96 A paisagem do Montado, JUN 96 Como tratar as árvores, OUT 96 A Mata, NOV 97 A paisagem dos arredores – Um bem precioso a desaparecer]

Drawings published in Casa e Decoração magazine, between 1994 and 1997 [SEP 94 Rock Garden, JAN 95 The hedge in the landscape and garden, MAR 95 Reading and understanding landscape, MAY 95 Look at the countryside lilies, AUG 95 Tanks, lakes and swimming pools, DEC 95 Getting to know Portugal - The terraced landscape, JAN 96 Trás-os-Montes - Mountains, cold land and warm land, FEB 96 Getting to know Portugal - The landscape of the Atlantic Coast hedges, MAR 96 The Montado landscape, JUN 96 How to treat trees, OCT 96 The Woods, NOV 97 The surrounding landscape - A precious asset disappearing]





É um dos mais reconhecidos e premiados arquitetos portugueses. Criou os emblemáticos jardins da Gulbenkian e de Amália Rodrigues e bateu-se pela construção do corredor verde que liga o centro de Lisboa até ao pulmão da cidade, o Parque Florestal de Monsanto.

He is one of the most recognized and awarded Portuguese architects. He created the emblematic gardens of Gulbenkian and Amália Rodrigues and fought for the construction of the green corridor that connects Lisbon's centre to the lung of the city, the Parque Florestal de Monsanto.

A Federação Internacional dos Arquitetos Paisagistas distinguiu-o com o prémio Sir Geoffrey Jellicoe, um dos prémios que recebeu ao longo da sua já vasta carreira. Estas são algumas das principais regras que o especialista defende para a criação de um jardim sustentável:

The International Federation of Landscape Architects distinguished him with the Sir Geoffrey Jellicoe award, one of the several awards he has received throughout his already vast career. These are some of the main rules that the expert advocates for the creation of a sustainable garden:

1— Aposte na sublimação do lugar, “*torando-o feliz e ameno*”, recomenda Gonçalo Ribeiro Telles.

1— Bet on the sublimation of the place, “*making it happy and mild*”, recommends Gonçalo Ribeiro Telles.

2— Invista em lagos e charcos. “*A presença da água, traduzida na sua serenidade estética, confere um movimento ritmado e uma dinâmica musical ao jardim*”, assegura o arquiteto.

2— Invest in lakes and ponds. “*The presence of water, translated into its aesthetic serenity, gives the garden a rhythmic movement and musical dynamics*”, assures the architect.

3— Arrisque em espécies que podem fazer a diferença, para sublimar “*a pujança da natureza compreendida na sua diversidade biológica e no ritmo de vida*”, aconselha o especialista.

3— Take a chance on species that can make a difference, to sublimate “*the strength of nature understood in its biological diversity and in rhythm of life*”, advises the expert.

4— Tire partido da luminosidade natural dos espaços. “*O esplendor da luz é conseguido através do contraste sombra-claridade e da harmonia das cores*”, explica Gonçalo Ribeiro Telles.

4— Take advantage of the natural luminosity of the spaces. “*The splendour of light is achieved through the contrast between shadow-clarity and the harmony of colours*”, explains Gonçalo Ribeiro Telles.

5— Deixe-se influenciar pela geometria, apostando na “*profundidade das perspectivas e o recorte dos sucessivos planos conseguindo valorizar distancias e formas*”, esclarece.

5— Let yourself be influenced by geometry, betting on “*the depth of perspectives and the outline of successive plans, managing to value distances and shapes*”, he explains.

6— Olhe à sua volta. “*A integração na paisagem envolvente, sempre que esta seja ordenada e bela*”, como esclarece Gonçalo Ribeiro Telles, deve ser sempre uma prioridade.

6— Look around you. “*Integration into the surrounding landscape, whenever it is ordered and beautiful*”, should always be a priority as Gonçalo Ribeiro Telles describes.

7— Não imponha uma visão que pode não ser a mais adequada. “*Aceitar com base da conceção do jardim ou da paisagem a ordem natural da natureza liberta da aceção da sociedade humana*” é outra das recomendações do arquiteto.

7— Do not impose a view that may not be the most appropriate. “*To accept, based on the design of the garden or the landscape, the natural order of nature freed from the acceptance of human society*” is another of the architect's recommendations.

8— Valorize os aspetos culturais da paisagem. Tal implica “*impor à ordem natural a ordem cultural que sublimará aquela em face do seu único utente, o homem*”, afirma o especialista.

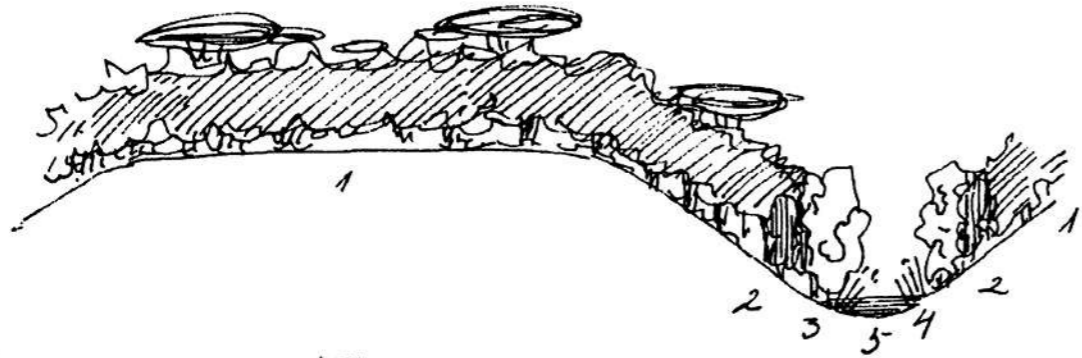
8— Value the cultural aspects of the landscape. This implies “*imposing on the natural order the cultural order that will sublimate it in the face of its only user, man*”, says the specialist.

9— Evite os excessos. Esta recomendação passa por “*exaltar no jardim ou na paisagem a simplicidade no ordenamento das coisas, evitando a decoração pela decoração*”, alerta Gonçalo Ribeiro Telles.

9— Avoid excesses. This recommendation involves “*exalting the simplicity of ordering things in the garden or in the landscape, avoiding decoration by decoration*”, warns Gonçalo Ribeiro Telles.

10— Planeie e não tenha medo de recorrer a ajuda especializada. “*Um jardim e uma paisagem são fruto de conceções e projetos e nunca de arranjos ou decorações, pelo que a sua grandeza e beleza resulta no que lhes é essencial na medida certa*”, afirma o arquiteto.

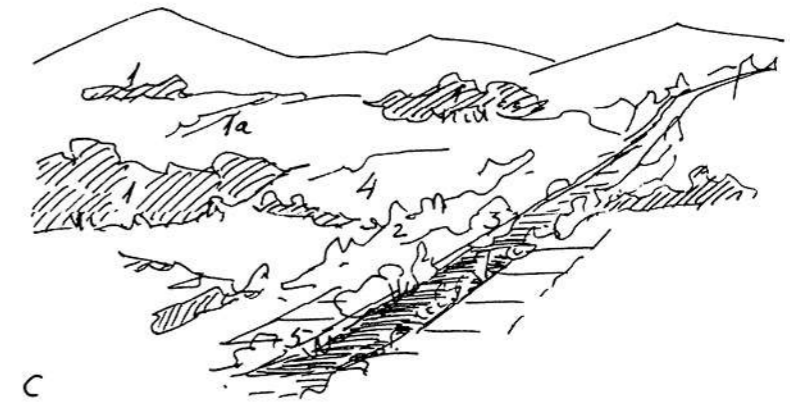
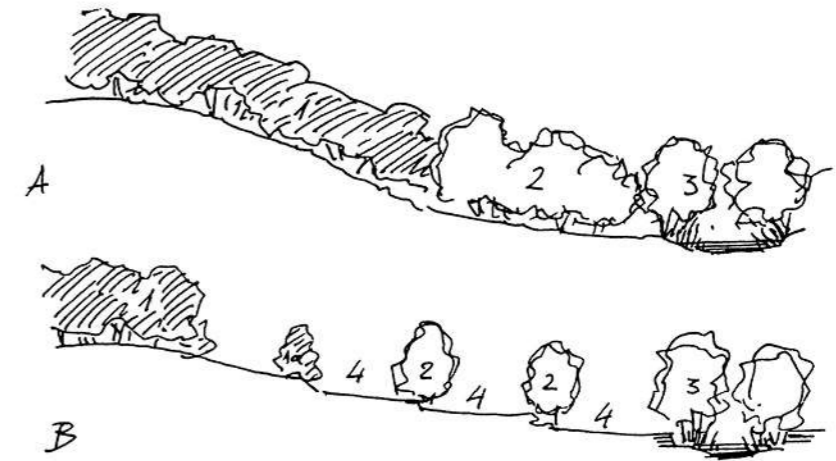
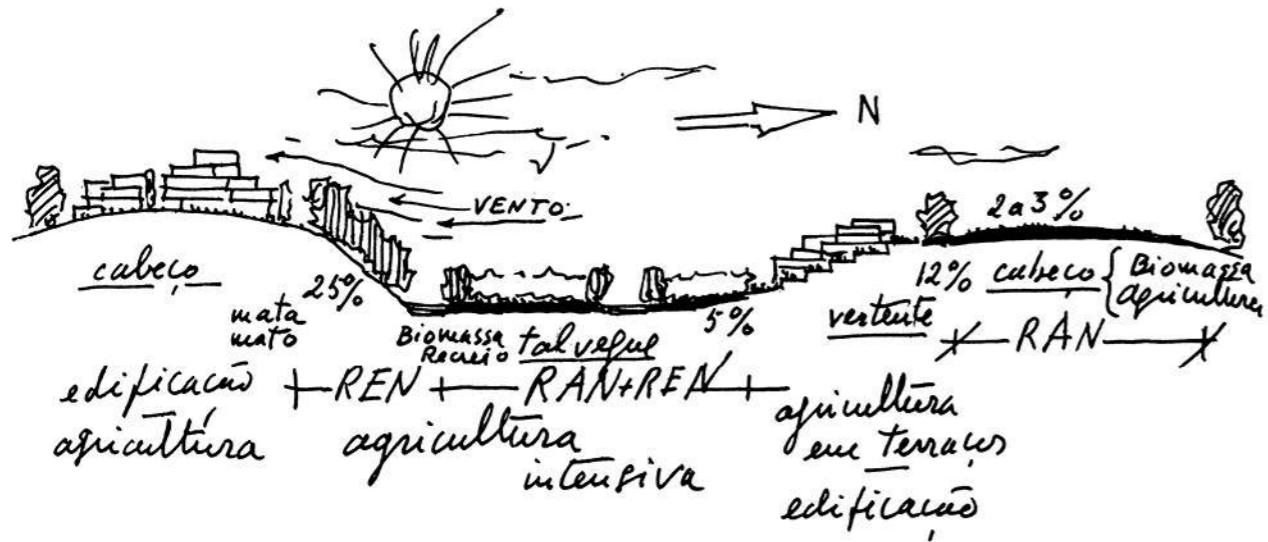
10— Plan and don't be afraid to seek specialized help. “*A garden and a landscape are the result of conceptions and projects and never of ornaments or decorations, therefore their grandeur and beauty results in what is essential to them within the right measure*”, says the architect.



A primeira natureza.

o Ermo

- 1- Cavaalhal da zona húmida quente. Solmeir, Cavaalho cerpinho, Lamberpeiro, Ribeiros mauro
- 2- Orla
- 3- Galeria ripícola
- 4- Vegetação marginal
- 5- Ribeira

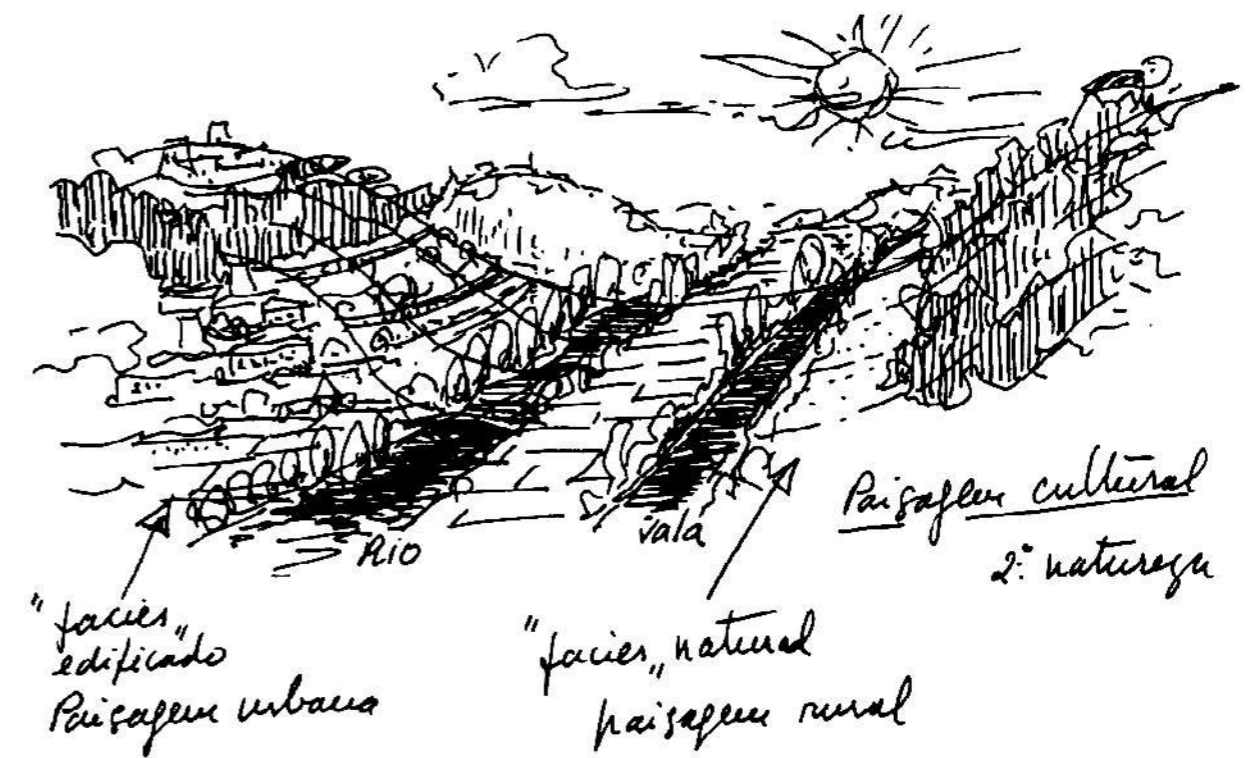
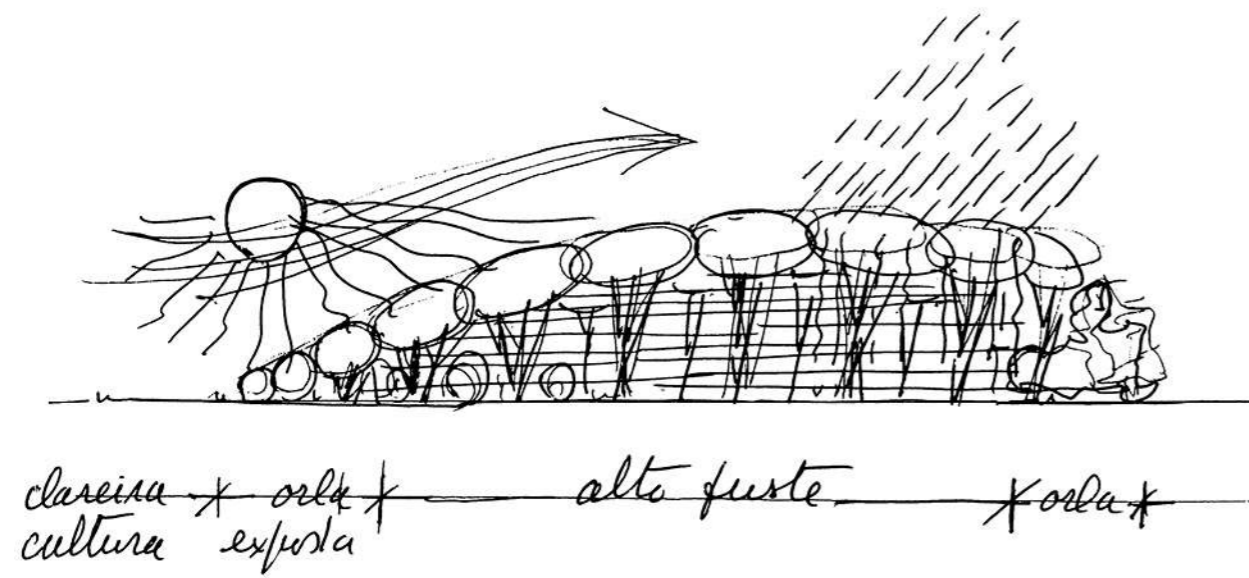
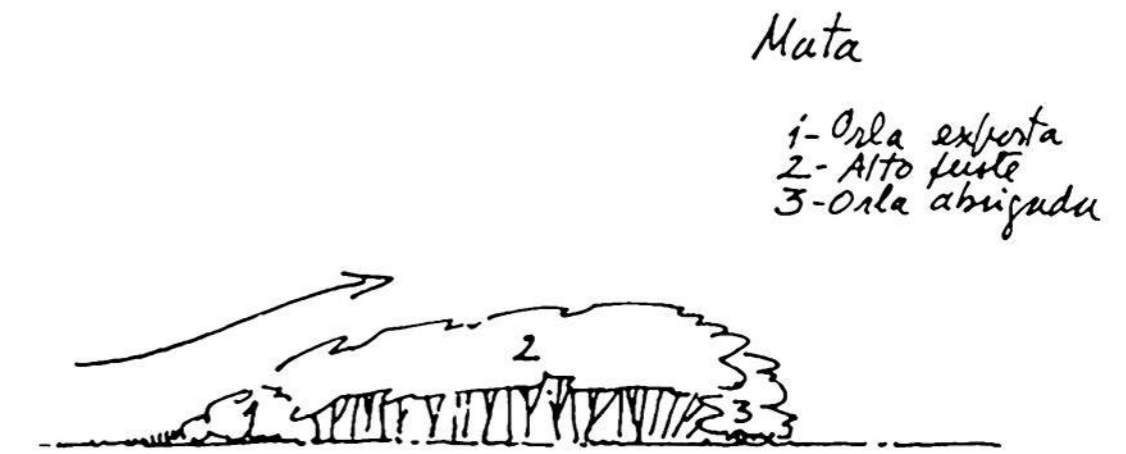
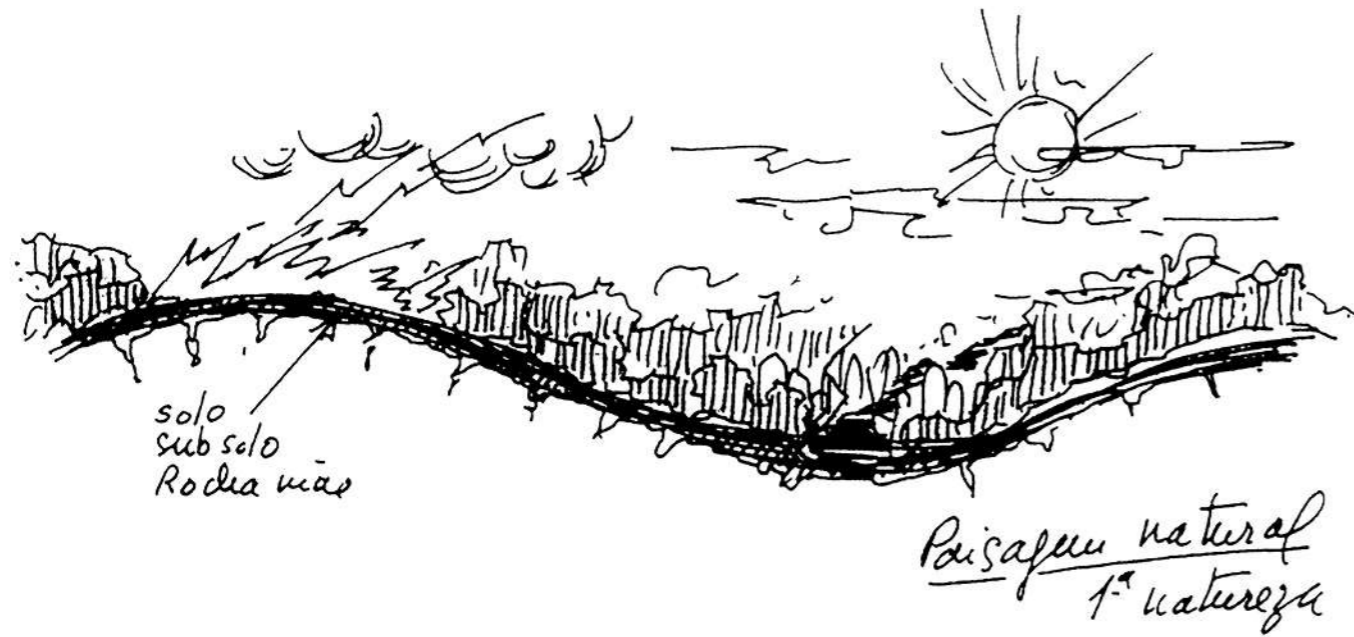


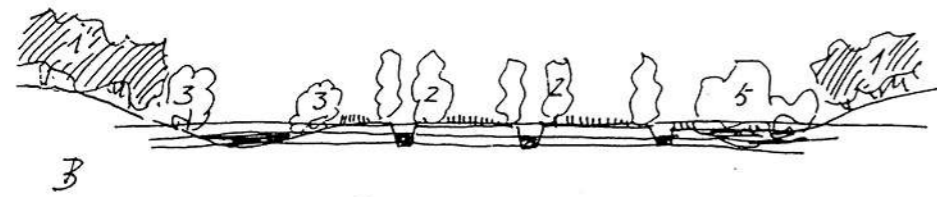
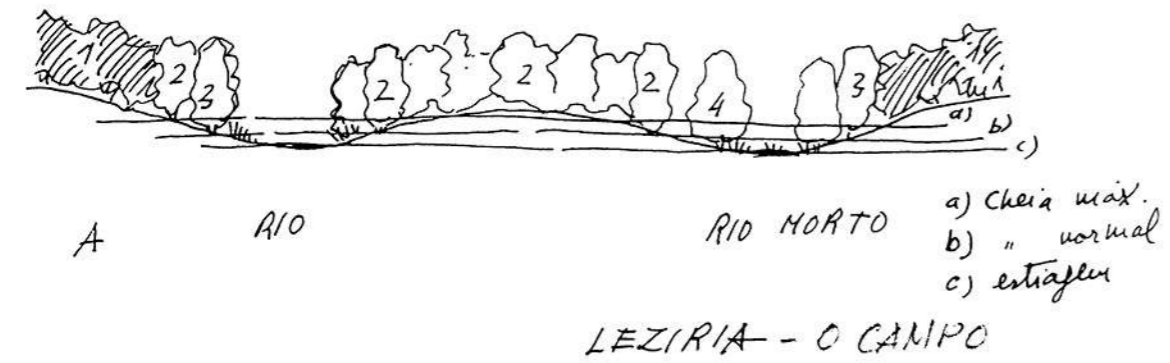
A invenção da sebe

- A - Perfil natural
- B - " cultural
- C - forma da paisagem

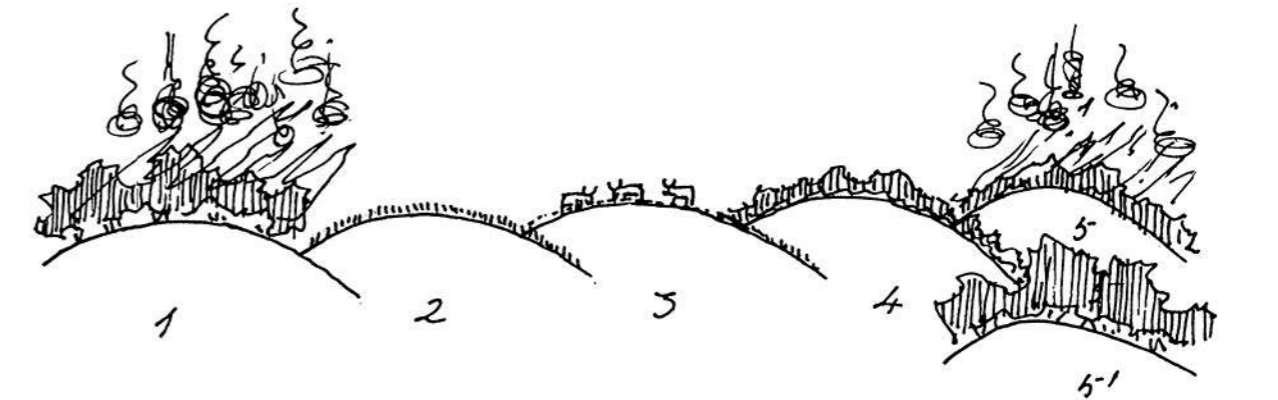


- 1- Mata (cavaalhal)
- 1a- Sebe arbustiva
- 2- Mata ribeirinha
- 3- Vegetação marginal
- 4- Seara ou vinha
- 5- Horta

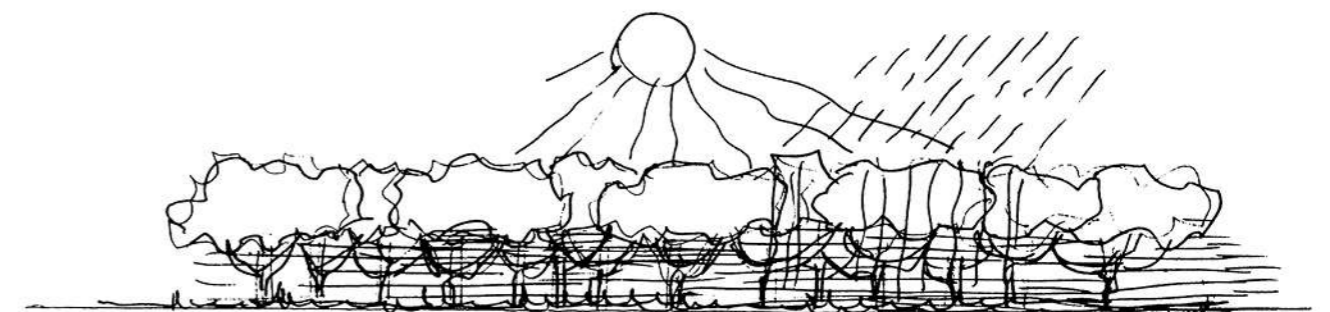


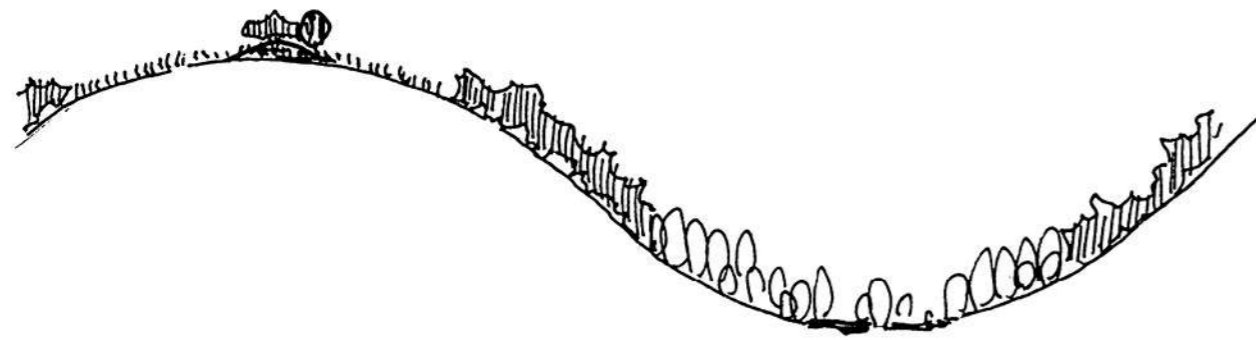


- 1- MATA (CARVALHAL) ou MONTADO
 - 2- MATA RIBEIRINHA (SEBE)
 - 3- VEGETAÇÃO MARGINAL
 - 4- AMEAL
 - 5- CULTURA
- A - PERFIL NATURAL
B - " CULTURAL
C - FORMA DA PAISAGEM



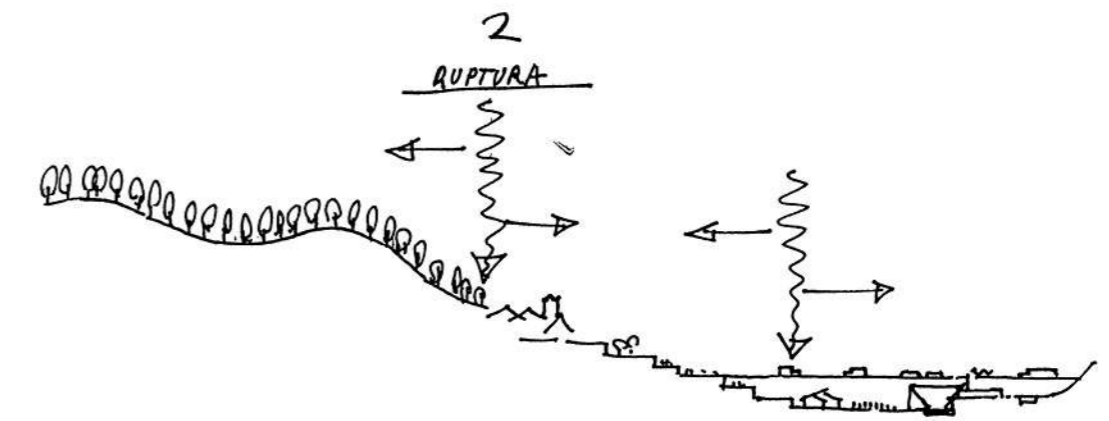
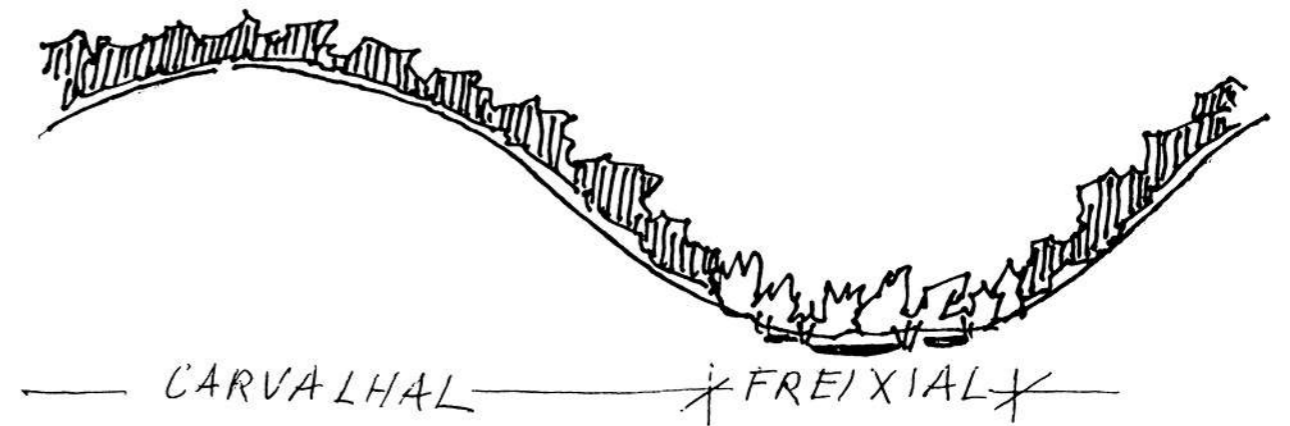
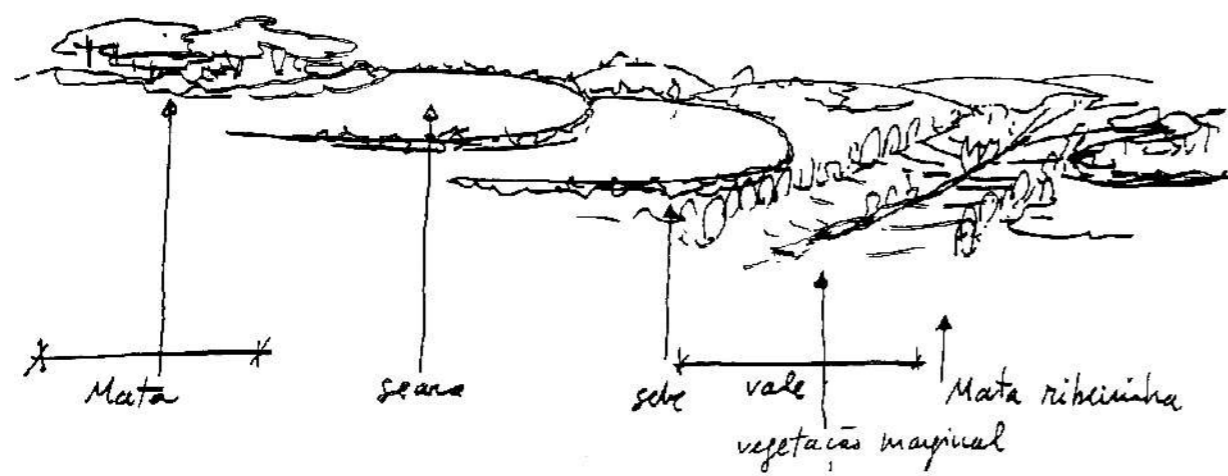
X Fogo — X 1º cultivo ou pastoreio — X pastoreio — X mato — X fogo — X mata 5'





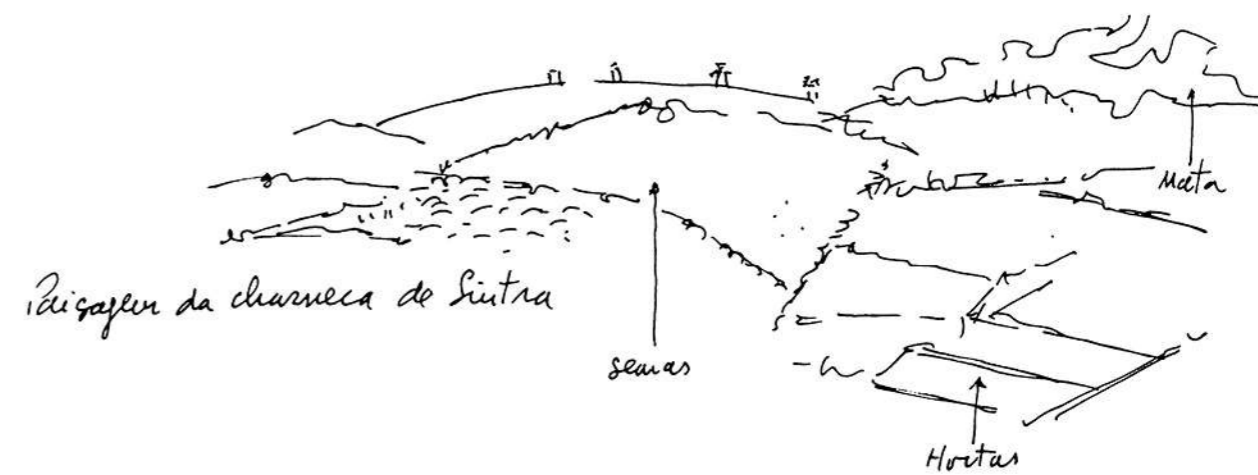
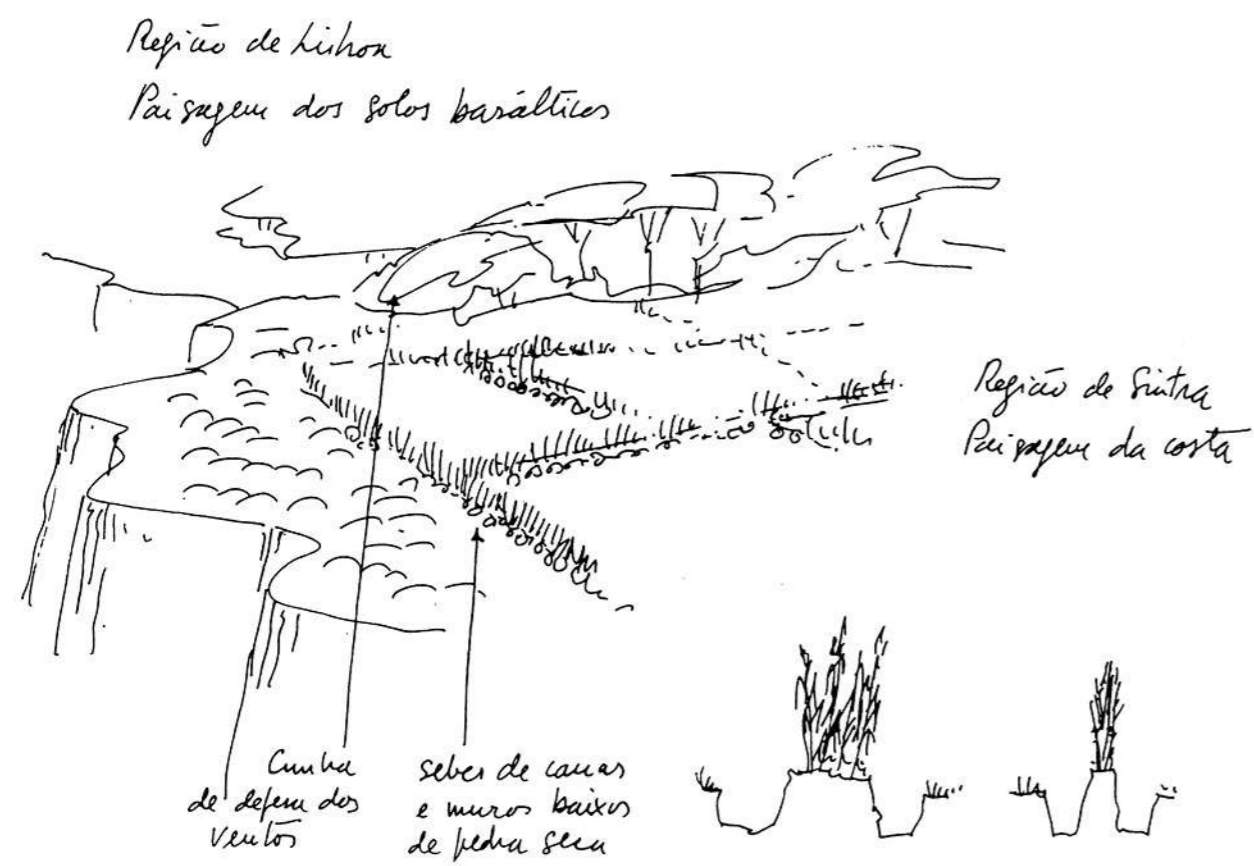
ANTA

* clareiras abertas * mata * mata humida e
 pelo fogo ou seca semi- *
 mata ou matagal dual * linhas de agua *



"Monte da paisagem"

— Povoamento florestal (Pinhal, Eucaliptal) — * — Socalcos — * — campos em vadios por moradias, fábricas e aterros de estradas —





Permanente Transmissão do Conhecimento Permanent Transmission of Knowledge

Em 1975 o Arquitecto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles é convidado para a criação de um curso de Arquitectura Paisagista no Instituto Universitário de Évora. Foram criadas uma estrutura e uma organização que permitem o reconhecimento internacional, iniciando-se a docência com uma equipa muito reduzida e entusiasta. “[...] O Professor Gonçalo Ribeiro Telles faz parte desse restrito grupo de professores, capazes de contaminar os alunos com o seu entusiasmo, a sua paixão e as suas fortes convicções, despertando o interesse e curiosidade necessários, para que sejam capazes de prosseguir uma contínua e permanente formação, para além do momento académico.”¹

Leonor Cheis

ELOGIO AO ESTUDANTE

Quando a Universidade de Évora me convidou para criar uma obra na grande parede lateral do átrio do novo edifício do Colégio da Mitra, duas ideias me acudiram de imediato: o azulejo e, como tema, o estudante. Perante a qualidade do espaço arquitectónico que se me oferecia, impunha-se conseguir a integração da nova obra na sequência formal já existente, respeitando o carácter que o autor lhe conferira. Numa primeira avaliação do espaço, tornou-se óbvia uma nítida semelhança de forma e de uso, com o Claustro Grande do Colégio do Espírito Santo, todo ele rodeado por salas de aula, varandim superior e inferior e o inerente movimento diário de estudantes. Inspirado nesta fonte e na minha própria vivência diária, não me foi difícil desenvolver uma composição gerada por movimentos e relações em que por força da minha actividade docente, tão profundamente conhecia. Cada figura criada se inspira numa realidade, com nome, lugar e memória.

Cada figura está afectivamente ligada a este ou àquele aluno sem no entanto o retratar objectivamente, mas tomando-o apenas como modelo e parte do elogio à sua condição de estudante, indelével, também, da minha própria condição de docente. Nas subtilidades do cobalto e no vigor do sépia, procurei exprimir um somatório de gratas experiências e surpreendentes vivências que sempre sucedem numa pedagogia activa. Ensinar e aprender é, também, um acto criador e que neste caso dá lugar a nova criação, esta, em que o elogio se dirige todo ele ao estudante, nas suas atitudes quotidianas. Desenhar a esta escala foi o prazer da linha, de gesto largo e expressivo. Pintar sem cor, uma experiência de sensibilidade e técnica rigorosa em procura das tonalidades a conseguir. Por fim o fogo que devolveu a cor e o brilho do vidro à matéria de cada azulejo a compor a história de um todo harmonioso.²

Nuno de Mendonça

¹ CHEIS, Leonor, em *A Utopia e os pés na terra*, Catálogo Exposição Museu de Évora, 2003.

² MENDONÇA, Nuno, em 2020.

In 1975, Landscape Architect Gonçalo Ribeiro Telles is invited to create a Landscape Architecture course at Instituto Universitário de Évora. A structure and organization were created which allowed international recognition, and the teaching started off with a very small and enthusiastic team. “[...] Professor Gonçalo Ribeiro Telles is part of this restricted group of teachers, capable of contaminating students with his enthusiasm, passion and strong convictions, arousing the necessary interest and curiosity, so that they are able to pursue a continuous and ongoing training, beyond the academic moment.”¹

Leonor Cheis

EULOGY TO THE STUDENT

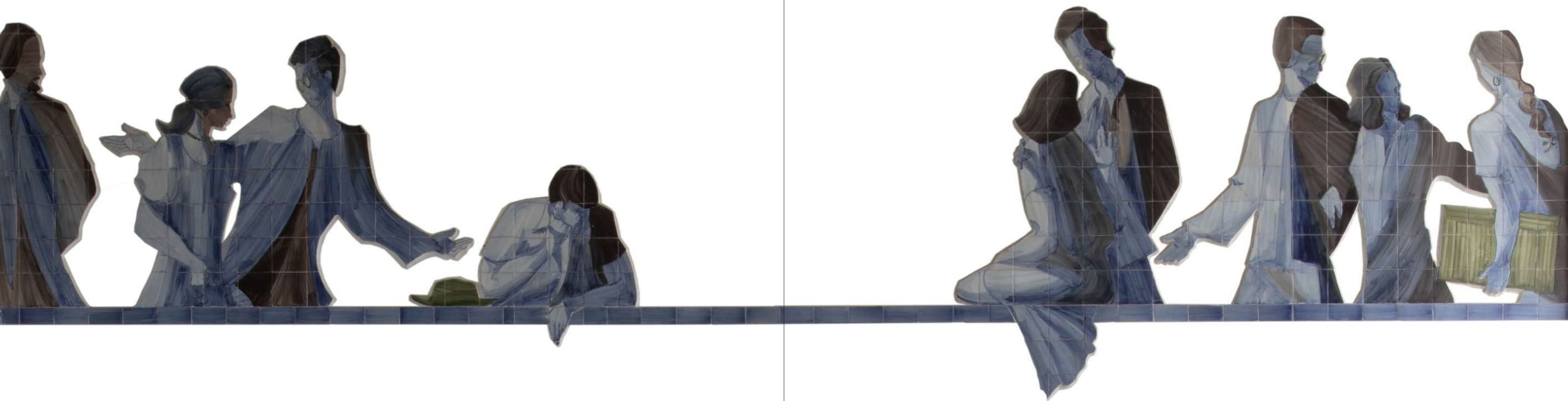
When I was invited by Universidade de Évora to create a work on the large sidewall of the new building's atrium at Colégio da Mitra, two ideas came to me immediately: the tile and, as a theme, the student. In view of the quality of the architectural space offered to me, it was necessary to achieve the integration of the new work in the existing formal sequence, respecting the character that the author had given to it. In a first assessment of the space, a clear similarity of form and use became obvious, with the Large Cloister of Colégio do Espírito Santo, all surrounded by classrooms, upper and lower balconies and the inherent daily movement of students. Inspired by this source and my own daily experience, it was not difficult for me to develop a composition generated by movements and relationships in which, due to my teaching activity, I knew so deeply. Each figure created is inspired by a reality, with name, place and memory.

Each figure is affectionately linked to this or that student without, however, portraying him/her objectively, but taking him/her only as a model and part of the praise for his/her condition as a student, also inextricable from my own condition as a teacher. In the subtleties of cobalt and the vigour of sepia, I tried to communicate a sum of pleasant and surprising experiences that always succeed in an active pedagogy. Teaching and learning are also a creative act, which in this case gives rise to a new creation, this one, in which the praise is all directed at the student, in his/her daily attitudes. Drawing at this scale was the pleasure of the line, of a wide and expressive gesture. To paint without colour, an experience of sensitivity and rigorous technique in search of all achievable shades. Finally, the fire that restored the colour and shine of glass to the material of each tile composing the story of a harmonious whole.²

Nuno de Mendonça

¹ CHEIS, Leonor, in *A Utopia e os pés na terra*, Catálogo Exposição Museu de Évora, 2003.

² MENDONÇA, Nuno, in 2020.



25 Elogio do Aluno, Nuno de Mendonça - Pormenor do Painel de Azulejo,
Colégio da Mitra / *Eulogy to the Student, Nuno de Mendonça - Detail from the
Tile Panel, Colégio da Mitra*





"[...] pretende-se no presente plano abolir a tradição do logradouro privado, murado, em geral insalubre e sempre inútil como espaço livre utilizável para recreio e amenidade da população.

Também se tentou em Alvalade a solução do logradouro comum pertencente a vários proprietários, sem qualquer resultado satisfatório, prevalecendo em maior escala os inconvenientes dos logradouros privativos dos lotes. Tenta-se agora introduzir o conceito do espaço livre comum, de propriedade municipal e utilizável por toda a população em condições salutaras para a sua vida diária.

[...] verifica-se a viabilidade financeira da solução, de vantagens tão óbvias e resultantes de uma experiência já largamente adquirida em Lisboa nos últimos anos. Os espaços verdes, assim conseguidos, carecem de arranjo vegetal adequado.

[...] Solicitou-se, por isso, estreita colaboração dos arquitetos paisagistas.

[...] Pretende-se com a distribuição da vegetação resolver os seguintes pontos:

- 1— O enquadramento de uma maneira natural dos edifícios previstos de forma a que todo o conjunto surja perfeitamente adaptado ao condicionalismo panorâmico e paisagístico do local.**
- 2— O aproveitamento dos espaços livres como logradouros de recreio e descanso ameno da população local.**
- 3— Uma proteção eficaz dos ventos do quadrante Norte, determinantes paisagísticos da região de Lisboa.**
- 4— A criação de um ambiente que concorra para a necessária compreensão do habitante da Cidade da natureza, de que o moderno condicionalismo cada vez mais o afasta.**

Para a resolução do 1º ponto prevê-se que a distribuição da vegetação esteja em perfeita harmonia estética e ecológica, acompanhando todos os condicionalismos de uma e outra ordem [panorâmicos, topográficos, edafológicos, etc...]. A vegetação a empregar será também, portanto, a da formação climática, desenvolvendo-se ao longo das encostas e vales com as diferentes associações exigidas pela ecologia [...].

Atendendo ao 2º ponto pretendeu-se que as diferentes manchas principais em que a vegetação se distribui e alterna [mata, zonas arbustivas, relvados naturais e simples terrenos] procurassem criar diferentes aspectos e condições que permitam solucionar de uma forma prática, simples e natural os problemas do logradouro.

A defesa dos ventos estivais do quadrante Norte, particularmente premente em toda a região de Lisboa, prevê-se que seja realizada com a formação de cortinas de arvoredo, sempre que possível normal à direção do vento dominante [...].

"[...] the present plan intends to abolish the tradition of private, walled, generally unhealthy and always useless courtyards as a usable free space for the recreation and pleasantness of the population.

In Alvalade, the solution of a common courtyard shared by several owners was also experimented without any satisfactory result, prevailing on a larger scale the inconveniences of private courtyards of the plots. We are now attempting to introduce the concept of the common courtyard, municipally owned and usable by the entire population in healthy conditions for their daily life.

[...] the financial viability of the solution is demonstrated, of so obvious advantages and resulting from an experience already largely acquired in Lisbon in recent years. The green spaces, thus obtained, lack adequate plant arrangement.

[...] Therefore, the close collaboration of landscape architects was requested.

[...] Vegetation distribution is intended to solve the following points:

- 1— The natural setting of planned buildings so that the whole complex is perfectly adapted to the panoramic and scenic constraints of the site.*
- 2— The use of free spaces as recreational and pleasant relaxing places for the local population.*
- 3— An effective protection from the winds of the North quadrant, landscape determinants of the Lisbon region.*
- 4— The creation of an environment that contributes to the necessary understanding of the resident of this nature's City, from which modern conditionality increasingly pushes him away.*

For the resolution of the 1st point, it is foreseen that the distribution of vegetation is in perfect aesthetic and ecological harmony, following all the constraints of both orders [panoramic, topographic, edaphological, etc.]. The vegetation to be employed will therefore also be that of climatic formation, developing along the slopes and valleys with the different associations required by ecology [...].

Considering the 2nd point, it was intended that the different main patches in which vegetation is distributed and alternates [forest, shrubby areas, natural lawns and simple land] seek to create different aspects and conditions that allow solving in a practical, simple and natural way, the problems of the courtyard.

The defence of the summer winds in the North quadrant, particularly pressing throughout the whole Lisbon region, is expected to be carried out with the formation of grove curtains, whenever possible normal to the prevailing wind direction [...].

Evidently, the arboreal massifs will neither harm the indispensable sunlight of housing blocks nor their panoramic possibilities.

26 Pedido de informações da D.S.U.O. à D. S. T. E. sobre a solução a adotar para a concepção do arranjo imposto pela Câmara dos pequenos jardins privados junto aos prédios, e conveniência na revisão dos balanços das suas varandas. João Oliveira e Sousa. 07.06.1956. AML / Request for information from D.S.U.O. to D. S. T. E. about the solution to be adopted for the design of the arrangement imposed by the Câmara for the small private gardens next to the buildings; and convenience in reviewing their balconies. João Oliveira e Sousa 27—28 Informação da resposta a este pedido. Gonçalo Ribeiro Telles. 22.06.1956. AML / Information on the response to this request. Gonçalo Ribeiro Telles.

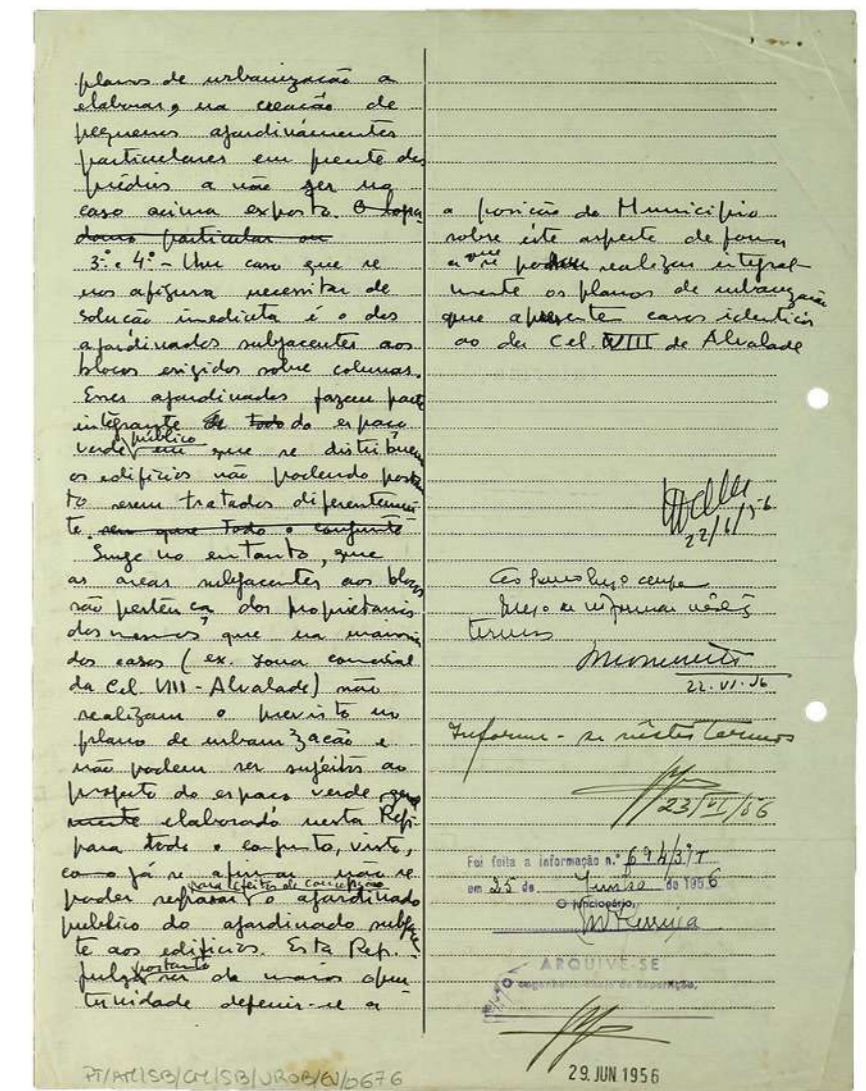
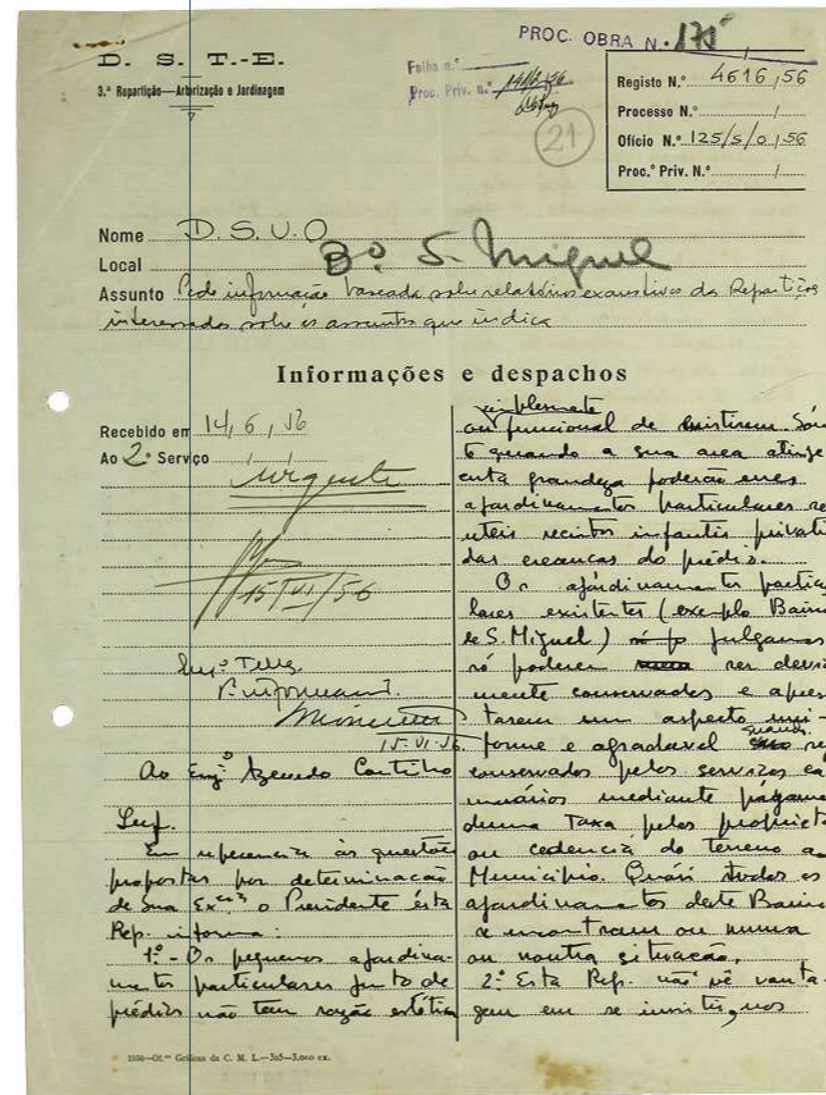
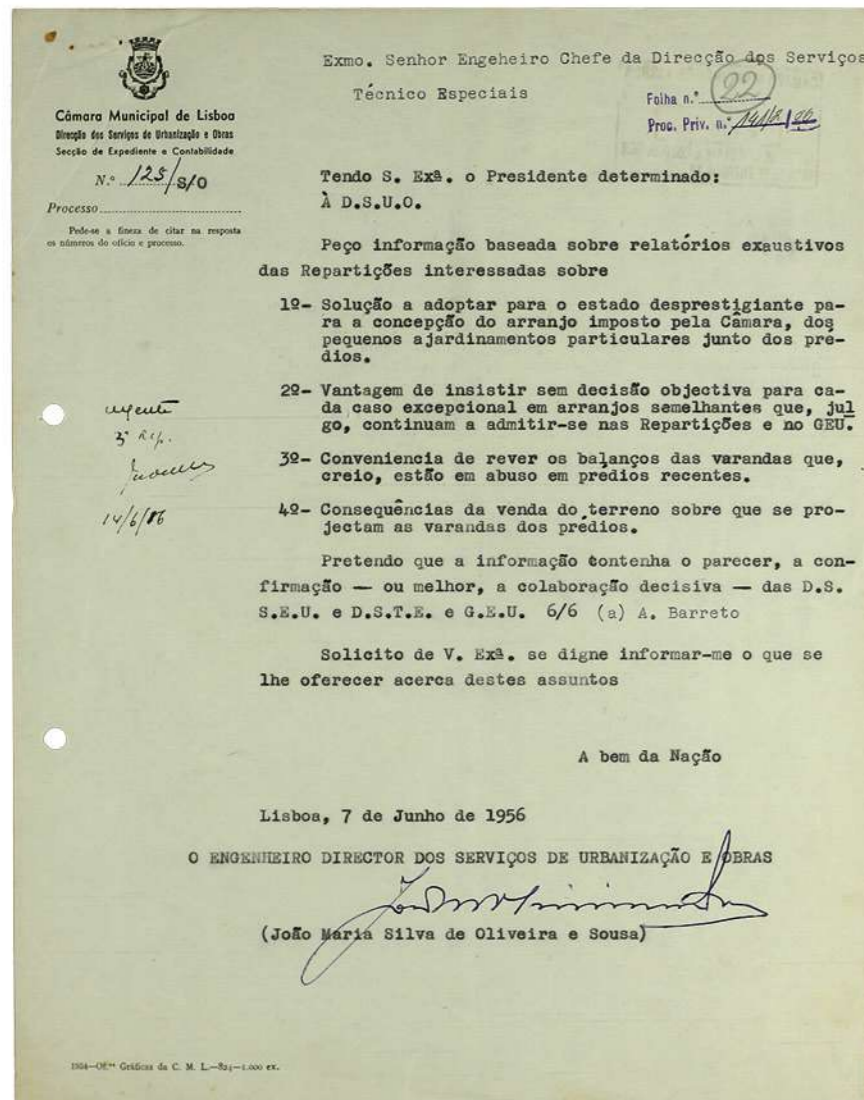
Evidentemente que os maciços arbóreos não prejudicarão em nada a necessária insolação dos blocos habitacionais, nem as suas possibilidades panorâmicas.

This whole landscape complex contributes to the resolution of the 4th point mentioned, which, however, will be much better highlighted with a careful distribution of deciduous species and flower and berry shrubs that will give for the same place, different aspects during the course of the seasons."¹

Todo este conjunto paisagístico concorre para a resolução do 4º ponto referido que, no entanto, será melhor realçado com uma criteriosa distribuição das espécies de folha caduca e dos arbustos de flor e baga que darão, para o mesmo local, diferentes aspectos com o decorrer das estações."¹

¹ [Memória descritiva do Plano de Urbanização da Encosta do Restelo – II fase. GEU. Coord. Engº Luís Guimarães Lobato. Arquitetos paisagistas Manuel Azevedo Coutinho. Gonçalo Ribeiro Telles. 1954. CML AC.]

¹ [Memória descritiva do Plano de Urbanização da Encosta do Restelo – II fase. GEU. Coord. Engº Luís Guimarães Lobato. Arquitetos paisagistas Manuel Azevedo Coutinho. Gonçalo Ribeiro Telles. 1954. CML AC.]

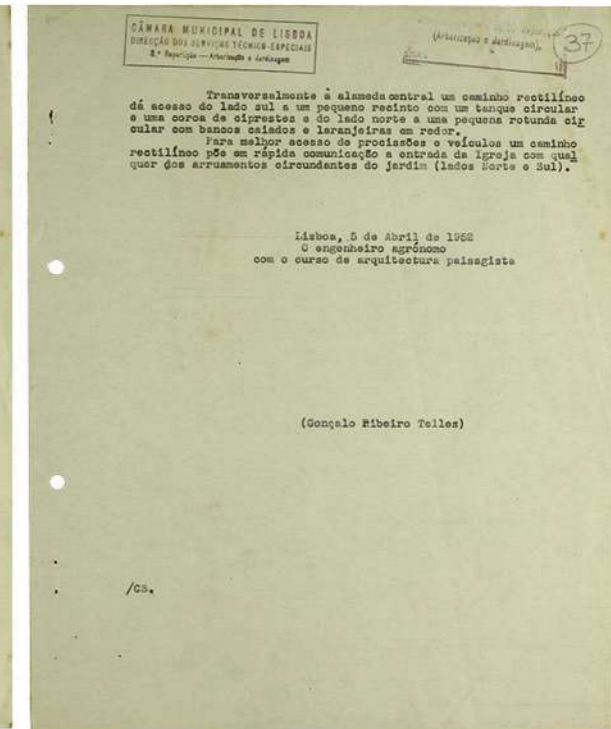
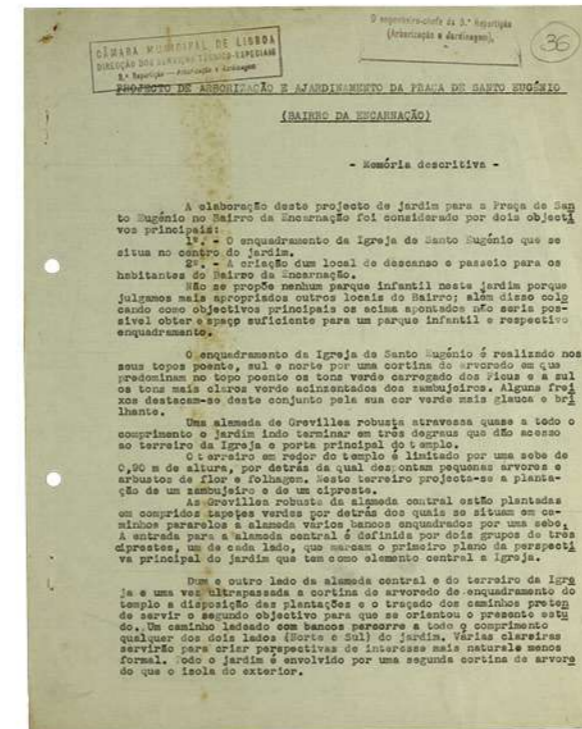


29 Projeto de arborização e ajardinamento da Praça de Santo Eugénio. Plano geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/500.1951. FCG. BA / Garden design of Praça de Santo Eugénio. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.

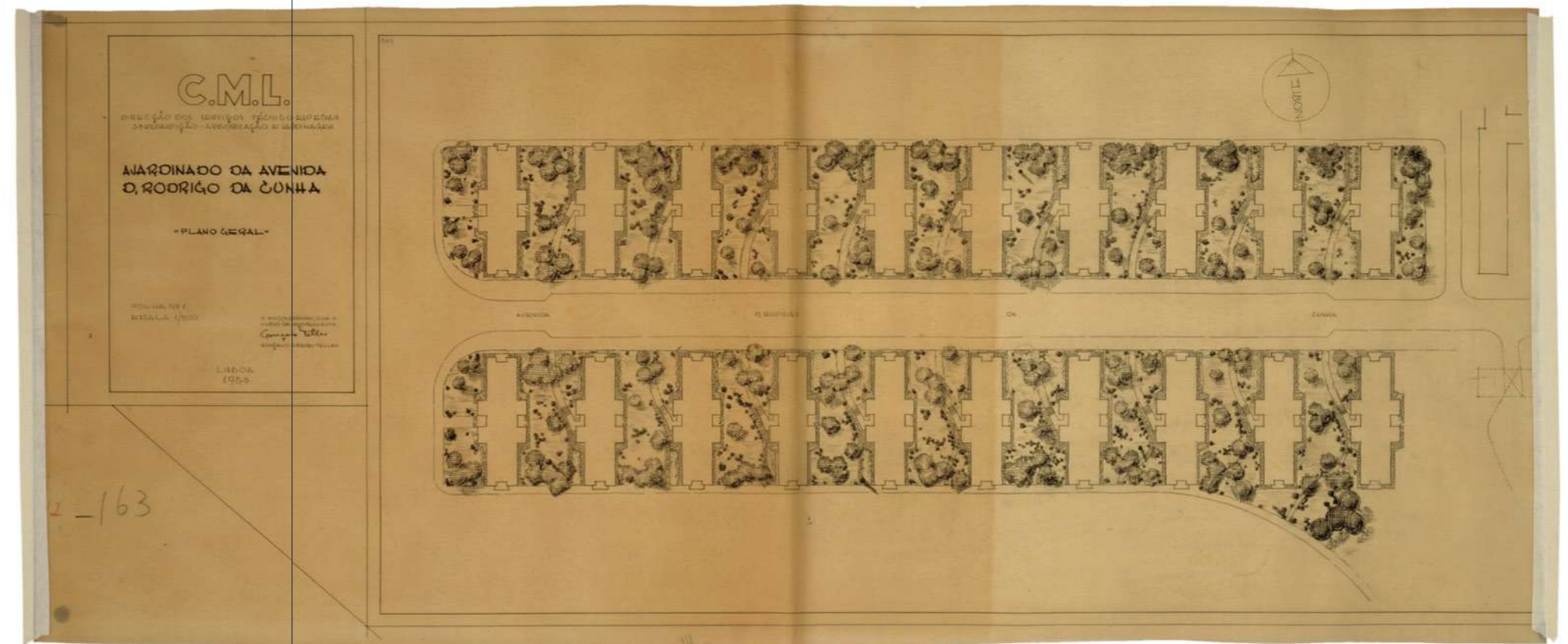
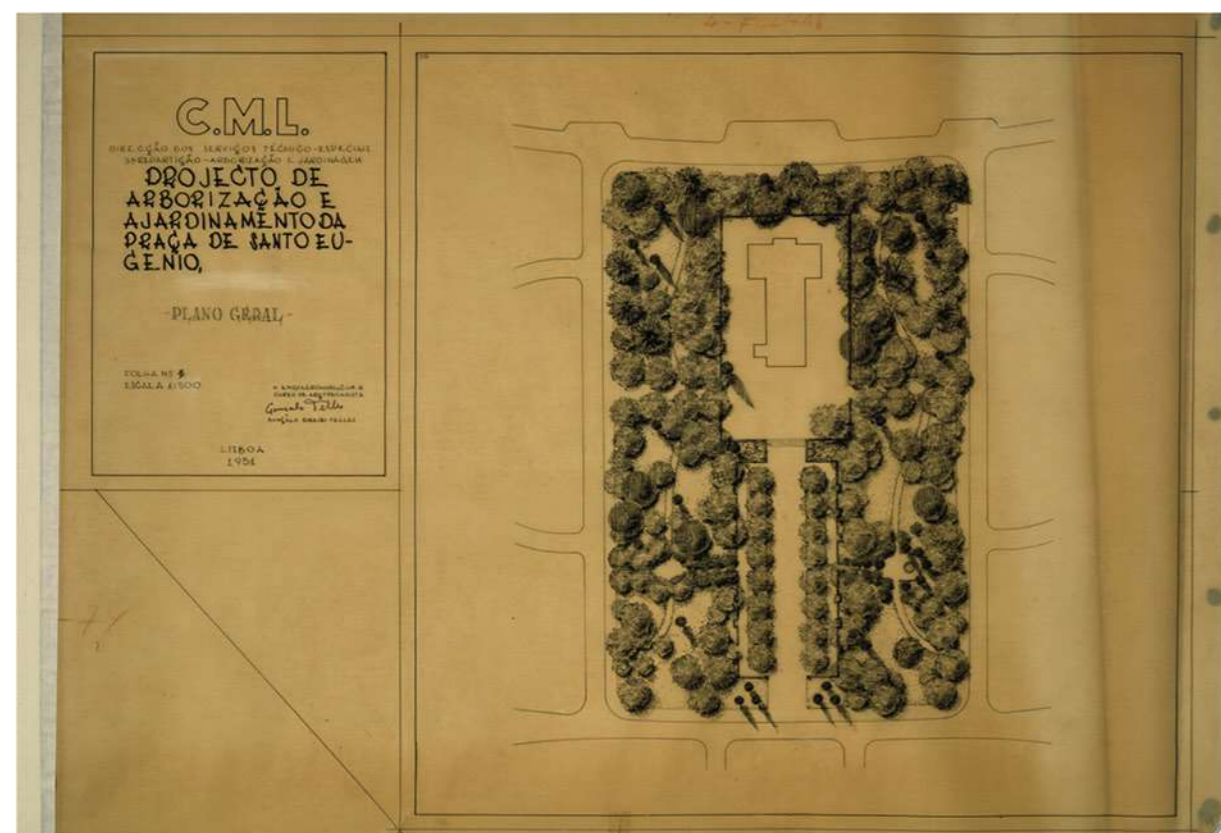
30 Praça de Santo Eugénio. 2003. Fotografia Manuel Silveira Ramos. FCG. BA / Praça de Santo Eugénio. 2003. Photography Manuel Silveira Ramos.



31—32 Projeto de arborização e ajardinamento da Praça de Santo Eugénio. Memória descritiva. Gonçalo Ribeiro Telles. 05-04.1952. AML / Garden design of Praça de Santo Eugénio. Descriptive document. Gonçalo Ribeiro Telles.



33 Ajardinado da Avenida D. Rodrigo da Cunha. Plano Geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/500.1953. FCG. BA / Garden design of Avenida D. Rodrigo da Cunha. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.

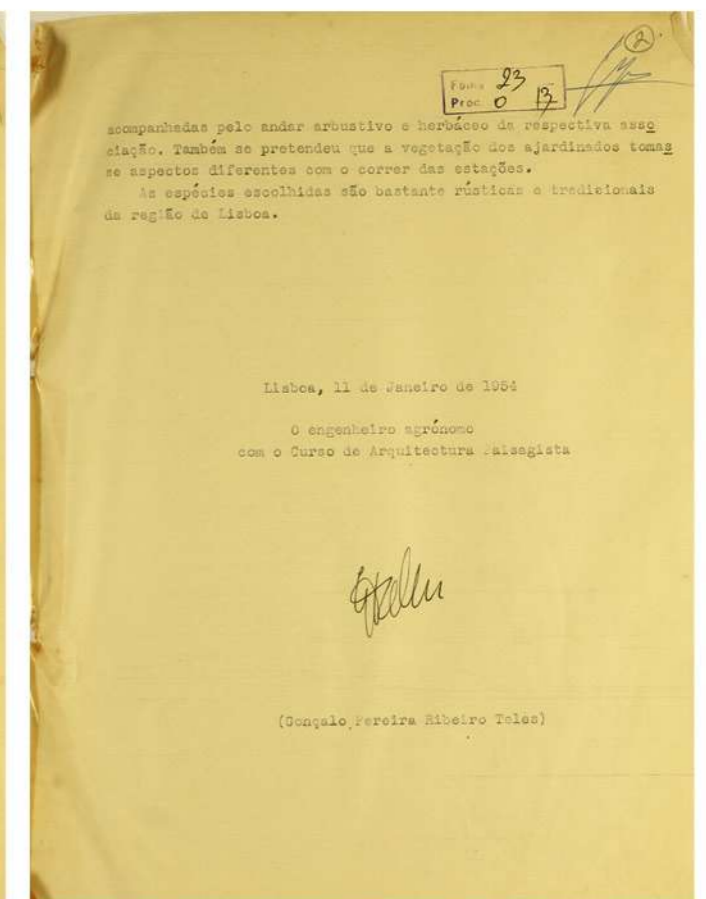
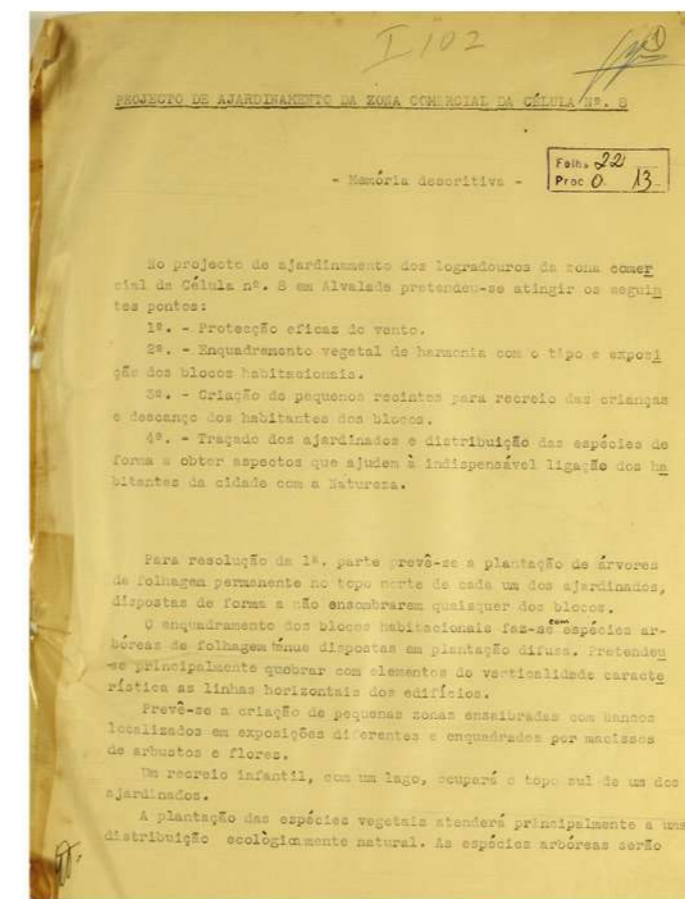
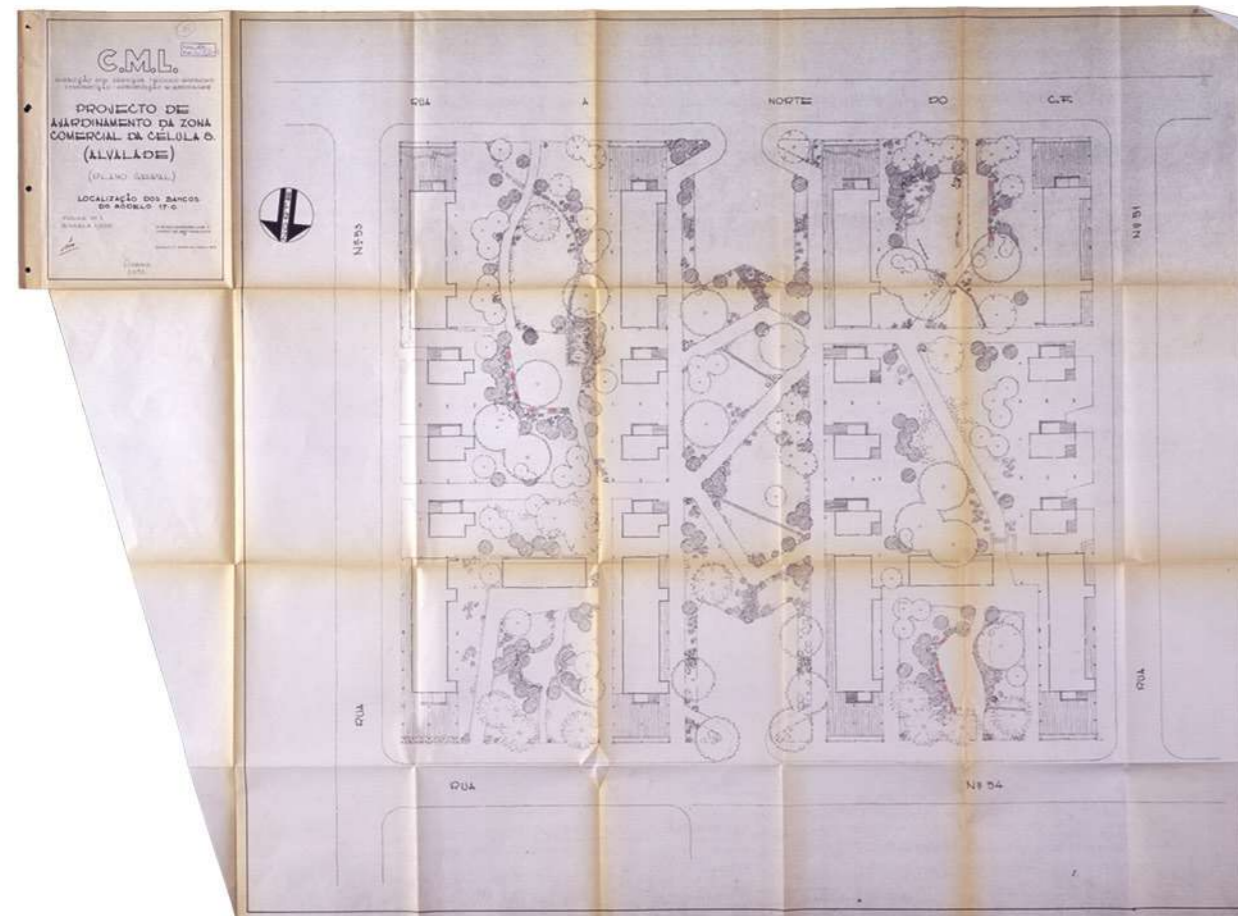


34 Projeto de ajardinamento da zona comercial da célula 8. Bairro das Estacas. Plano geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200.1953. FCG. BA / Garden design for the commercial area of cell 8. Bairro das Estacas. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.

35 Bairro das Estacas. 2003. Fotografia Manuel Silveira Ramos. FCG. BA / Bairro das Estacas. 2003. Photography Manuel Silveira Ramos.

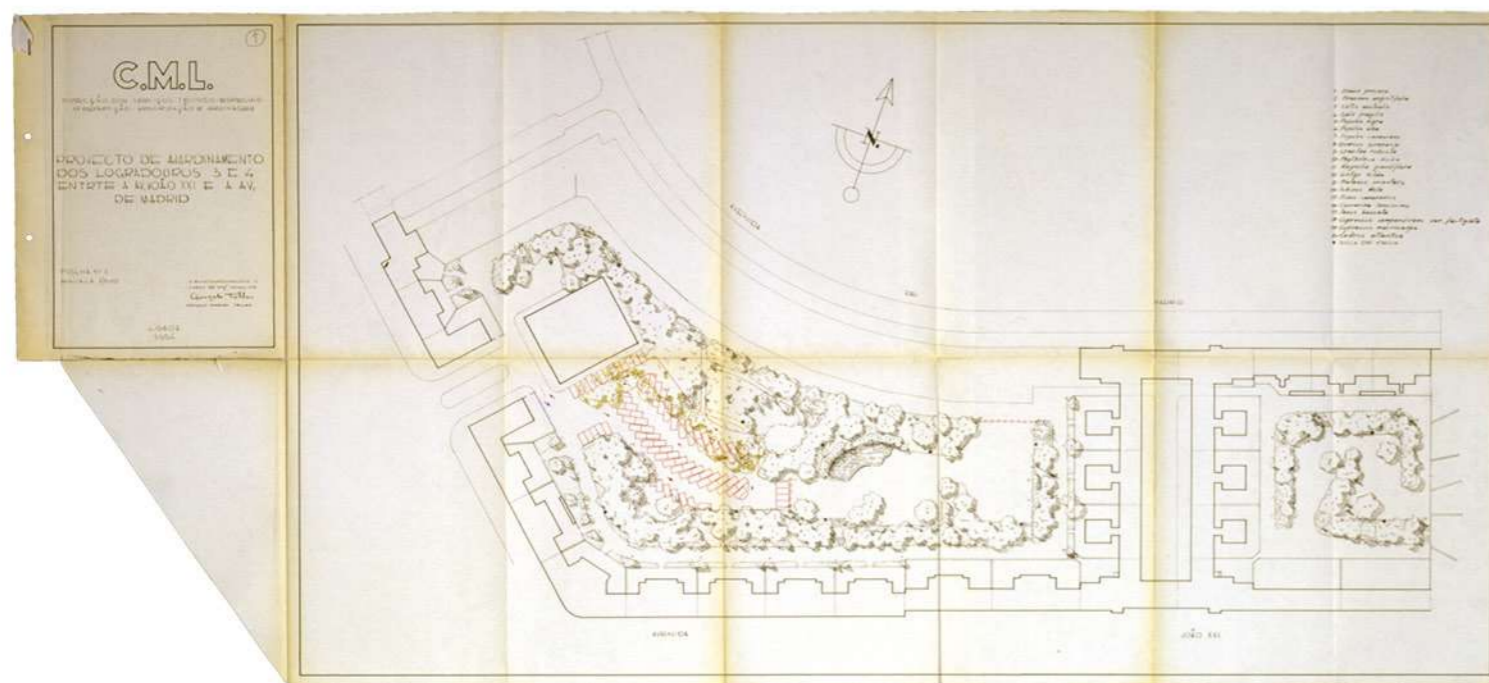
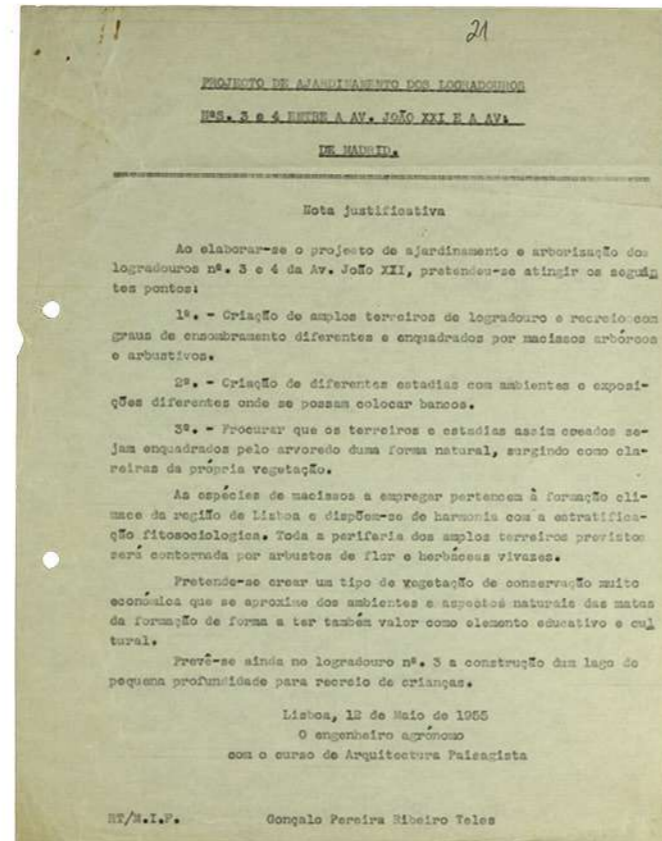


36—37 Projeto de ajardinamento da zona comercial da célula 8. Memória descritiva. Gonçalo Ribeiro Telles. II. 01.1954. AML. / Garden design for the commercial area of cell 8. Descriptive document. Gonçalo Ribeiro Telles.

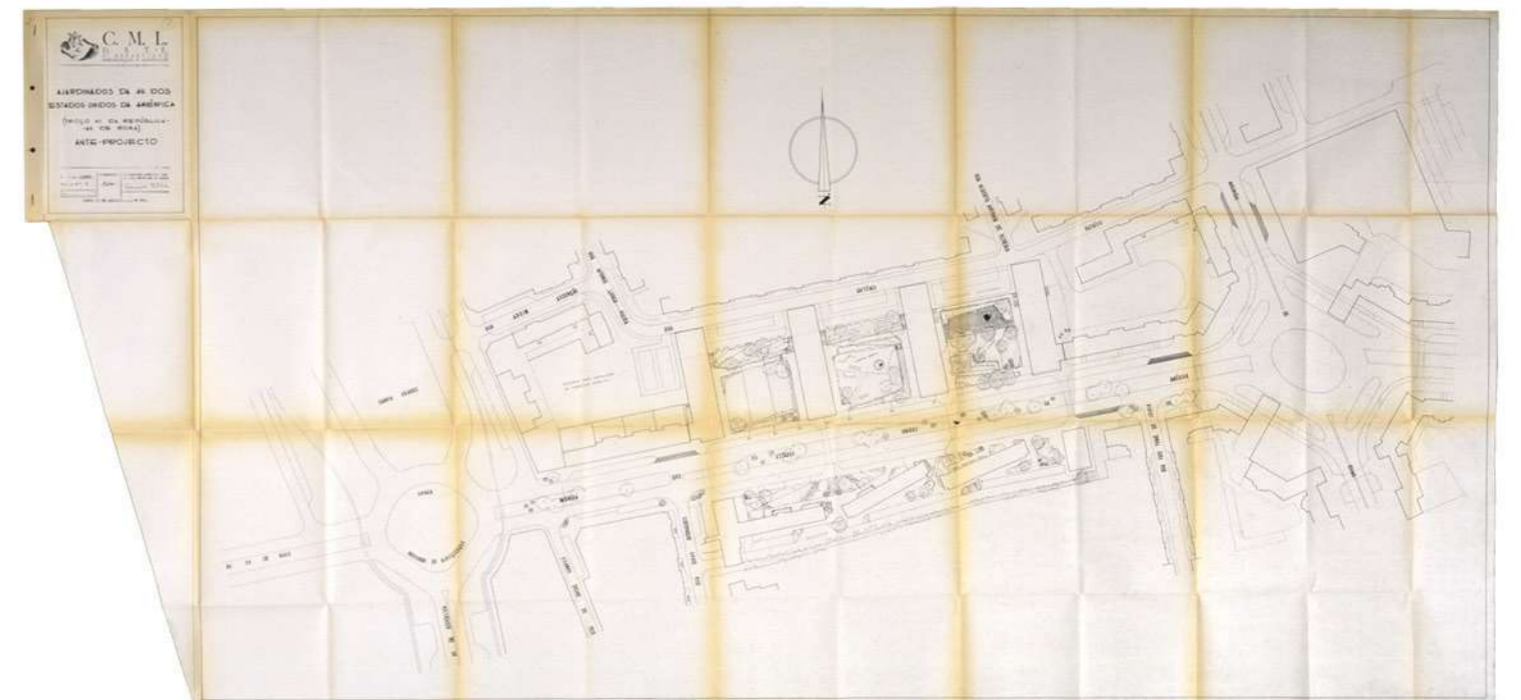


38 Projeto de ajardinamento dos logradouros nºs 3 e 4 entre a Av. João XXI e a Av. de Madrid. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/500.1954. FCG. BA / Garden design for courtyards 3 and 4 between Av. João XXI and Av. de Madrid. Gonçalo Ribeiro Telles.

39 Projeto de ajardinamento dos logradouros nºs 3 e 4 entre a Av. João XXI e a Av. de Madrid. Nota justificativa. Gonçalo Ribeiro Telles. 12.05.1955. AML / Garden design for courtyards 3 and 4 between Av. João XXI and Av. de Madrid. Explanatory note. Gonçalo Ribeiro Telles.



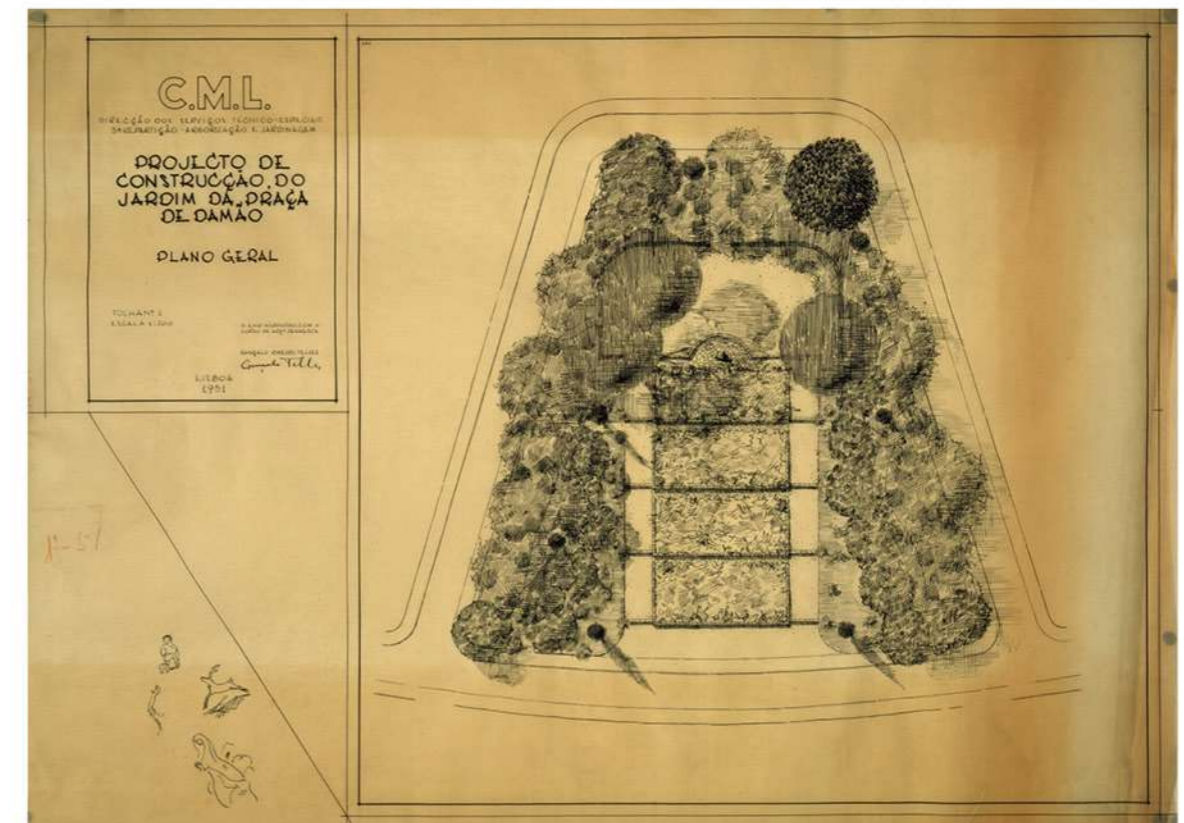
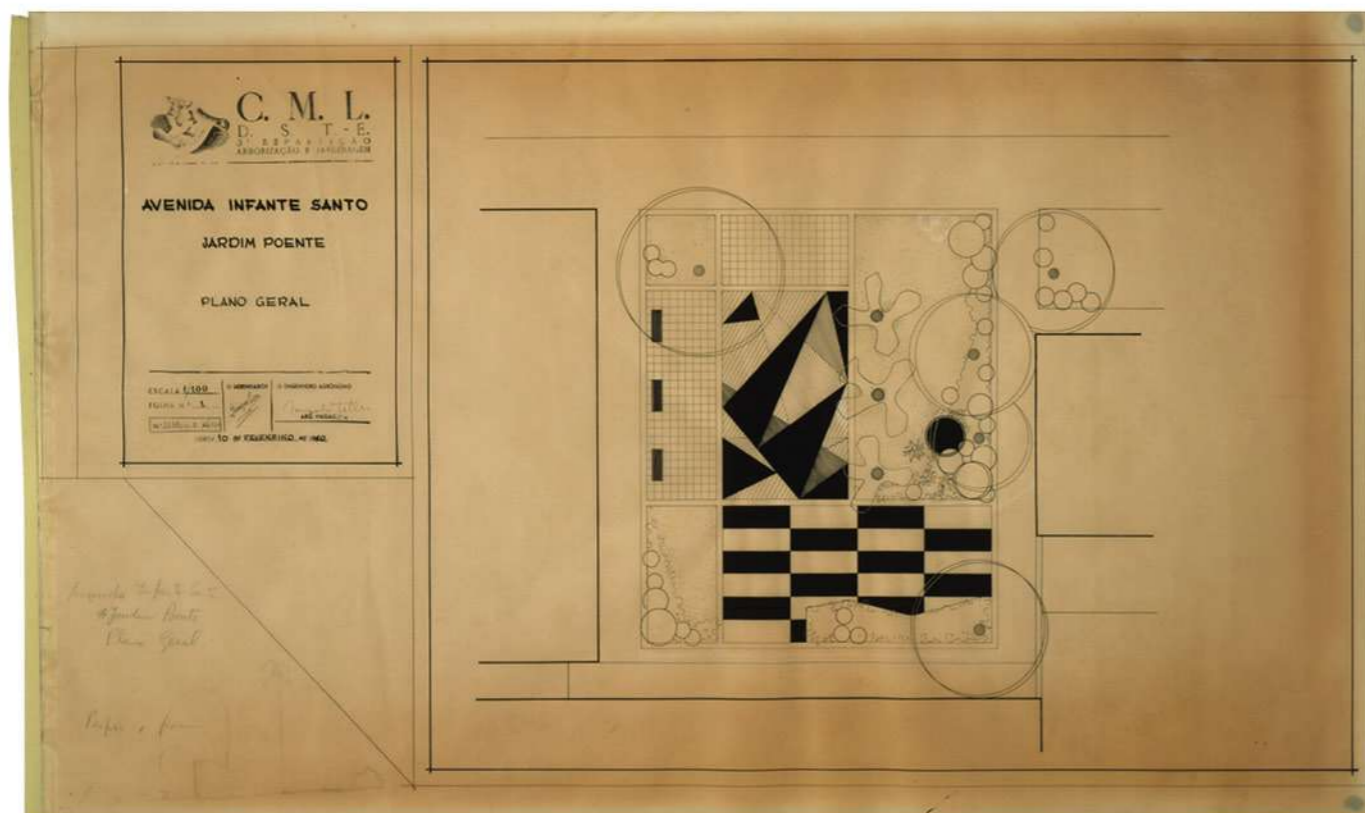
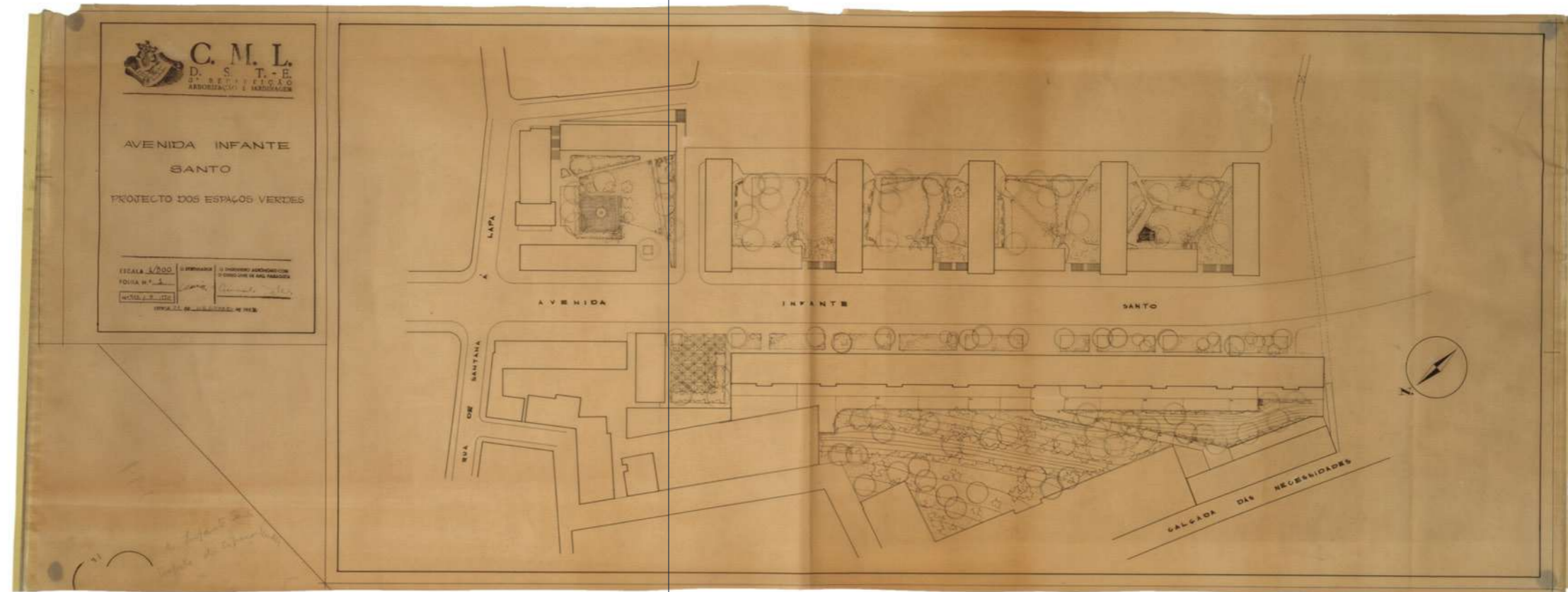
40 Ajardinados da Avenida dos Estados Unidos da América. Troço da Avenida da República-Avenida de Roma. Ante-projecto. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/500.10.08.1957. FCG. BA / Garden design of Avenida dos Estados Unidos da América. Avenida da República-Avenida de Roma Section. Preliminary Draft. Gonçalo Ribeiro Telles.



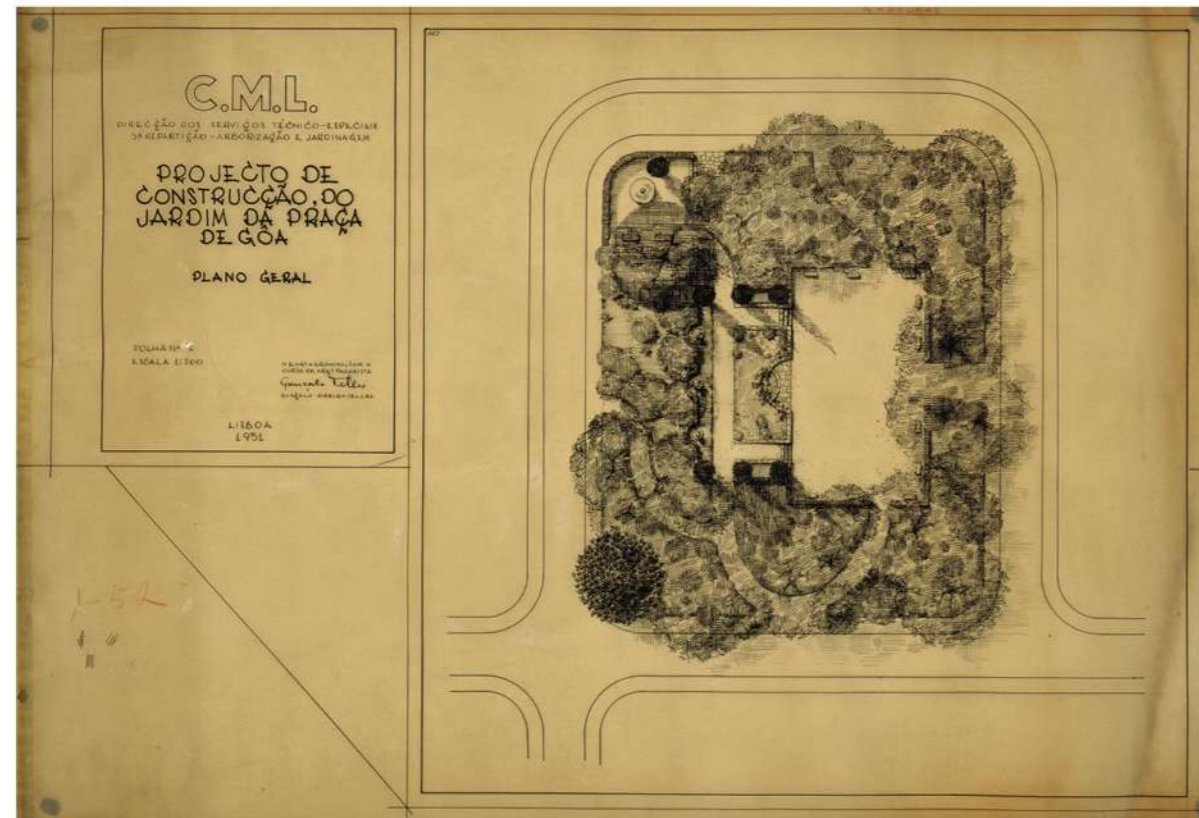
41 Avenida Infante Santo, Jardim Poente. Gonçalo Ribeiro Telles. Plano geral. AML. Esc. 1/100. 10.02.1960. FCG. BA / Avenida Infante Santo. West Garden. Gonçalo Ribeiro Telles. General plan.

42 Avenida Infante Santo. Projeto dos espaços verdes. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 27.12.1957. FCG. BA / Avenida Infante Santo. Garden design. Gonçalo Ribeiro Telles.

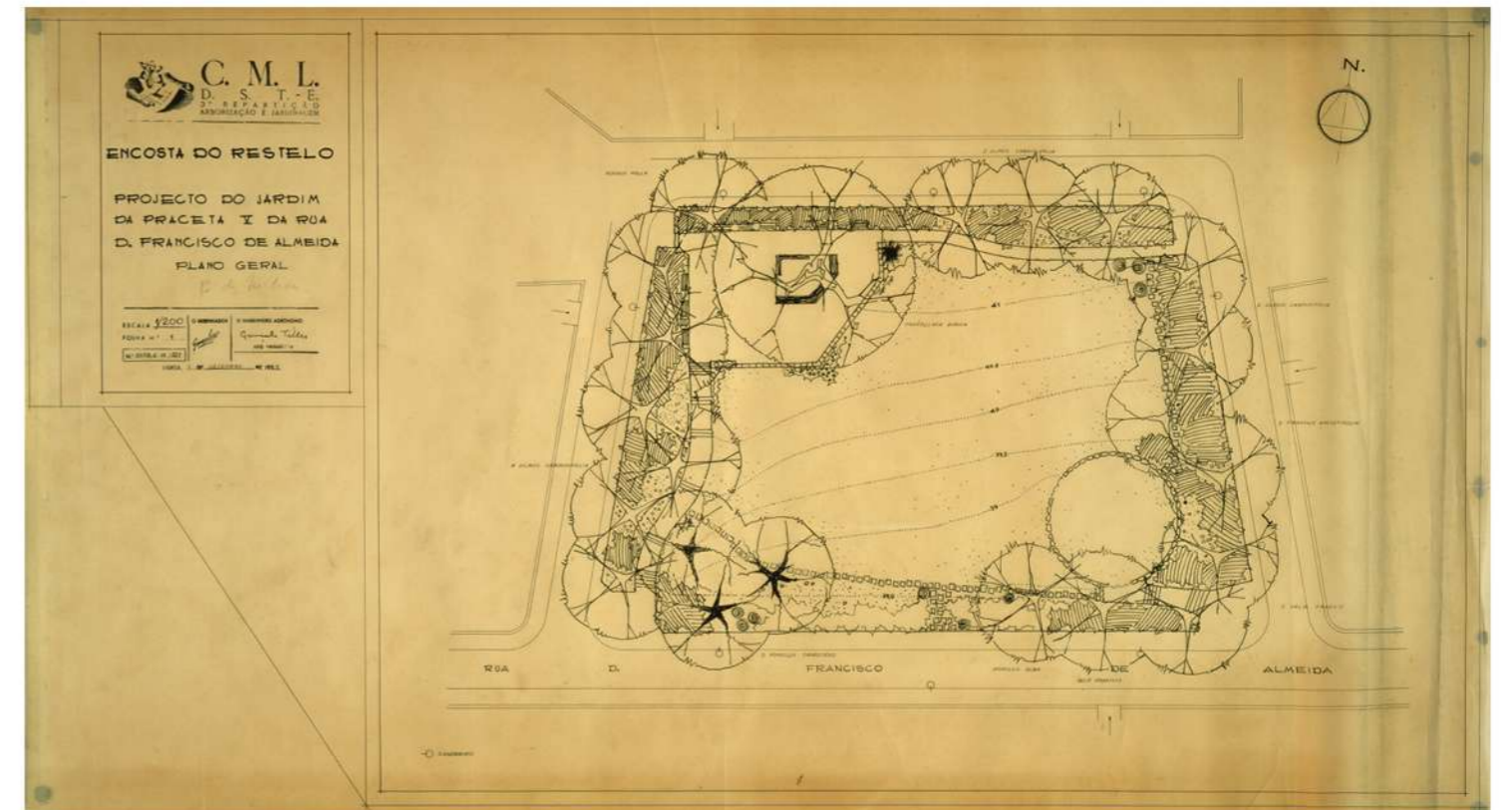
43 Projeto de construção do jardim da Praça de Damão. Plano Geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 1951. FCG. BA / Construction project for the garden of Praça de Damão. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.



45 Projeto de construção do jardim da Praça de Goa. Plano Geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200.1951. FCG. BA / Construction project for the garden of Praça de Goa. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.



46 Praça de Malaca. Projeto do jardim da Praceta V da Rua D. Francisco de Almeida. Plano geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 02.09.1959. FCG. BA / Praça de Malaca. Garden design of Praceta V on Rua D. Francisco de Almeida. General plan. Gonçalo Ribeiro Telles.





CAPELA DE S. JERÓNIMO

"[...] No princípio era tudo aberto. Hoje temos o contrário. Pode fechar tudo. Não queria tudo aberto nem tudo fechado. Agora queria que se trabalhasse este movimento, que é um movimento semelhante aos desenhos do Picasso. É um movimento que resulta da nossa deslocação contínua no espaço. Quero que uma pessoa percorra este espaço descobrindo sempre. E a luz também é fundamental neste movimento. A luz circula de acordo com os obstáculos que lhe pusermos... O tempo é um factor determinante no desenho. A concepção nunca acaba! O que acaba é o lançamento de uma estrutura e de um desenho. Isto tem princípio, mas não tem fim.

[...] Toda esta vegetação tem de ser novamente trabalhada. As árvores cresceram. Não se pode fazer uma manutenção estática, a natureza não é estática. A evolução é constante! Mas a estrutura mantém-se! O desenho tem de ter uma estrutura, e depois descobrem-se coisas maravilhosas! Há uma dialética permanente. Mas não há nada sem desenho!

[...] Este desenho, esta estrutura é a anulação permanente da simetria. Evitei sempre as simetrias na modelação do terreno e na construção dos caminhos e muros. Nunca quis que a vegetação fosse obrigada a seguir simetrias e relações monumentais. Também junto à ermida forcei um desequilíbrio entre os dois lados da encosta. Não queria de modo algum uma simetria absoluta!

[...] Aqui podia perfeitamente aparecer o jogo da malha, ou qualquer coisa do género. Este espaço circular, no meio da mata, servia também para a merenda. Tinha tudo a ver com a proximidade das habitações. O que é engraçado é que vinham aqui muitas crianças...

[...] Era para manter a tal linha do Plano. No gabinete tinha ficado suspensa essa questão da linha seguir o desenho. Eu disse que aquilo tinha de ser mata e fiz a minha interpretação! O resultado foi o meu projeto prever a abertura, não direta, de uma linha visual entre a Ermida e a Torre. Uma fresta de luz cortada todos os anos. Sim! Cortada como se corta Versailles. Esta linha chegou a existir [...]. Nunca foi minha intenção estabelecer uma relação formal entre a Ermida e a Torre. Eu queria relações que destruíssem esse formalismo, que fizessem surgir a Torre na enseada do Tejo e a Ermida na colina. Cada coisa no seu sítio! A descoberta da Torre não pode ser feita através da plataforma da Ermida. Não formalmente! A sua descoberta tem de ser casual e episódica. Pelos percursos através da colina, é assim que deve ser!"¹

¹ [Entrevista de Rosário Salema a Ribeiro Telles in *A utopia com os pés na Terra* (pp. 189-191)].

CAPELA DE S. JERÓNIMO

"[...] In the beginning everything was open. Today we have the opposite. One can close everything. I didn't want everything open or everything closed. I wanted this movement to be worked on, which is a movement similar to Picasso's drawings. It is a movement that results from our continuous dislocation in space. I want a person to go through this space always discovering. And light is also fundamental in this movement. Light circulates according to the obstacles that we set... Time is a determining factor in drawing. Conception never ends! What reaches an end is the launching of a structure and a drawing. This has a beginning, but it has no end.

[...] All this vegetation has to be worked on again. Trees grew. One cannot do a static maintenance nature is not static. Evolution is constant! But the structure remains! Design must have a structure, and then wonderful things are discovered! There is a permanent dialectics. But there is nothing without drawing!

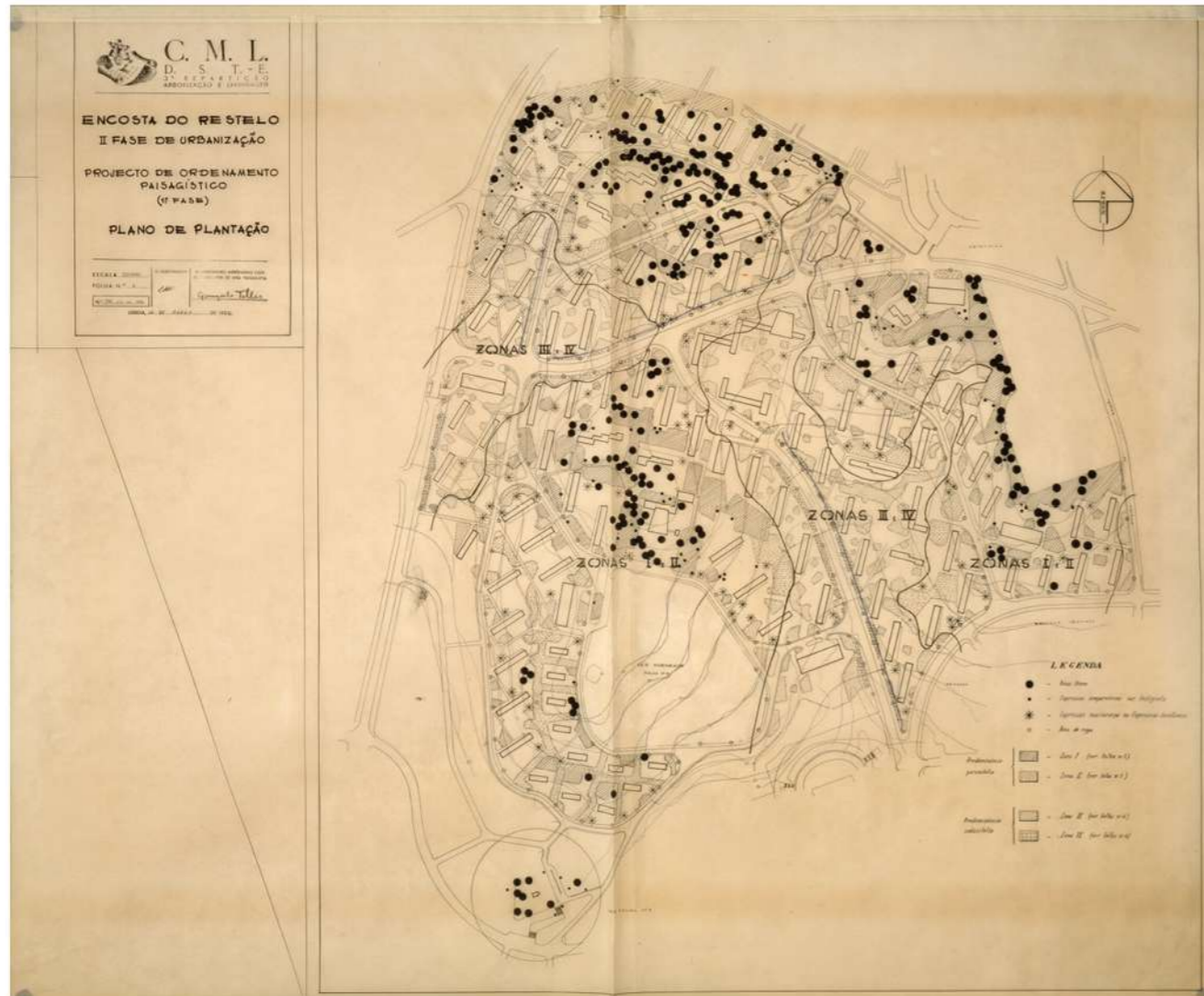
[...] This design, this structure is the permanent cancellation of symmetry. I have always avoided symmetries in the modelling of the land and in the construction of paths and walls. I've never wanted to force vegetation to follow symmetries and monumental relationships. Also, near the hermitage, I forced an imbalance between the two sides of the slope. I didn't want absolute symmetry at all!

[...] Here, the mesh game could perfectly appear, or something similar. This circular space, in the middle of the forest, was also used for lunch. It had everything to do with the proximity of the houses. What is funny is that many children came here...

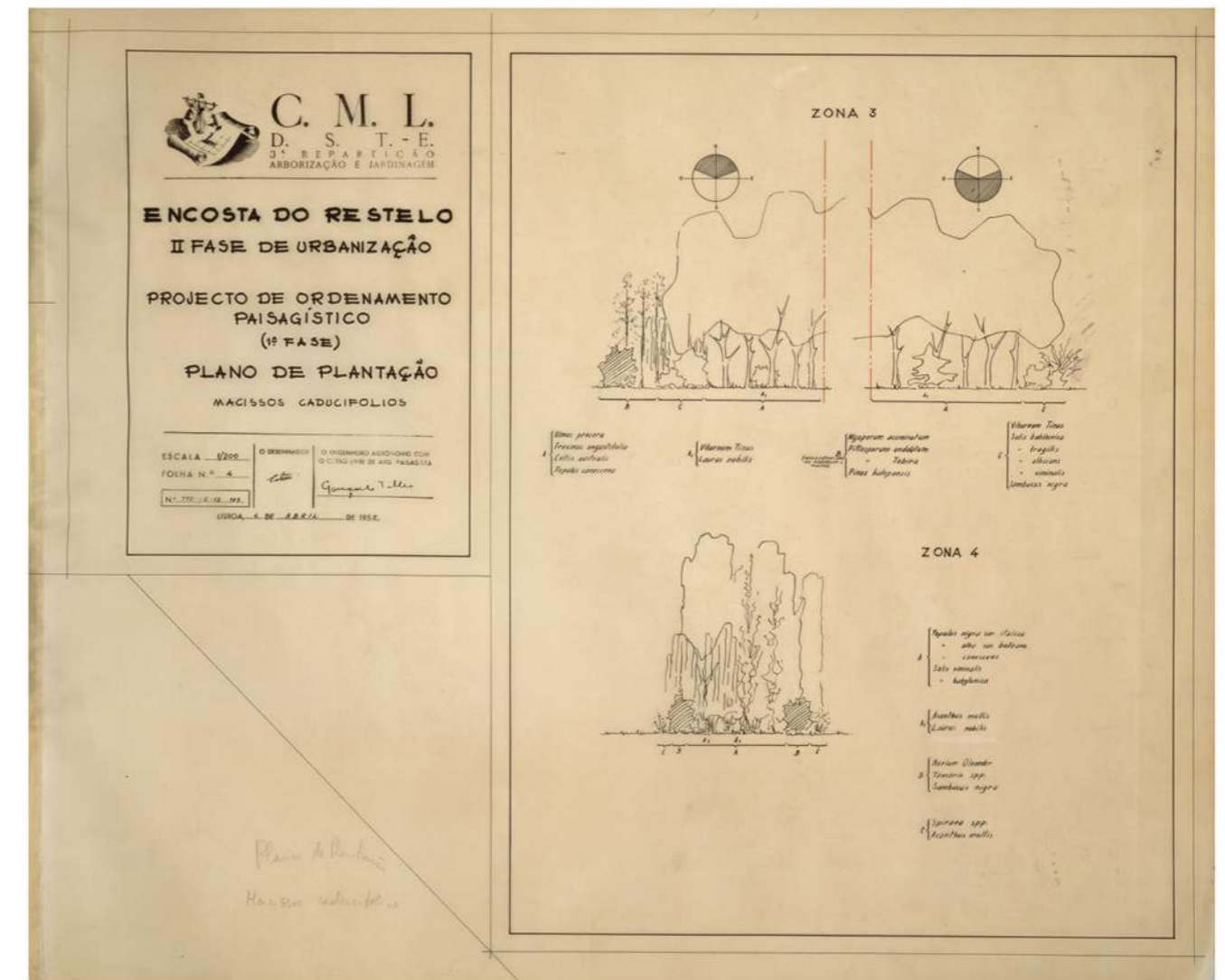
[...] It was to maintain that line of the Plan. This question of the line following the design had been suspended in the office. I said that it had to be a forest and I made my interpretation! The result was that my project could foresee the opening, a non-direct opening, of a visual line between the Hermitage and the Tower. A crack of light cut every year. Yes! It was cut as Versailles is cut. This line actually existed [...]. It was never my intention to establish a formal relationship between the Hermitage and the Tower. I wanted relationships that would destroy this formalism that would make the Tower appear in the Tagus inlet and the Hermitage on the hill. Each thing in its place! The discovery of the Tower cannot be made through the Hermitage platform. Not formally! Its discovery must be casual and episodic. Along the paths through the hill, that's how it should be!"¹

¹ [Entrevista de Rosário Salema a Ribeiro Telles in *A utopia com os pés na Terra* (pp. 189-191)].

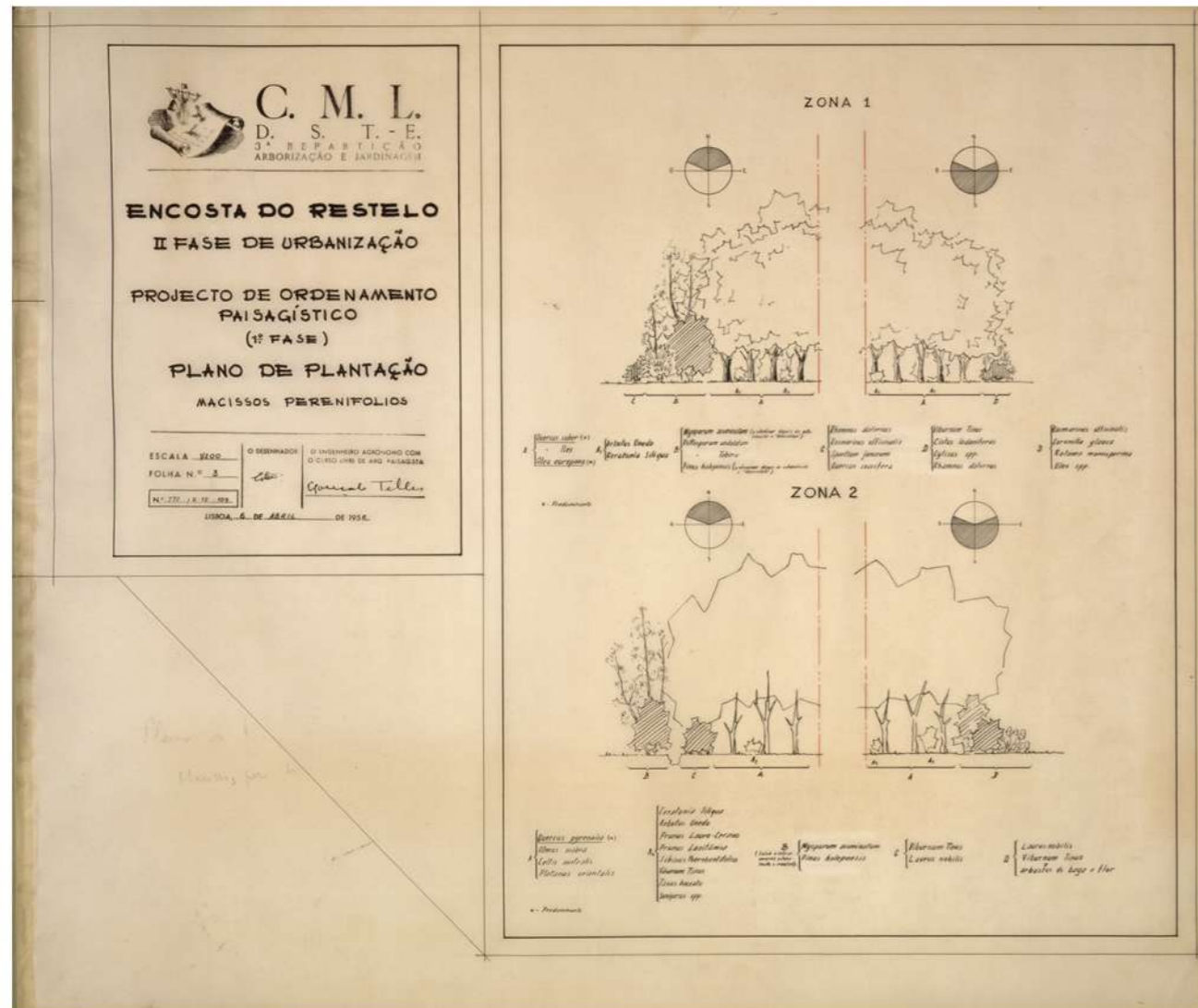
47 Encosta do Restelo. II fase de Urbanização. Projeto de ordenamento paisagístico [1ª fase]. Plano de Plantação. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/2000. 12.03.1956. FCG. BA / Encosta do Restelo. II Urbanization phase. Landscape planning project [1st phase]. Plantation Plan. Gonçalo Ribeiro Telles.



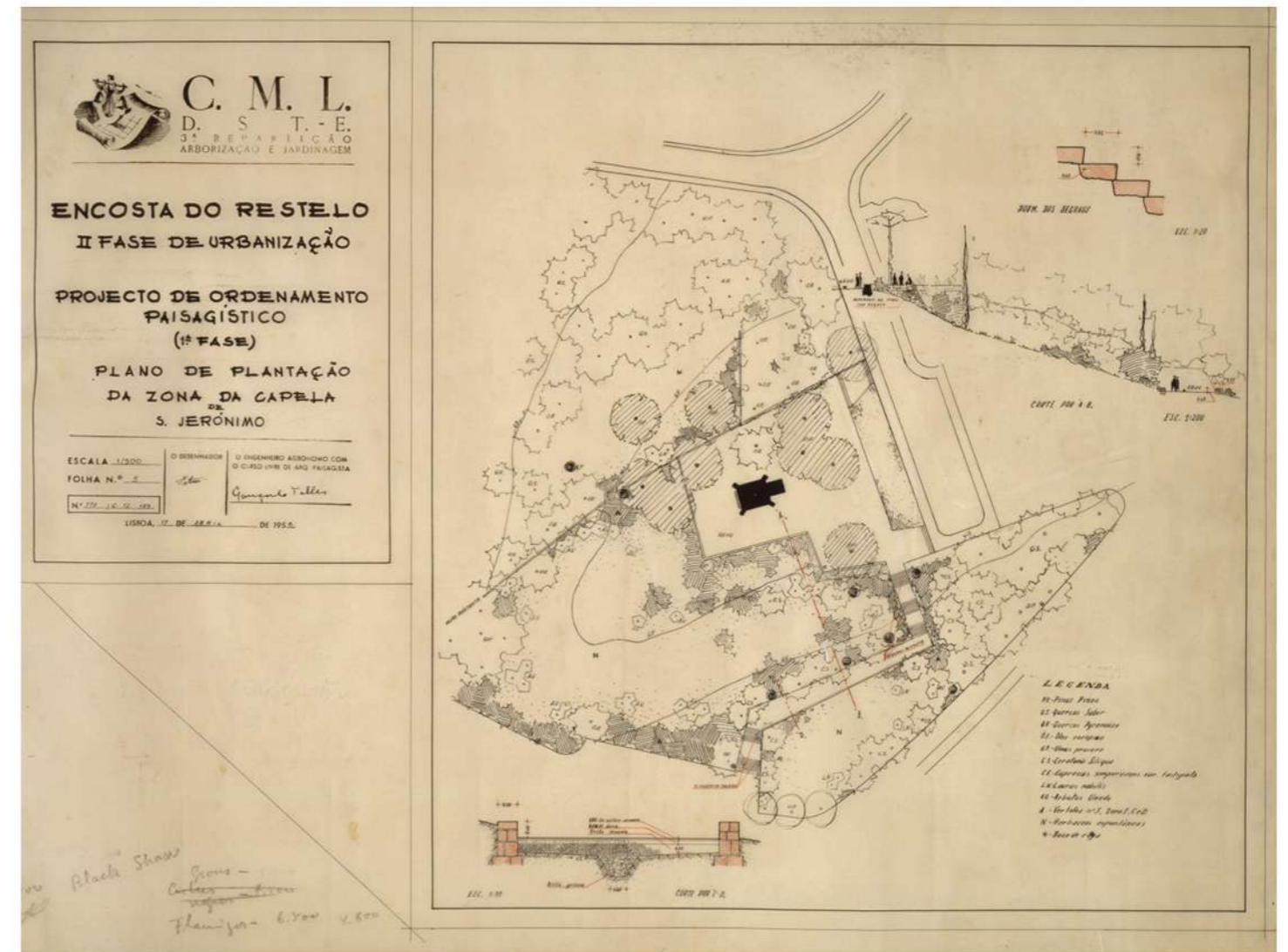
48 Encosta do Restelo. II fase de Urbanização. Projeto de ordenamento paisagístico [1ª fase]. Plano de Plantação. Maciços caducifólios. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 06.04.1956. FCG. BA / Encosta do Restelo. II Urbanization phase. Landscape planning project [1st phase]. Plantation Plan. Deciduous massifs. Gonçalo Ribeiro Telles.



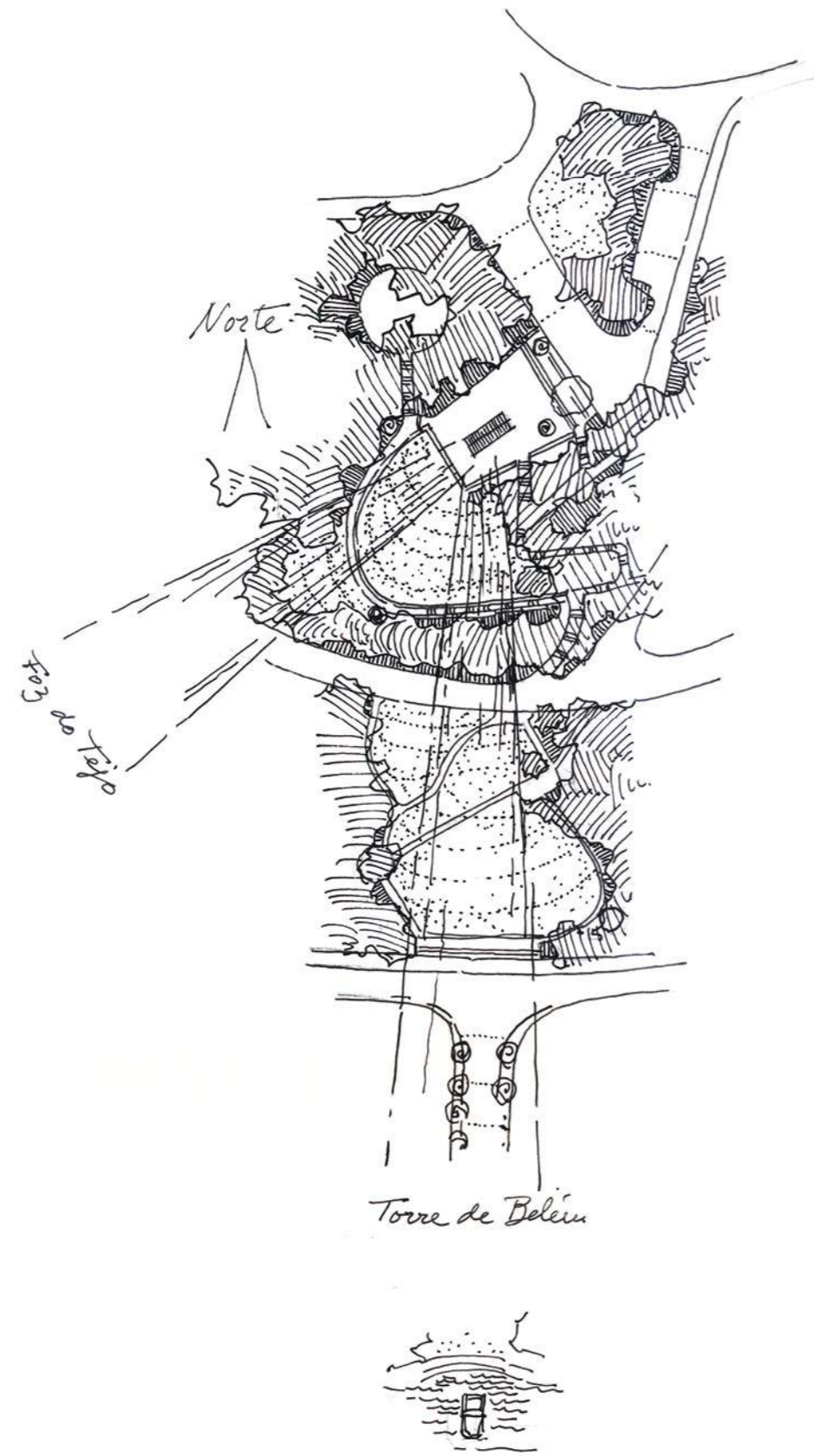
49 Encosta do Restelo. II fase de Urbanização. Projeto de ordenamento paisagístico [1ª fase]. Plano de Plantação. Macissos perenifólios. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 06.04.1956. FCG. BA / Encosta do Restelo. II Urbanization phase. Landscape planning project [1st phase]. Plantation Plan. Evergreen massifs. Gonçalo Ribeiro Telles.



50 Encosta do Restelo. II fase de Urbanização. Projeto de ordenamento paisagístico [1ª fase]. Plano de Plantação da zona da Capela de S. Jerónimo. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/500. 17.04.1956. FCG. BA / Encosta do Restelo. II Urbanization phase. Landscape planning project [1st phase]. Plantation Plan for the Capela de S. Jerónimo area. Gonçalo Ribeiro Telles.



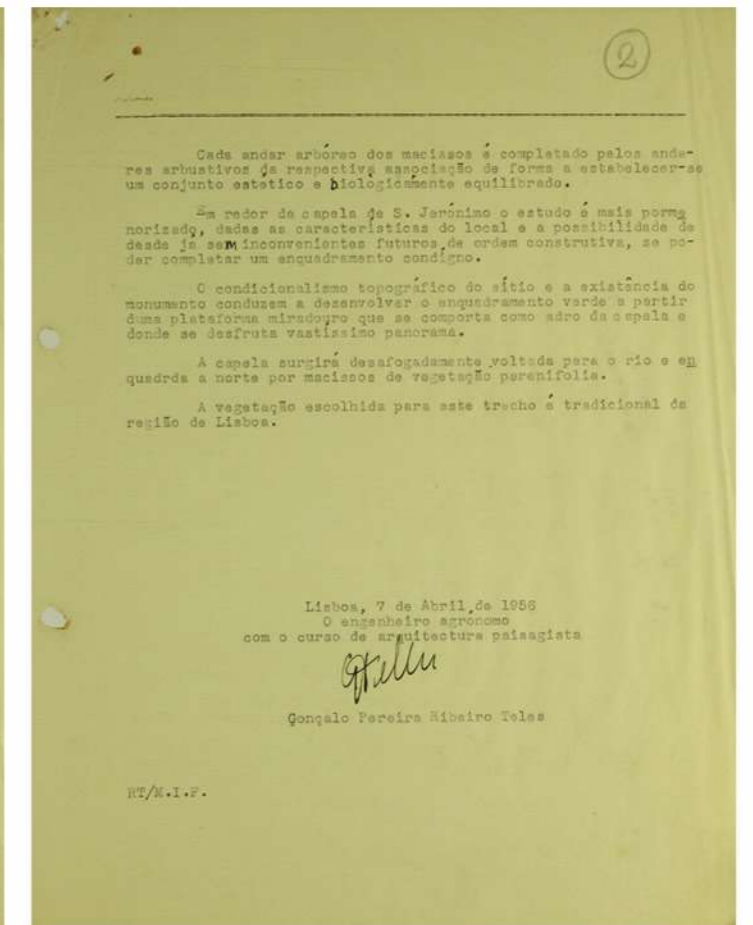
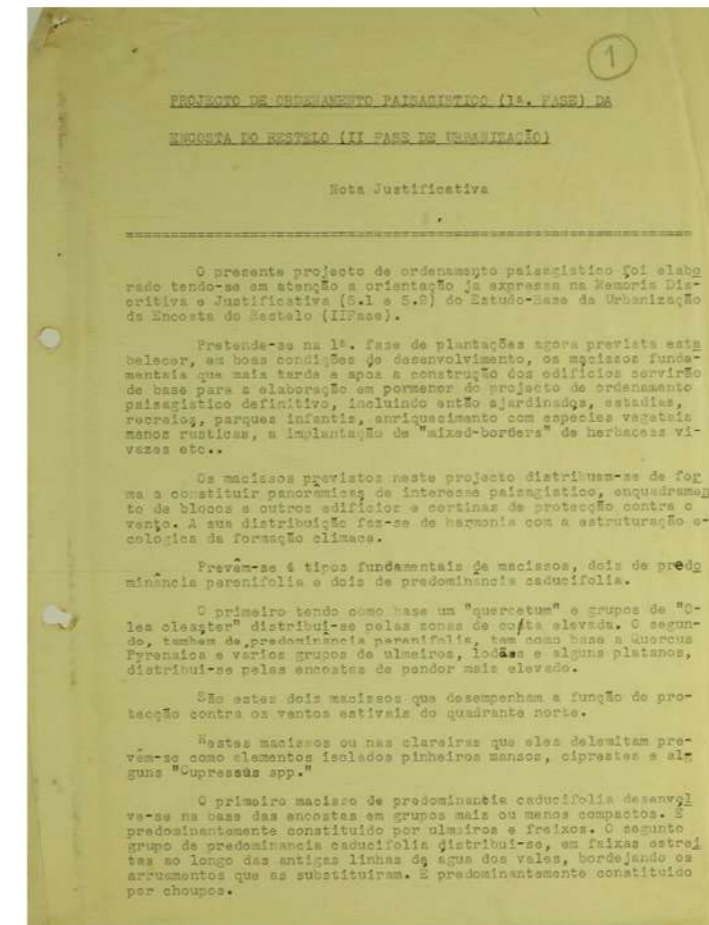
51 Sistema de vistas a partir da Capela de São Jerónimo. Gonçalo Ribeiro Telles. S.a. S.d. DGPC/SIPA / System of views from the Capela de São Jerónimo. Gonçalo Ribeiro Telles.



52—53 Capela de São Jerónimo. 2003. Fotografia Manuel Silveira Ramos. FCG. BA / Capela de São Jerónimo. 2003. Photography Manuel Silveira Ramos.



54—55 Encosta do Restelo. II fase de Urbanização. Projeto de ordenamento paisagístico [1ª fase]. Nota justificativa. Gonçalo Ribeiro Telles. 07.04.1956. AML / Encosta do Restelo. II Urbanization phase. Landscape planning project [1st phase]. Explanatory note. Gonçalo Ribeiro Telles.





A AVENIDA DA LIBERDADE

O vale das “*Hortas da Cera a Valverde*” deixou de ser ocupado por culturas hortícolas para em 1764 ser construído o primeiro espaço verde público de Lisboa – o Passeio Público. Este jardim, após uma reforma profunda em 1834, foi demolido décadas mais tarde para integrar a execução de um novo projeto em 1884, com uma área bastante superior – a Avenida da Liberdade – de Frederico Ressano Garcia, parte integrante do Plano Geral de Melhoramentos da Capital, por ele conduzido. Esta Avenida, seguindo uma tipologia de “*boulevard*”, adquiriu então uma expressão bastante semelhante à que apresenta atualmente.

Contudo nem sempre foi assim, pois em meados da década de 50 em Lisboa, tornou-se prioritária a instalação da rede de metropolitano e suas estações, sendo que um dos troços da mesma percorria longitudinalmente esta Avenida, ao longo da sua placa ocidental. A este facto juntava-se um acréscimo muito significativo do tráfego automóvel na ligação ao, na época, centro de negócios da cidade – a baixa pombalina – que levou à necessidade do aumento da largura das faixas de rodagem, quer central quer periféricas.

Desde os inícios do século 20 até então verificou-se um aumento significativo do peso dos veículos e do índice da poluição, gerada pelos gases de escape de motores a óleo pesados de automóveis e autocarros, que contribuíram para um agravamento da compactação do solo e um aumento da emissão dos gases de combustão. Estes fatores, associados a partículas de poluição mais finas, provocaram uma aceleração acentuada na decrepitude das árvores, associada a um franco agravamento de problemas fitossanitários.

Verificava-se também a ausência de uma fundamentação de ordem estética e fitossociológica na composição e critério de seleção das espécies arbóreas da Avenida, já que cada troço tinha plantada uma única espécie botânica de árvores em placas situadas frente a frente, diferente em porte, cor e perfil das árvores das placas vizinhas. Existiam assim povoamentos de Sophoras, Ulmeiros, Plátanos, Robínias e Lódãos. Também a frequente substituição de árvores doentes levava a uma ausência de uniformidade nos diâmetros dos troncos.

Em junho de 1953 a Repartição de Arborização e Jardinagem (RAJ), tinha sido superiormente autorizada à realização de um ensaio de remodelação de ajardinamento no troço Marquês de Pombal – Rua Alexandre Herculano. No ano seguinte, o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, técnico da RAJ formalizou um “*Estudo de remodelação da Avenida da Liberdade*” (Fig 57) que em 1955 evoluiu para o “*Projeto de Remodelação de Arborização e Ajardinamento*” (Fig 58). Em 1956, os arquitetos paisagistas Ribeiro Telles e Caldeira Cabral colaboraram numa proposta de reformulação da Avenida da Liberdade, revisão do projeto apresentado no ano anterior. Esta proposta foi parte integrante do “*Projeto de Remodelação da Avenida*”, coordenado pelo engenheiro Guimaraes Lobato, mais abrangente já que incluía o contributo de outras especialidades implicadas, da

THE AVENIDA DA LIBERDADE

The valley of “*Hortas da Cera a Valverde*” ceased to be occupied by horticultural crops and in 1764 the first public green space in Lisbon was built – the Passeio Público. This garden, after a thorough renovation in 1834, was demolished decades later in order to integrate the execution of a new project in 1884, with a much superior area – Avenida da Liberdade – by Frederico Ressano Garcia, part of the General Improvement Plan of the Capital, led by him. This Avenue, following a “*boulevard*” typology, then acquired an expression very similar to the one it currently presents.

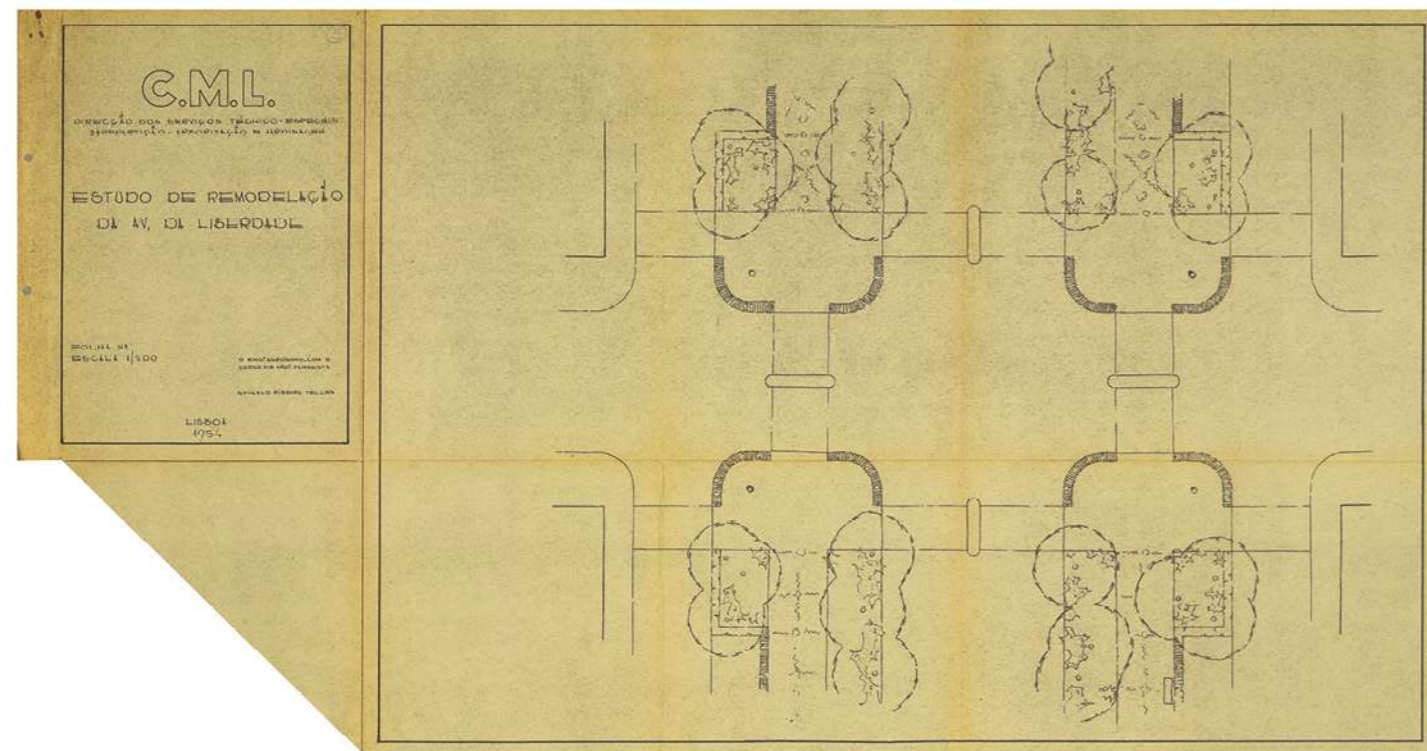
However, this was not always the case, since in the mid-1950s in Lisbon, the installation of the metropolitan network and its stations became a priority, with one of the stretches running longitudinally alongside this avenue, along its western plate. To all this was added a very significant increase in car traffic in connection to the business centre of the city at the time – the pombaline downtown – which led to the need of increasing the width of the lanes, both central and peripheral.

From the beginning of the 20th century until then, there has been a significant increase in the weight of vehicles and pollution rates, generated by the exhaust gases from heavy oil engines of cars and buses, which contributed to the worsening of soil compaction and an increase in the emission of combustion gases. These factors, associated with finer pollution particles, caused a sharp acceleration in the decrepitude of trees, associated to a serious aggravation of phytosanitary problems.

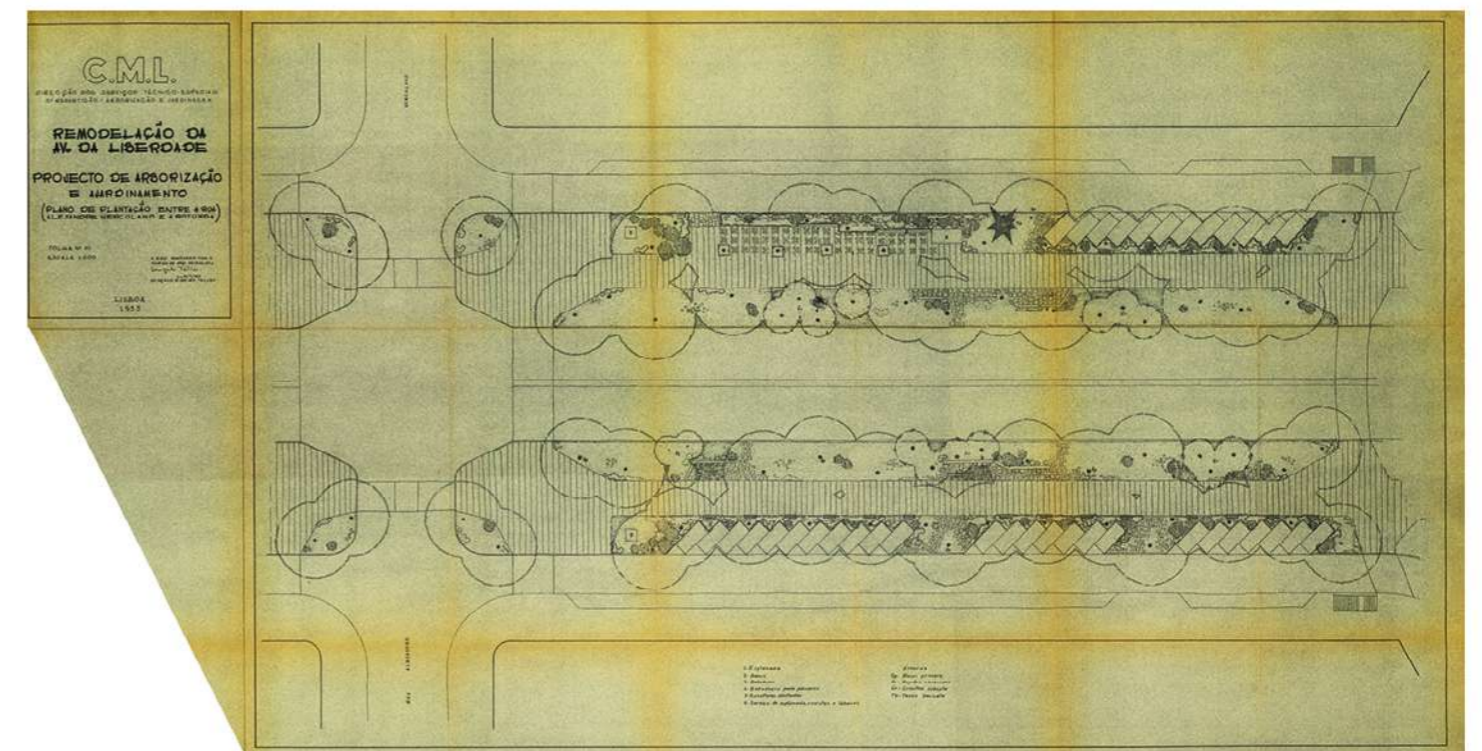
It was also verified the absence of an aesthetic and phytosociological basis in the composition and criteria for the selection of tree species on the Avenue, since each section had a single botanical species of trees planted in plates located front to front, different in size, colour and profile of the trees of the neighbouring plates. Thus there were arrangements of Sophoras, Elms, Plantains, Robínias and Lotus. Also, the frequent replacement of diseased trees led to a lack of uniformity in the trunk’s diameters.

In June 1953, the Arborisation and Gardening Department [AGD, had been superiorly authorized to carry out a landscaping remodeling trial on Marquês de Pombal – Rua Alexandre Herculano’s section. The following year, landscape architect Gonçalo Ribeiro Telles, as AGD technician, formalized a “*Study on the remodeling of Avenida da Liberdade*” (Fig 57) which in 1955 evolved into “*Forestation and Landscaping Remodeling Project*” (Fig 58). In 1956, landscape architects Ribeiro Telles and Caldeira Cabral collaborated on a proposal for the remodeling of Avenida da Liberdade, revising the project presented in the previous year. This proposal was an integral part of the “*Avenida Remodeling Project*”, coordinated by engineer Guimaraes Lobato, which was more comprehensive since it included the contribution of other specialties involved, under the responsibility of the Gabinete de Estudos de Urbanização [GEU], created at Câmara Municipal de Lisboa [CML] in 1954 under his coordination, to which landscape

56 [página anterior] Avenida da Liberdade. Na placa nascente o projeto de Ressano Garcia, na placa poente o projeto de Ribeiro Telles. Data aproximada 1960. FCG BA / [previous page] Avenida da Liberdade. On the eastern plate the project by Ressano Garcia, on the western plate the project by Ribeiro Telles. Approximate date 1960. 57 Estudo de remodelação da Avenida da Liberdade. Ribeiro Telles. AML 1/500. 1954 / Renovation study of Avenida da Liberdade. Ribeiro Telles.



58 Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto de arborização e ajardinamento. Plano de plantação, Rua Alexandre Herculano e Rotunda, 1ª Fase. Ribeiro Telles. AML 1/200. 1955 / Renovation of Avenida da Liberdade. Garden and landscaping design. Plantation plan, Rua Alexandre Herculano and Rotunda, 1st Phase. Ribeiro Telles.



responsabilidade do Gabinete de Estudos de Urbanização (GEU), criado na Câmara Municipal de Lisboa (CML) em 1954 sob a sua coordenação, ao qual o arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral e o engenheiro Magalhães de Figueiredo prestavam assessoria. Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral realizaram assim uma revisão cuidada de cada um dos fatores limitantes à proposta, num documento que intitularam “Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto”. Todos estes trabalhos, embora despoletados pela necessidade da instalação da rede de metropolitano e o alargamento das vias de circulação da Avenida, foram também fundamentados na necessidade de libertação das árvores das caldeiras onde se encontravam instaladas, para passarem a estar inseridas em faixas contínuas permeáveis, à semelhança do que era praticado no estrangeiro [Fig 59], favorecendo o seu vigor vegetativo, atenuando assim alguns dos inconvenientes das condicionantes da Avenida já referidas.

O projeto de Ribeiro Telles e Caldeira Cabral pretendeu resolver duas situações distintas, por um lado a avenida, tinha-se tornado num local de concentração de atividades comerciais, profissões liberais e recreio. Por outro lado, a presença de um número tão elevado de pessoas levava à necessidade da criação de espaços pedonais suficientemente amplos e de espaço de circulação de transportes. O projeto envolveu uma mudança radical daquele espaço, quer no campo estritamente formal quer na filosofia da conceção de espaços exteriores. Fisicamente em termos de perfil transversal da avenida ocorreram várias mudanças tais como: uma ampliação dos passeios laterais que passaram de 4 para 5,75 metros; uma ampliação das faixas de rodagem laterais que passaram de 6,5 para 9 metros; uma redução das duas placas arborizadas que passaram de 26 metros para apenas 20, sendo os dois passeios periféricos dessas placas substituídos por uma alameda central e finalmente uma ampliação da faixa de rodagem central de 16 para 19,5 metros sendo no seu centro criada uma faixa separadora em cantaria. Neste projeto, tal como no de 1955, os topos das placas eram recortados tangencialmente com vista a facilitar a mudança de direção dos veículos e existiam também lugares de estacionamento em espinha nos lados exteriores destas placas [Fig 60].

A mudança do passeio pedonal para o espaço interior, implantado agora entre as duas faixas ajardinadas em cada uma das placas, possibilitou uma ambicionada separação trânsito/comércio/recreio, favorecendo largamente o peão que deste modo podia passear alheado do movimento existente junto aos edifícios da Avenida, ocupados maioritariamente por comércio e serviços. Foram, no entanto, asseguradas passagens que possibilitavam ao público aceder ou deixar este passeio central em direção aos referidos edifícios ou ao estacionamento, junto ao limite exterior de cada placa [Fig. 61].

Um aumento da distância entre os dois renques de árvores que enquadravam o eixo central da Avenida, teve como consequência uma ampliação da perspectiva central. Esta valorização foi ainda acentuada pelo facto de, em

architect Francisco Caldeira Cabral and engineer Magalhães de Figueiredo provided consultancy. Gonçalo Ribeiro Telles and Francisco Caldeira Cabral thus carried out a careful review of each of the limiting factors to the proposal in a document they entitled “Remodeling of Avenida da Liberdade. Project”.

All these works, even if triggered by the need to install the subway network and the widening of the Avenida's circulation routes, were also based on the need to free the trees from the boilers where they were installed, in order to be inserted in permeable continuous strips, similarly to what was practiced abroad [Fig 59], favouring its vegetative vigour, consequently mitigating some of the inconveniences of Avenida's conditioning factors already mentioned.

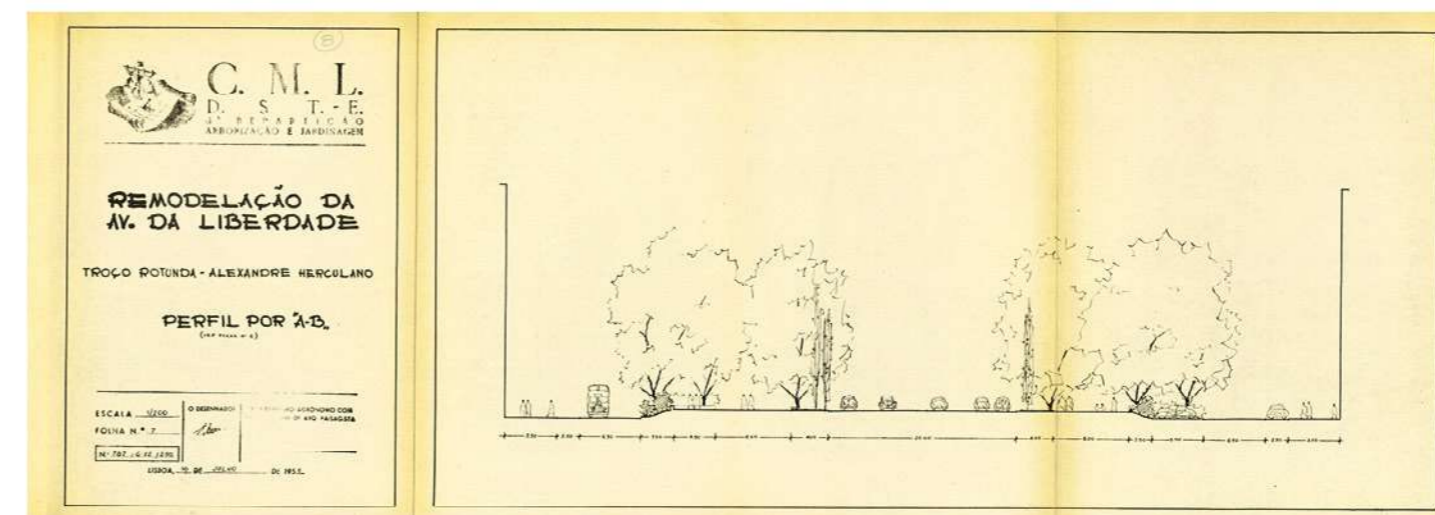
The project of Ribeiro Telles and Caldeira Cabral intended to solve two distinct circumstances, on one hand, the avenue had become a place of concentration of commercial activities, liberal professions and recreation. On the other hand, the presence of such large number of people led to the need for the creation of sufficiently large pedestrian spaces as well as transport circulation space. The project involved a radical change of that space, both in the strictly formal field and in the outdoor space design philosophy. Physically in terms of the transversal profile of the avenue, several changes occurred, such as: an extension of the sidewalks from 4 to 5.75 meters; a widening of the side lanes that went from 6.5 to 9 meters; a reduction of the two tree-lined plates from 26 meters to just 20 meters, with the two peripheral sidewalks of these plates being replaced by a central lane and finally a widening of the central traffic lane from 16 to 19.5 meters, with an ashlar separator lane created in its centre. In this project, as in 1955, the tops of the plates were cut tangentially in order to facilitate the change of direction of the vehicles and there were also parking spaces on the outer sides of these plates [Fig 60].

The change of the pedestrian walkway to the interior space, now implanted between the two landscaped strips on each of the plates, turned possible this ambitious separation between traffic/commerce/recreation, largely favouring pedestrians who could, as a result, stroll away from the existing movement next to the buildings of the Avenue, mainly occupied by commerce and services. However, passages were ensured which allowed the public to access or leave this central walkway towards the referred buildings or the parking lot, near the outer limit of each plate [Fig. 61].

An increased distance between the two rows of trees that framed the central axis of Avenida, resulted in an expansion of the central perspective. This valorisation was further accentuated by the fact that, on both plates, trees with a wider canopy were planted on the side strips and trees of narrower tops were reserved for the central strips [Fig. 62], the shape of the vegetation being more important than the colour, which was not considered more important than the other factors, contrary to what happened in the “boulevard” that it came to replace.

59 Calle Generalissimo. Barcelona. Espanha. António Viana Barreto. 1956. DCPC/SIPA / Calle Generalissimo. Barcelona. Spain. António Viana Barreto. 1956.

60 Remodelação da Avenida da Liberdade. Troço Rotunda – Alexandre Herculano. Perfil por AB. Ribeiro Telles. AML. 1/200. 1956 / Renovation of Avenida da Liberdade. Rotunda section - Alexandre Herculano. Profile by AB. Ribeiro Telles.



61 Passagem entre o passeio central e as ruas laterais. S.d. ISA / Passage between the central promenade and the side streets.



62 As faixas centrais apresentavam sobretudo árvores de copa mais estreita possibilitando uma perspectiva mais alargada. S.d. ISA / The central strips mainly had trees with a narrower canopy, enabling a broader perspective.



ambas as placas, se plantarem árvores de copa mais larga nas faixas laterais e reservar para as faixas centrais árvores de copa mais estreita (Fig. 62), sendo a forma da vegetação mais importante que a cor, que não foi considerada mais importante que os outros fatores, ao contrário do que sucedia no “boulevard” que veio substituir.

Nas faixas laterais, ao contrário das faixas centrais, foi dada preferência a vegetação mais densa e elevada, incluindo um estrato arbustivo (Fig. 63) valorizando as árvores quer enquanto entidades botânicas quer esculturais. Ao contrário do que a crítica afirmava, a vegetação foi colocada muito criteriosamente. Foram também plantados canteiros de herbáceas nas faixas laterais com grande predominância de plantas perenes (Fig. 64). Estes “mixed-borders” acusavam uma informalidade floral, e contrariamente ao que sucedia no projeto anterior, enquadravam os bancos de jardim (Fig. 65).

As faixas ajardinadas centrais mantiveram-se quase isentas de vegetação arbustiva (Fig. 66), com vista a manter a possibilidade do contacto visual, durante os desfiles ou paradas dos quais a faixa de rodagem central da avenida era e é ainda palco. Os topos das placas ficaram isentos de qualquer vegetação com vista a facilitar a visibilidade dos automobilistas que atravessavam a avenida ou nesta mudavam de direção (Fig. 67).

A remodelação do perfil transversal levou à acentuação de desníveis, resolvidos através de muretes estruturantes da composição, que acumulavam a função de bancos (Fig. 68). Ao longo dos caminhos, estes desníveis eram resolvidos por degraus. Em recantos e por vezes enquadrados por estes degraus foram implantados elementos escultóricos (Fig. 69) que, em lugar de estarem, como sucedia no projeto de Ressano Garcia, orientados para sul em função da composição da avenida e sobrelevados por maciços de pedra que constituíam cascatas, estavam então enquadrados em relação aos recantos que os integravam, numa rejeição assumida pela composição axial e simétrica, em negação com um estilo histórico. A execução do projeto prolongou-se no tempo e em março de 1959 ainda se discutia a necessidade da existência de um pavimento em mosaico de vidraço na Avenida da Liberdade (Fig. 70).

Em fevereiro de 1957, por ocasião da visita da Rainha Isabel II de Inglaterra, o projeto estava executado no lado poente da Avenida, entre a Praça Marquês de Pombal e a Rua Alexandre Herculano. Este lado foi mais tarde concretizado em toda a sua extensão, isto é, até à Praça dos Restauradores, porém o mesmo não sucedeu no lado nascente da Avenida. Em outubro de 1958, ainda não tinham terminado os trabalhos de preparação e enchimento de terras nas placas orientais da Avenida, do troço Praça Marquês de Pombal – Rua Alexandre Herculano, nem se tinham iniciado as plantações nesta Praça. As obras deste lado da avenida nunca chegaram até à Praça dos Restauradores (Fig. 71).

Este projeto foi, no entanto, um caso flagrante em que a Arquitetura Paisagista estava por vezes à frente do próprio tempo, e precisamente por isso algumas pessoas não o

In the lateral strips, unlike the central strips, preference was given to denser and higher vegetation, including a shrub stratum (Fig. 63), valuing trees both as botanical and sculptural entities. Contrary to what the critics stated, all vegetation was very carefully placed. Herbaceous beds were also planted in the lateral strips with a great predominance of perennial plants (Fig. 64). These “mixed-borders” showed floral informality, and contrary to what happened in the previous project, they framed the garden benches (Fig. 65).

The central landscaped strips remained almost free of shrubby vegetation (Fig. 66), in order to maintain the possibility of visual contact, during parades or processions of which the central traffic lane of the avenue was and still is the stage. Plate tops were exempt of any vegetation in order to facilitate the visibility of drivers who crossed the avenue or changed direction (Fig. 67).

The remodelling of the transversal profile led to the accentuation of unevenness, resolved through the structural walls of this composition, which accumulated the function of benches (Fig. 68). Along the paths, steps resolved these slopes. In corners and sometimes framed by these steps, sculptural elements were implanted (Fig. 69) which, instead of being, as happened in the Ressano Garcia project, oriented to the south in function of the avenue’s composition and raised by stone massifs that constituted cascades, were then framed in relation to the corners that integrated them, in a rejection taken on by the axial and symmetrical composition, in refusal of a historical style.

The project’s execution lasted for a long time and in March 1959 the need for a grainstone floor on Avenida da Liberdade was still being discussed (Fig. 70).

In February 1957, during the visit of Queen Elisabeth II of England, the project was carried out on the west side of the street, between Praça Marquês de Pombal and Avenida Alexandre Herculano. This side was later accomplished in all its extension, that is, until Praça dos Restauradores, nevertheless the same did not happen on the east side of the Avenue. In October 1958, the works of preparing and filling the land on the eastern plates of the Avenue, from the Praça Marquês de Pombal – Rua Alexandre Herculano section, had not yet begun, neither had begun the planting in this Square. The works on this side of the avenue never reached Praça dos Restauradores (Fig. 71).

This project was, however, a flagrant case in which Landscape Architecture was sometimes ahead of its own time, and that is precisely why some people were not able to accept it. A wave of protest was generated, encouraged by the press, from a public that, because it did not understand it, did not see itself in the project. Within the CML, there were also those who questioned it, such as councillor Francisco Ribeiro Ferreira who, in an opinion written on March 12, 1958, contested not only functional aspects, such as the width of traffic lanes as well as the aesthetics, stating: “[...] As a personal opinion, but very much based on public opinion, we must say that we do not like the informal aspect that you intend to give to the decorative part of Avenida

63 Cortina de arbustos separando o passeio central de rua lateral da Avenida. S.d. ISA / *Curtain of bushes separating the central sidewalk from the avenue side.*
64 *Mixed-border numa placa exterior da Avenida. S.d. ISA / Mixed-border on an exterior Avenida sign.*



65 Bancos de jardim integrados na placa ajardinada exterior. S.d. ISA / *Garden benches integrated in the outer garden board.* 66 Troncos limpos das árvores situadas junto à, ou na faixa ajardinada central. São também visíveis as árvores remanescentes do projeto de Ressano Garcia. S.d. ISA / *Clean trunks from the trees located next to, or in the central garden strip. Also visible are the remaining trees from the Ressano Garcia project.*



67 Topo de uma placa. S.d. ISA / *Top of a plate.* 68 Os muretes de sustentação de terra como estruturas da composição assumindo a função de bancos. S.d. ISA / *The earth support walls as structures of the composition and working as benches.*



69 Definição de planos horizontais e enquadramento de elemento escultórico. S.d. ISA / *Horizontal plane definition and framing of sculptural element.* 70 Pavimento em mosaico de vidraço na Avenida da Liberdade. S.d. ISA / *Glass mosaic floor on Avenida da Liberdade.*



souberam aceitar. Gerou-se uma onda de contestação incentivada pela imprensa, de público que por não o compreender, não se reviu no projeto. No interior da CML também havia quem o questionasse, como o vereador Francisco Ribeiro Ferreira que num parecer redigido a 12 de março de 1958 contestou não apenas aspetos funcionais, como a largura das faixas de rodagem como também estéticos, afirmando: “[...] Como opinião pessoal, mas muito fundamentada na opinião pública, devemos dizer que não nos agrada o aspeto informal que se pretende dar à parte decorativa da Avenida da Liberdade. Parece-nos que virá destruir a sua continuidade de perspectiva. [...] Gostaríamos de ver árvores frondosas dentro da zona verde dos relvados, ajardinamentos formais geométricos e definidos, com muitas flores coloridas, mas deixando a vista prolongar-se por cima, através da transparência de belo arvoredado alto e de troncos limpos. [...] Tal como as pessoas que na cidade vestem para ela diferentemente do que fora dela, julgamos também que a artéria principal da cidade se deve ornamentar de forma diferente daquela que será apropriada fora dela.”

Em 1959, o Presidente da Câmara Álvaro Salvação Barreto cessou funções e tomou posse António França Borges. Este ordenou ao coautor deste projeto, Ribeiro Telles, que o revertesse para a situação pré-existente com exceção do alargamento das faixas de rodagem o que resultou num desentendimento entre ambos, que lhe custou um processo disciplinar e consequente exoneração do cargo.

Após a saída de funções de França Borges, Caldeira Cabral escreveu uma carta ao novo Presidente da Câmara e seu amigo, o engenheiro agrônomo Fernando Santos e Castro, num desabafo no qual assumiu ter sido um dos períodos mais penosos da sua vida profissional, ver destruir a sua obra que “[...] ia crescendo e se ia afirmando, inteiramente de acordo com o que nós os autores tínhamos sonhado, e também com aquilo que o público, não prevenido pela campanha jornalística, afinal desejava. O último resto de todo esse sonho era a Rotunda. Aí as árvores que tinham deixado atingiam agora já o seu pleno desenvolvimento.”

A intervenção em zonas históricas presta-se – ontem como hoje – à mobilização dos cidadãos e a diversas e intensas manifestações emocionais. Os arquitetos paisagistas, na época sensivelmente com dez anos de afirmação profissional na CML, eram ainda em número muito reduzido. Para os discípulos de Caldeira Cabral, e para ele próprio, depois do projeto da Avenida da Liberdade nada terá voltado a ser como dantes. Porém, nessa altura, já Caldeira Cabral granjeara vasta reputação internacional e outros horizontes se abriram.

Gonçalo Ribeiro Telles, após a sua exoneração da CML foi convidado por Luís Guimarães Lobato a juntar-se ao seu colega e amigo António Viana Barreto, na realização daquele que viria a ser o projeto das suas vidas – o jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.

Teresa Bettencourt da Camara

da Liberdade. It seems to us that it will destroy its continuity of perspective. [...] We would like to see leafy trees within the green area of lawns, formal geometric and defined landscaping, with many colourful flowers, but letting the view extend above, through the transparency of beautiful tall trees and clean trunks. [...] Just as people in the city dress for it differently than outside, we also believe that the main artery of the city should be ornamented differently from what will be appropriate outside it.”

In 1959, Mayor Álvaro Salvação Barreto left office and António França Borges took office. He ordered the co-author of this project, Ribeiro Telles, to revert it to the pre-existing situation, except what concerned the widening of the traffic lanes, which resulted in a disagreement between them, which cost him a disciplinary process and consequent dismissal from his position. After França Borges left office, Caldeira Cabral wrote a letter to the new Mayor and to his friend, agronomist Fernando Santos e Castro, in an outburst in which he admitted it was one of the most painful periods of his professional life, to see his work destroyed which “[...] was growing and asserting itself, entirely in accordance with what we the authors had dreamed of, and also with what the public, unaware of the journalistic campaign, after all desired. The last part of that dream was Rotunda. There, the trees they had planted now reached their full development.”

Intervention in historic areas lends itself – yesterday as today – to the mobilization of citizens and to diverse and intense emotional manifestations. Landscape architects, at the time with roughly ten years of professional affirmation at CML, were still in very small numbers. For Caldeira Cabral's disciples, and for himself, after the Avenida da Liberdade project, nothing will ever be the same again. However, at that time, Caldeira Cabral had already earned a vast international reputation and other horizons opened.

Gonçalo Ribeiro Telles, after his resignation from CML was invited by Luís Guimarães Lobato to join his colleague and friend António Viana Barreto in the accomplishment what would become the project of their lives – the Calouste Gulbenkian Foundation garden.

Teresa Bettencourt da Camara

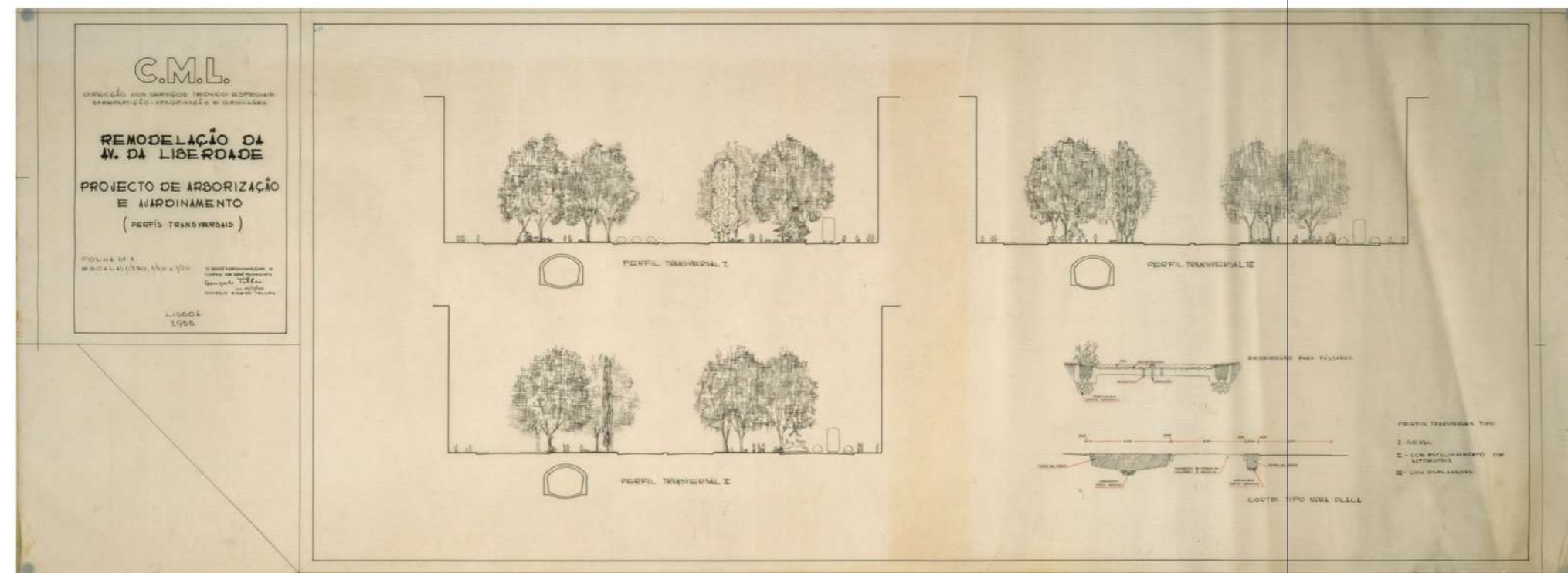
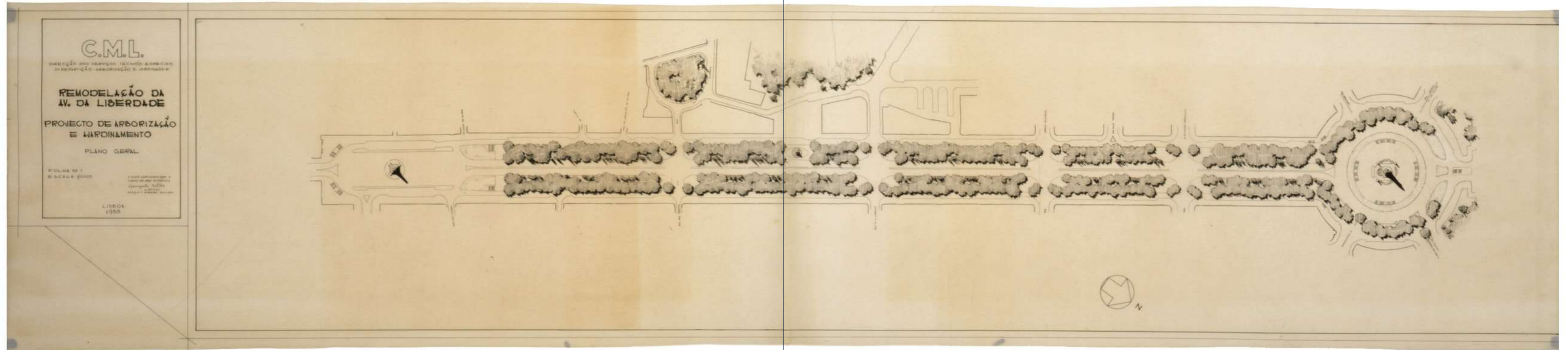
71 Restauradores. Obras de instalação da rede de Metropolitano no lado poente da Avenida no qual é visível que foi executado na íntegra o projeto de Caldeira Cabral e Ribeiro Telles. No lado nascente permanece o projecto de Ressano Garcia. AML / Restauradores. Works for the installation of the Metropolitano network on the west side of the Avenue, in which is visible that the Caldeira Cabral and Ribeiro Telles project was executed in full. On the nascent side, Ressano Garcia's project remains.



72 Remodelação da Avenida da Liberdade. Plano geral. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/1000. 20.07.1955. FCG. BA / *Renovation of Avenida da Liberdade. General plan.* Gonçalo Ribeiro Telles.

73 Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto de arborização e ajardinamento. Perfis transversais. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/20, 1/100 e 1/250. 20.07.1955. FCG. BA / *Renovation of Avenida da Liberdade. Garden and landscape design. Cross sections.* Gonçalo Ribeiro Telles.

74 Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto de arborização e ajardinamento. Perspetiva parcial. Gonçalo Ribeiro Telles. AML. Esc. 1/200. 05.07.1955. FCG. BA / *Renovation of Avenida da Liberdade. Garden and landscape design. Partial perspective.* Gonçalo Ribeiro Telles.



75 Gonçalo Ribeiro Telles acompanhando a obra. S.d. AML /
Gonçalo Ribeiro Telles following the construction work.



76—78 Avenida da Liberdade. 2003. Fotografia Manuel Silveira Ramos. FCG.
BA / Avenida da Liberdade. 2003. Photography Manuel Silveira Ramos.



“[...] Os passeios tradicionais de peões nestas faixas verdes deverão ocupar agora uma posição interior, em franca comunicação com a artéria central embora isolada por uma plantação baixa e pouco densa, visto não ser aconselhável, com o moderno trânsito, um contacto direto. Do lado oposto a vegetação mais densa e mais elevada separará esta zona dos prédios e dará mais calma e intimidade, criando assim uma certa divisão entre aqueles que gozam sossegadamente o fresco nas esplanadas ou passeiam à sombra, e os que andam ocupados na sua vida e utilizam os passeios junto às casas. Dentro deste conceito julgamos dever-se manter o pavimento tradicional de vidroço ornamentado e também colocar nos jardins, que vêm a constituir cada uma das placas, alguns motivos escultóricos que no entanto devem estar subordinados ao arranjo local e não ao conjunto da Avenida. Acresce ainda a vantagem de enquadrar a perspectiva central com árvores de copa mais estreita, e reservar as árvores de copa larga para dominar nas faixas laterais. Assim numa visão próxima alarga-se o âmbito da faixa central, ao mesmo tempo que numa visão afastada se marca melhor e com mais amplitude a perspectiva ao longo da Avenida.”

[...] Quanto ao carácter da vegetação diremos aqui somente que as árvores deverão ser de folha caduca, não só por se tratar de um vale, mas porque são estas as espécies mais resistentes ao clima da cidade e ainda as mais próprias para a arborização urbana onde o sol de inverno, mesmo entre nós, nunca é demais. Os arbustos pelo contrário serão predominantemente de folha persistente e escolhidos de forma a que em conjunto com as plantas herbáceas nos garantam uma floração quase contínua ao longo de todo o ano, que é um dos privilégios do nosso clima que não deverá nunca ser esquecido. Finalmente as plantas herbáceas vivazes, assegurando um mínimo de trabalho de manutenção e um revestimento permanente do terreno, darão as manchas de cor e a beleza das suas flores indispensáveis num ajardinamento urbano. Os relvados ocuparão o resto do terreno dando-nos o fundo ideal para as flores e arbustos, a frescura de verão e a defesa mais eficaz das poeiras.”¹

¹ [Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto. Memória descritiva. Gonçalo Ribeiro Telles; Francisco Caldeira Cabral. 1956, CML AC.]

“[...] The traditional pedestrian walks in these green lanes should now occupy an interior position, in clear communication with the central artery although isolated by a low and scarcely dense plantation, since, with modern traffic, direct contact is not advisable. On the opposite side, denser and higher vegetation will separate this area from the buildings and will provide more calm and intimacy, thus creating a certain division between those who quietly enjoy the cool in the esplanades or walk in the shade, and those who are busy in their lives and use the sidewalks by the houses. Within this concept we believe we should keep the traditional ornamented grainstone sidewalk and also set in the gardens, which come to constitute each of the plaques, some sculptural motifs that nevertheless should be subordinated to the local arrangement and not the whole Avenue. Added to this is the advantage of framing the central perspective with narrower canopy trees, and reserving the trees with wide top to dominate the lateral strips. Thus, in a close view, the scope of the central strip is widened, at the same time that in a distant view, the perspective along the Avenue is better and wider.”

[...] As for the nature of vegetation, we will only say here that the trees should be deciduous, not only because it is a valley, but also because these are the most resistant species to the city's climate and still the most suitable for urban forestation where the winter sun, even among us, is never too much. The shrubs, on the contrary, will be predominantly evergreen and chosen so that together with the herbaceous plants guarantee an almost continuous flowering throughout the year, which is one of the privileges of our climate that should never be forgotten. Finally, the lively herbaceous plants, ensuring a minimum of maintenance work and a permanent covering of the ground, will give spots of colour and the beauty of its flowers indispensable in an urban garden. The lawns will occupy the rest of the ground, giving us the ideal background for flowers and shrubs, summer freshness and the most effective defence against dust.”¹

¹ [Remodelação da Avenida da Liberdade. Projeto. Memória descritiva. Gonçalo Ribeiro Telles; Francisco Caldeira Cabral. 1956, CML AC.]



79 Parque de Santa Gertrudes. S.d.FCG / Parque de Santa Gertrudes.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Os painéis que ilustram o Parque da Fundação, têm como título *Defesa da Melhor Solução*, por ser reconhecido que o Professor quando convicto de uma ideia ou princípio os defendia com entusiasmo e os mantinha, mesmo perante qualquer oposição.

A escolha deste título e dos outros painéis da Exposição – *Intuição e Criatividade, Permanente transmissão do Conhecimento, A escala próxima do Homem e Visionário* – tem como objectivo destacar algumas das principais características do Professor.

Em 2000 a Fundação Calouste Gulbenkian, confirmando o interesse e apoio sempre demonstrados à *Arquitectura Paisagista* e revelando uma visão exemplar, solicita ao Prof. Gonçalo Ribeiro Telles uma renovação do Parque da Fundação, a qual o Professor encara com entusiasmo e com a convicção de que uma obra de *Arquitectura Paisagista* nunca está acabada, integra sempre a dimensão temporal. Constituiu de facto uma oportunidade rara, intervir no mesmo espaço, algumas décadas depois do projecto inicial.

O Professor inicia este desafio com uma avaliação da situação, baseada na análise histórica, na memória do lugar e no reconhecimento das condições e estado actual do Parque – nomeadamente uma reflexão sobre o papel do parque no contexto actual da cidade, respectivo desempenho na estrutura ecológica municipal e significado para os habitantes de Lisboa. Seguidamente foram analisados o desenvolvimento da vegetação, a resistência dos materiais inertes e o comportamento dos numerosos utilizadores. A esta avaliação segue-se a proposta

PARQUE CALOUSTE GULBENKIAN PROJECTO DE RECUPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2000 – 2001

Para a sua concretização rodeia-se de uma equipa de jovens colaboradores *Arquitectos Paisagistas*: Ana Aguiar, Catarina Raposo, Dora Lampreia, Fátima Leitão, José Manuel Conceição, Paula Gomes da Silva, Sebastião Pereira, Sofia Raichande

Considerando que o Parque está prestes a concluir meio século de existência, verifica o adequado estado de conservação, mas refere que “... os jardins têm um ciclo de vida de cerca de 30 anos o que aconselha que se inicie um programa de actuação. Numa primeira fase irá delimitar unidades de intervenção seguindo-se o estudo de cada unidade de modo que a obra seja executada faseadamente e sem impedir a frequência do Parque...”

Atribui ao facto de ainda não existir na cidade de Lisboa uma estrutura de espaços verdes capaz de responder às solicitações da sociedade contemporânea, a atracção e afluência ao Parque, que ultrapassa actualmente a sua capacidade de suporte, o que poderá pôr em risco a sua integridade. Destaca ainda que sendo hoje o Parque da Gulbenkian uma referência de modernidade deverá integrar a estrutura ecológica e cultural da cidade.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

The panels that illustrate the Foundation's Park are entitled *Defence of the Best Solution*, as it is acknowledged that the Professor, when convinced of an idea or principle, enthusiastically defended it and kept it in face of any opposition.

The choice of this title and the other panels of the Exhibition – *Intuition and Creativity, Permanent Transmission of Knowledge, The Near Scale of Man and Visionary* – aims to highlight some of the main characteristics of the Professor.

In 2000, the Calouste Gulbenkian Foundation, confirming its interest and continuous support for *Landscape Architecture* and revealing an exemplary vision, asked Prof. Gonçalo Ribeiro Telles for a renovation of Parque da Fundação, which the Professor faced with enthusiasm and with the conviction that a work of *Landscape Architecture* is never finished, on the contrary, it always integrates the temporal dimension. It was indeed a rare opportunity to intervene in the same space a few decades after the initial project.

The Professor started this challenge with an assessment of the situation, based on historical analysis, on the memory of the place and on the recognition of the conditions and current state of the Park - namely a reflection on the role of the park in the current context of the city, its performance in the ecological structure and its meaning for Lisbon citizens. The development of vegetation, the resistance of inert materials and the behaviour of numerous users were then analyzed. This evaluation is followed by the proposal

PARQUE CALOUSTE GULBENKIAN PROJECTO DE RECUPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2000 – 2001

To achieve this, he surrounds himself by a team of young collaborators, *Landscape Architects*: Ana Aguiar, Catarina Raposo, Dora Lampreia, Fátima Leitão, José Manuel Conceição, Paula Gomes da Silva, Sebastião Pereira, Sofia Raichande

Considering that the Park is about to conclude half a century of existence, he verifies the appropriate state of conservation, but states that “... the gardens have a life cycle of about 30 years, which suggests that an action program should be initiated. In a first phase, it will delimit intervention units, following the study of each unit so that the work is carried out in a phased manner and without hindering the frequency of the Park ...”

He attributes this attraction and affluence to the Park to the fact that there is not yet a structure of green spaces in Lisbon capable of responding to the demands of contemporary society. Currently the park is exceeding its support capacity, which could endanger its integrity. He also stresses that today the Parque da Gulbenkian is a reference for modernity and should integrate the ecological and cultural structure of the city.

Existem, de facto, diversos testemunhos de reconhecimento, inclusive internacionalmente, do carácter extraordinário e modernista do Parque. Regista também que no Jardim foram construídos os Centros de Arte Moderna e de Iniciação Artística Infantil, não previstos no plano inicial e considera “... indispensável não só conseguir esbater e afastar a presença do edifício do Centro de Arte Moderna, o que só o valorizará como tal, como também prever a possível continuação do Parque até ao portão de São Sebastião...”

São referidos como objectivos principais da renovação do Parque, o proteger, conservar, recuperar, recriar, valorizar e gerir este património, assegurando as suas funções culturais, sociais e funcionais. Por no projecto inicial, de 1961, a dimensão temporal ter sido acautelada, no presente projecto não são consideradas grandes alterações no desenho geral, mas sobretudo diversas intervenções nos três andares da vegetação.

O Professor verifica que as árvores apresentam um porte muito desenvolvido o que valoriza o edifício, o lago e as clareiras, criando novos ambientes e tornando possível recriar perspectivas mais profundas e de maior interesse no contraste luz/sombra e nos ritmos da cor. Estes novos cobertos arbóreos obrigam ainda a repensar o revestimento do solo. E permitem novos trajectos e novas estadias, para uma melhor e mais racional utilização dos espaços ensombrados. Considera que deverão ser combatidas as “... atitudes de poda que afastariam, gradualmente, o Jardim da concepção que presidiu à sua criação, procurando integrá-lo no convencionalismo, ainda hoje persistente, do Jardim público novecentista...”

Para a PROPOSTA desenvolve científica e poeticamente as referências utilizadas no projecto de 1961, nomeadamente a essência ecológica e mediterrânica da concepção, as espécies trazidas com as Descobertas e a paixão do Fundador pela Natureza, mas assumindo uma construção, construção real, muito amadurecida, projectada para as pessoas e para utilizações diversificadas – das mais calmas como contemplar, ouvir, ler, reflectir, sonhar, descansar, às mais activas como descobrir, percorrer e conviver.

Retoma ainda a inspiração no Canto IX dos Lusíadas, de Luís de Camões, ao descrever a “Ilha dos Amores”. E o sentido franciscano da nossa cultura, ao valorizar, na descrição da ilha, as coisas humildes e pequenas da natureza. Daquela descrição destaca – “... os formosos outeiros, as claras fontes e límpidas águas, os vales amenos, a verdura viçosa, as pedras alvas, as mil árvores ao céu subindo, as aves no ar cantando, alegres os animais no chão e as flores no céu e na terra as mesmas cores...”

Propõe assim reforçar a criação do paraíso, do éden, enfatizando como elementos constituintes do Parque - o céu e a água, a morfologia e o manto vegetal e a memória e a cultura:

1. “O céu e a água — elementos essenciais da vida e componentes estéticos da paisagem. Os lagos, os riachos e

There are, in fact, several testimonies of recognition, including internationally, of the Park’s extraordinary and modernist character. He also notes that the Centros de Arte Moderna and Iniciação Artística Infantil that were built in the Garden, were not foreseen in the initial plan and considers “... It is essential not only to blur and remove the presence of the building of the Centro de Arte Moderna, which will only enhance it as such, but also to anticipate the possible continuation of the Park to the gate of São Sebastião...”

The main objectives of the Park’s renovation are to protect, conserve, recover, recreate, value and manage this heritage, ensuring its cultural, functional and social dimensions. Since in the initial project, of 1961, the temporal dimension was taken into account, the present project does not consider major changes in the general design, but above all several interventions in the three floors of vegetation.

The Professor verifies that present trees have a very developed size which values the building, the lake and the clearings, creating new environments and making it possible to recreate deeper perspectives and greater interest in the contrast between light, shadow and colour rhythms. These new arboreal coverings also require rethinking the soil covering. And they allow for new routes and new stays, for a better and more rational use of shaded spaces. Considers that action should be taken against “... pruning attitudes that would gradually remove the Garden from the conception that presided over its creation, seeking to integrate it into the conventionalism, still persistent today, of the 19th century public garden...”

For the PROPOSAL he further develops scientifically and poetically the references used in the 1961 project, namely the ecological and Mediterranean essence of the design, the species brought with the Discoveries and the Founder’s passion for Nature, but taking on a construction, a real construction, very mature, designed for people and for diverse uses - from the calmest ones like contemplating, listening, reading, reflecting, dreaming, resting, to the more active ones like discovering, travelling and living together.

He also takes his inspiration from Lusíadas’ Canto IX, by Luís de Camões, when describing the “Ilha dos Amores” and the Franciscan sense of our culture, by valuing, in the description of the island, the humble and small things of nature. From that description, he highlights - “... the beautiful hills, the clear springs and limpid waters, the mild valleys, the lush greenery, the white stones, the thousand trees rising to the skies, the birds in the air singing, the joyful animals on the ground and the flowers in the sky and on earth the same colours...”

It thus proposes to reinforce the creation of paradise, of Eden, emphasizing as constituent elements of the Park - the sky and the water, the morphology and the vegetation mantle and the memory and culture:

1. “Sky and water — essential elements of life and aesthetic components of landscape. The lakes, the streams and the

as margens húmidas, constituem um sistema estruturante de continuidade e movimento”.

À função ecológica da água, incluindo o desenvolvimento da vida selvagem no Parque, acrescenta agora o Professor “... a reflexão da luz que irradia do céu, transfigurando os espaços ao longo do ano e com o correr do dia... trata-se, de criar um “bosque” onde, no seu interior, a existência de “charcos” circulares reflectindo as árvores, como num espelho, invertem a verticalidade dos fustes. O céu que é luz e cor sente-se também através desta inversão e pelos raios de sol que atravessam as copas das árvores.”

2. Ao considerar a morfologia e o manto vegetal, consolida a pormenorizada modelação do terreno, acautela que a selecção, composição e distribuição da vegetação sigam os princípios da ecologia, revendo as localizações mais adequadas das diferentes espécies, promovendo e reforçando as tradicionais componentes da paisagem: a mata para protecção e criação de ambientes, as orlas e sebes e as clareiras.

“*Nas clareiras transforma-se, gradualmente, o relvado convencional num prado de composição botânica mais complexo para que melhor se integre no contexto natural e ecológico do Jardim. O aveludado do verde, o movimento provocado pelas brisas, as alterações de cor ao longo do ano e a mais variada composição ecológica das espécies permitem uma presença dinâmica que acompanha com o correr das estações.*”

3. A memória e a cultura — a selecção da vegetação baseia-se na flora silvestre e “... recupera o espaço e as formas tradicionais da paisagem portuguesa que tem como paradigma a quinta histórica de recreio constituída pela mata, pelas culturas e pelos lugares de prazer ou seja, nela estão presentes a vida silvestre, a produção e o recreio. Os espaços articulam-se permitindo a descoberta de sucessivas surpresas e diferentes ambientes.”

Foi também reformulada a localização de equipamentos e a rede de percursos, fortemente subordinadas à vegetação e reforçando o atravessamento de matas e túneis de vegetação, frescos e húmidos, a que se sucedem clareiras/prados cheios de luz e sol.

“*Estamos no mundo íntimo das coisas mais simples e humildes que contrasta com a leitura alargada e de maior profundidade dos espaços exteriores.*” Foi também assegurado um caminho de nível, que através de rampas e passadiços, permite percorrer todo o Parque.

Do resultado final deste Projecto de recuperação e desenvolvimento ressalta a criatividade na concepção de sequências de ambientes abertos e fechados, jogos de luz, sombra e movimento e a permanente presença do factor surpresa e de descoberta. São estas características, que asseguram o conforto para as diversas utilizações e justificam a enorme atracção do Parque para todas as classes etárias.

wet banks, constitute a structuring system of continuity and movement”.

To the ecological function of water, including the development of wildlife in the Park, Professor now adds “... the reflection of light that radiates from the sky, transfiguring spaces throughout the year and as the day progresses... this is about creating a “forest” where, inside, the existence of circular “ponds” reflecting the trees, as in a mirror, inverts the verticality of the stems. The sky, which is light and colour, is also felt through this inversion and by sunrays that pass through treetops.”

2. When considering the morphology and the vegetation mantle, consolidates the detailed modelling of the terrain, ensures that the selection, composition and distribution of vegetation follow the principles of ecology, reviewing the most appropriate locations of the different species, promoting and reinforcing the traditional components of the landscape: the forest for protection and creation of environments, the margins and hedges and clearings.

“*In the clearings, the conventional lawn is gradually transformed into a meadow of more complex botanical composition so that it is better integrated into the natural and ecological context of the Garden. The velvety of the green, the movement caused by the breezes, the colour changes throughout the year and the most varied ecological composition of species allow a dynamic presence that accompanies the running of the seasons.”*

3. Memory and culture — the vegetation’s selection is based on wild flora and “... recovers the space and traditional forms of the Portuguese landscape that has as its paradigm the historical recreational farm consisting of forest, cultures and places of pleasure, that is, we find there wild life, production and recreation. Spaces are articulated allowing the discovery of successive surprises and different environments.”

The location of equipment and the paths network were also reformulated, strongly subordinated to vegetation and reinforcing the crossing woods and vegetation tunnels, followed by clearings/meadows full of light and sun.

“*We are in the intimate world of the simplest and most humble things that contrasts with the wider and deeper reading of outdoor spaces.*” A level path was also ensured, which, through ramps and footbridges, allows us to walk around the entire Park.

The final result of this recuperation and development project highlights creativity in the design of open and closed environments, games of light, shadow and movement and the permanent presence of the surprise and discovery factors. These are the characteristics that ensure comfort for the various uses and justify the enormous attraction of the Park for all age groups.

Esta criatividade, fortemente apoiada nos factores naturais e no sistema de aberturas e vistas, introduz cuidadosamente, eixos, pontos de fuga, planos próximos e afastados, proporcionando novos panoramas para gozo do interior dos edifícios e conseguindo que se perca a noção dos limites do Parque e a sua dimensão – o que, tal como o Professor preconizou, será reforçado com a ligação ao Jardim dos Condes de Vilalva e à Praça de Espanha – contribuindo para a consolidação da Estrutura Ecológica de Lisboa, aspiração do Professor Gonçalo Ribeiro Telles, sonhada e descrita ao longo de décadas.

Margarida Cancela d'Abreu

NOTA: todas as citações em itálico, decorrem de textos, esboços e conversas do Professor Gonçalo Ribeiro Telles e da Equipa do Projecto de Recuperação e Desenvolvimento.

This creativity, strongly supported by natural factors and the system of openings and views, carefully introduces axes, vanishing points, near and far planes, providing new panoramas for the enjoyment of the interior of the buildings and accomplishing the loss of notion regarding the limits of the Park and its dimension – which, as the Professor recommended, will be reinforced with the connection to Jardim dos Condes de Vilalva and Praça de Espanha – contributing to the consolidation of the Lisbon Ecological Structure, aspired by Professor Gonçalo Ribeiro Telles, dreamt and described over decades.

Margarida Cancela d'Abreu

NOTE: all citations in italics are from texts, sketches and conversations by Professor Gonçalo Ribeiro Telles and the Recovery and Development Project Team.

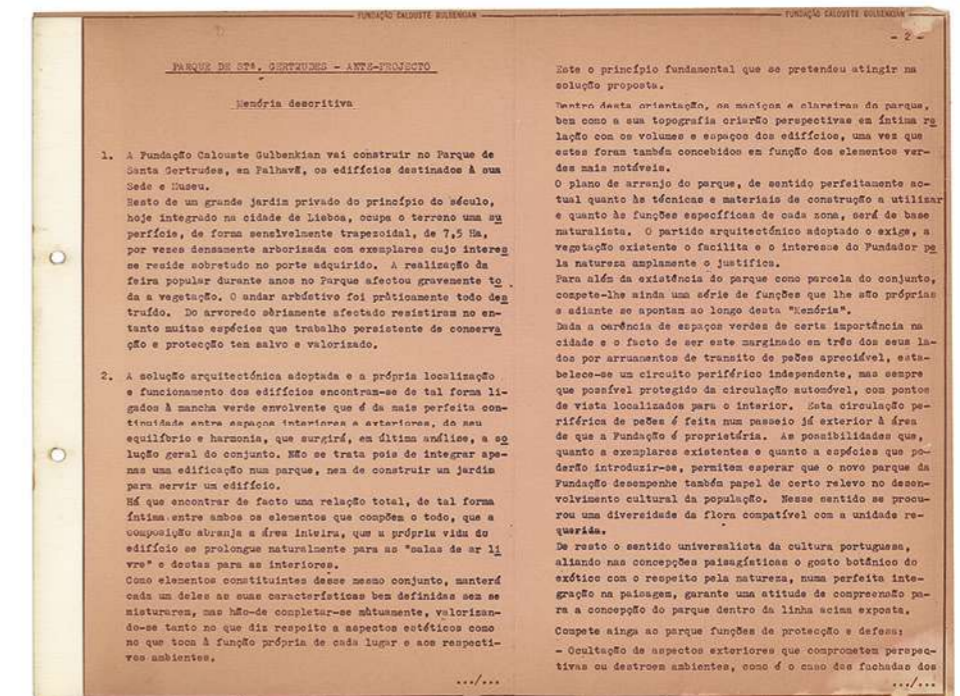
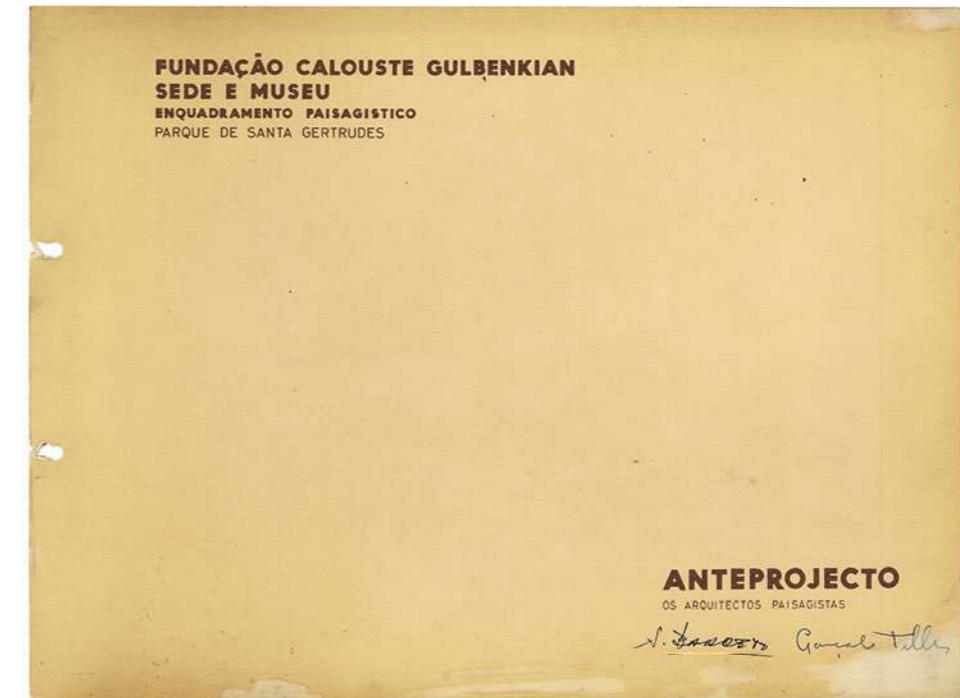
“[...] pensámos dar ao parque uma concepção naturalista mas fugindo de certo modo à concepção convencional do parque inglês, com os relvados e os maços arbóreos. Pensámos então ir ao encontro talvez de uma tradição mais portuguesa e fomos procurar no episódio da Ilha dos Amores dos Lusíadas a ideia das colinas, dos regatos, do correr das águas, do verde, e assim surgiu o parque... O terreno estava muito degradado, tinha apenas um grupo de ulmeiros muito denso, tinha umas aroeiras que ainda hoje estão ao lado do lago e tinha uns eucaliptos que foram integrados propriamente na construção dos edifícios, eram indispensáveis para dar escala aos edifícios e foram mantidos, tudo o resto evidentemente tinha de ser modificado, tinha de ser alterado e o rebaixamento do terreno do lago, para que ele se integrasse nos pontos de vista do interior para o exterior obrigou de facto a um movimento de terras muito importante e inclusive à colocação de pedras de granito, de blocos de granito que nessa altura foram introduzidos, que não eram de cá, portanto e de certo modo há aquele cenário que há pouco aponte de repetir a Ilha dos Amores [...]”¹

“[...] We thought of giving the park a naturalistic conception but, in a certain way, escaping the conventional conception of the English park, with its lawns and arboreal massifs. We then thought to perhaps meet a more Portuguese tradition so we looked into the episode of Ilha dos Amores from Lusíadas for the idea of the hills, the streams, the running water, the green, and so the park appeared ... The land was very degraded, it only had a very dense group of elm trees, there were mastic trees that are still beside the lake and there were eucalyptus trees that were properly integrated in the construction of the buildings, they were indispensable to scale the buildings and were maintained, everything else obviously had to be modified, the lowering of the lake's terrain had to be changed so that it was integrated into the viewpoints from the interior to the outside, in fact it required a very important earth movement and even the placement of granite stones, blocks of granite, that were introduced at that time, which were not from here, so and in a way there is that scenario that I just pointed out to repeat Ilha dos Amores [...]”¹

¹ [Entrevista a Ribeiro Telles in “Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian - parte II”. RTP Arquivos. 08.02.1995.]

¹ [Entrevista a Ribeiro Telles in “Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian - parte II”. RTP Arquivos. 08.02.1995.]

80—81 Fundação Calouste Gulbenkian. Sede e Museu. Enquadramento paisagístico. Parque de Santa Gertrudes. Anteprojecto: Memória descritiva; Zonamento; Rega; Drenagem; Perfis. António Barreto. Gonçalo Ribeiro Telles. 12.1961. DGPC/SIPA / Fundação Calouste Gulbenkian. Headquarters and Museum. Environmental treatment. Parque de Santa Gertrudes. Preliminary Draft. Descriptive document; Zoning; Irrigation; Drainage; Profiles. António Barreto. Gonçalo Ribeiro Telles.



grédios situados na rua Linfrotia. - Protecção no que respecta à redução da velocidade do vento do quadrante norte que o arvoredo existente atua nitidamente, ou no que se refere ao ruído do tráfego nos arruamentos que o circundam, ou no que não pode haver o ambiente de intimidade e sossego que se refere ao seu interior.

O aceitar das diferenças de nível actual cria exposições e microclimas de certo modo diferenciados que são aproveitados no sentido de uma maior valorização de toda a área.

O núcleo rochoso profundamente plantado de plantas de flor onde se integra o Auditório debruçando-se sobre a superfície calma do lago, ou o roseiral que avança da zona sombria e arborizada da mata sobre o relvado batido pelo Sol que em declive suave o liga ao edifício, são exemplares desse modo de proceder.

O traçado largo baseado nos contrastes sombra-luz, árvore-clareira, procura constante do projecto.

O movimento, traduzido quer no crescimento das plantas, quer nos aspectos diferentes de volume, cor e luz que tomam ao decorrer das estações, quer na existência da fauna própria dos parques, quer enfim na presença humana ligada à vida dos edifícios ou na circulação no interior ou na periferia do parque, é também elemento importante a considerar no desenvolvimento do projecto. De igual modo, a luz e sua incidência, projecção de sombra e seus tipos, tal como a iluminação artificial nocturna, são todos aspectos que merecem estudo e dos quais se pretende enriquecer o conjunto.

3. O terreno do Parque, todo delimitado por arruamentos, excepto a sul, possui um declive geral no sentido Sul-Norte. A criação de clareiras mais ou menos planas para Sul dos edifícios, indispensáveis à função que desempenham e ao enquadramento daqueles edifícios, conduziu à criação dum socalco de que se tira partido no traçado geral do Parque. Torna desnecessária desta forma, três zonas diferentes que se interpenetram em vários pontos mantendo-se, assim, como unidade, a unidade do conjunto: uma zona a Norte fronteira

As edificações, uma outra sensivelmente plana vivendo estreitamente ligadas aos edifícios e constituindo para Sul o prolongamento da sua vida exterior, e finalmente uma mais livre, que com esta se liga para Sul e constitui a área mais declivosa, coberta e ensoberbada por onde se distribuem alguns elementos de interesse do Parque.

A primeira destas zonas comporta-se como a superfície de enquadramento da fachada Norte dos edifícios, com um declive geral regular a partir da Avenida de Berna. Constitui uma extensa clareira perifericamente envolvida por vegetação arbórea em cortina mais ou menos rala de forma a conservar o carácter de intimidade que sempre se deverá defender. Através dela se estabelecem em rampas suaves os acessos aos edifícios e ao parque de estacionamento subterrâneo.

A ponte, a faixa junto ao Museu - como aliás no topo do socalco - mantém igualmente características semelhantes ao virado já de zona de transição para a mata que se estende a Sul.

Asimila-se como espaço importante de vista, a abertura sobre o Palácio da Embaixada de Espanha e terraço praça sobre o edifício.

A segunda zona atrás referida, atende-se em declive largo do para Sul das construções e completa-se com as superfícies relvadas junto ao Museu ligando-se com a zona da sala das exposições temporárias e com o lago que lhe serve de fundo. Uma pequena colina junto que serve de fundo ao auditório estabelece com o relevo e a mata de desenvolvimento periferico a Ponte ou Linhas deste socalco. Para Macente, uma área rectangular mais formalizada serve de "foyer" exterior ao auditório sendo envolvida por vegetação arbórea no seu limite Macente. Esta vegetação penetra no interior da clareira e funciona como pano de fundo através do qual se vê com uma luminosidade adequada ao sossego de zona de salas.

É necessário salientar que na modelação de todo o Parque se atendeu à valorização dos mais notáveis grupos arbóreos existentes e que de certo modo permitiu um relevo em parte justificado pela existência daqueles grupos de árvores.

Finalmente, a área restante do Parque a Sul integra-se perfeitamente na zona acabada de descrever. Frente ao relvado que serve o Museu, implanta-se um roseiral (3) rodeado em palanques irregulares e delimitado da superfície do lago por um cabeço arborizado. O lago, (1) que se espraia suavemente no relvado fronteiro à sala das exposições temporárias é envolvido por margens mais declivosas, por vezes com pedras naturais, nos outros limites. Sobre ele se debruça o palco do auditório ao ar livre (2) cuja borda dá em pedra se dispõe irregularmente dispersando-se para Poente em forma de rocheira plantada (6) onde cabem as herbáceas de cor intensa. Um pequeno regato (4) conduz a água em cascata pelo interior das margens rochosas e mais abruptas.

O cabeço que é limite Macente do lago (11) serve de fundo do an enquadramento do auditório é enriquecido por uma vegetação de tipo tropical e limita ainda pelo lado oposto uma outra zona onde têm lugar as plantações de espécies seixas (Azáleas, Rhododendros, Caméleiros, etc.) (7). Estas, constituem a faixa marginal do grupo de alvarais hoje existente (8). Este núcleo arbóreo irá crescendo à medida que avança sobre o "foyer" exterior do auditório, proporcionando-lhe o já referido ambiente de sombra. Logo, desenvolve-se sobretudo na zona meridional do terreno, onde a modelação deste, mais movimentada, há-de proporcionar microclimas um tanto diferenciados com as consequências variadas do ambiente. Nesta zona se dispersa a maior rede de caminhos que, envolvendo as áreas mais baixas permitem diversos e variados pontos de vista. A se localiza um ou mais grupos esculptóricos (9), um aviário em rede de nylon com aves exóticas (10) disposto no interior dum terreno coberto por arvoredo disperso, e uma área mais extensa para Poente onde várias formações de mata climaco de país são um grande interesse cultural a esta zona do Parque.

No que se refere à circulação no Parque, esta pode diferenciar-se em pública e privada.

A circulação pública, de noite, verifica-se através de um caminho periferico convenientemente afastado do tráfego

logo alto que envolve todo o recinto a Macente, Norte e Poente. Não se inclui evidentemente os socalcos principais aos edifícios. Como já se disse este caminho periferico percorre terreno já não pertença da Fundação.

A circulação privada tem lugar para Sul das construções, por meio de uma extensa rede de caminhos convenientemente hierarquizados que conduzem aos diversos pontos de interesse do conjunto.

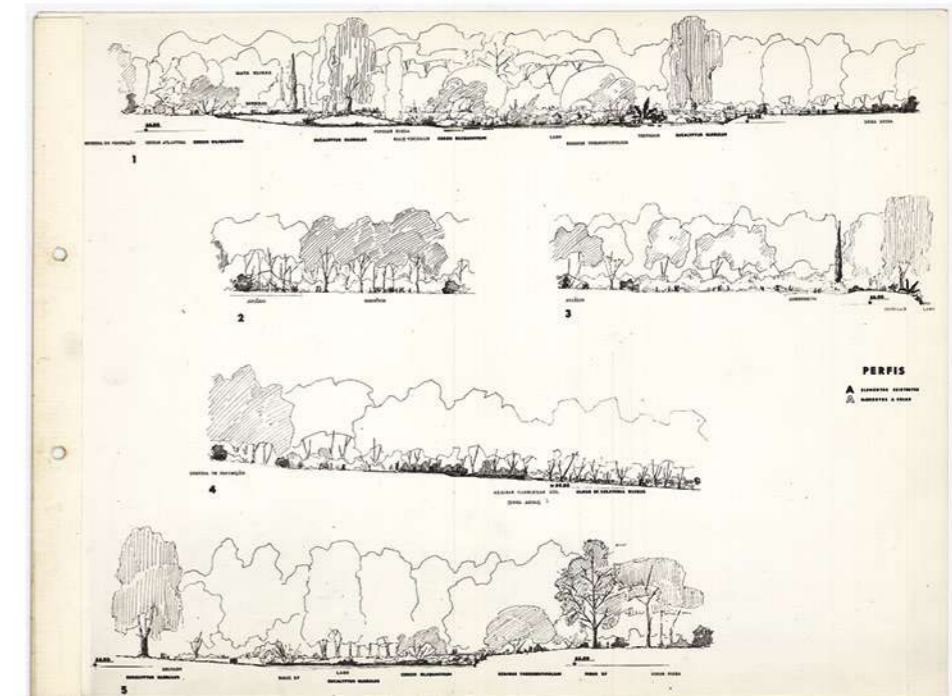
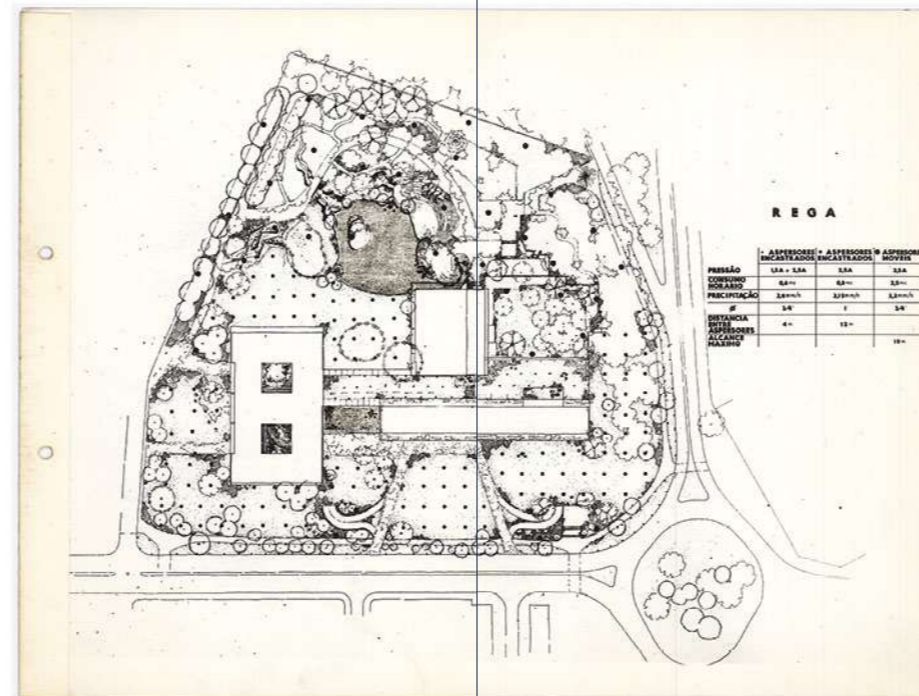
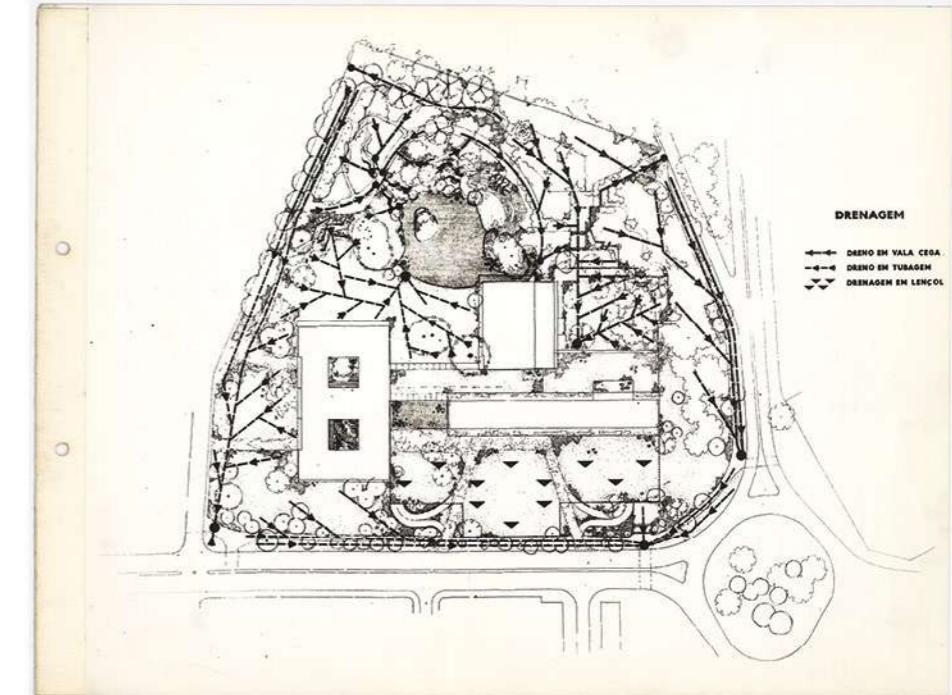
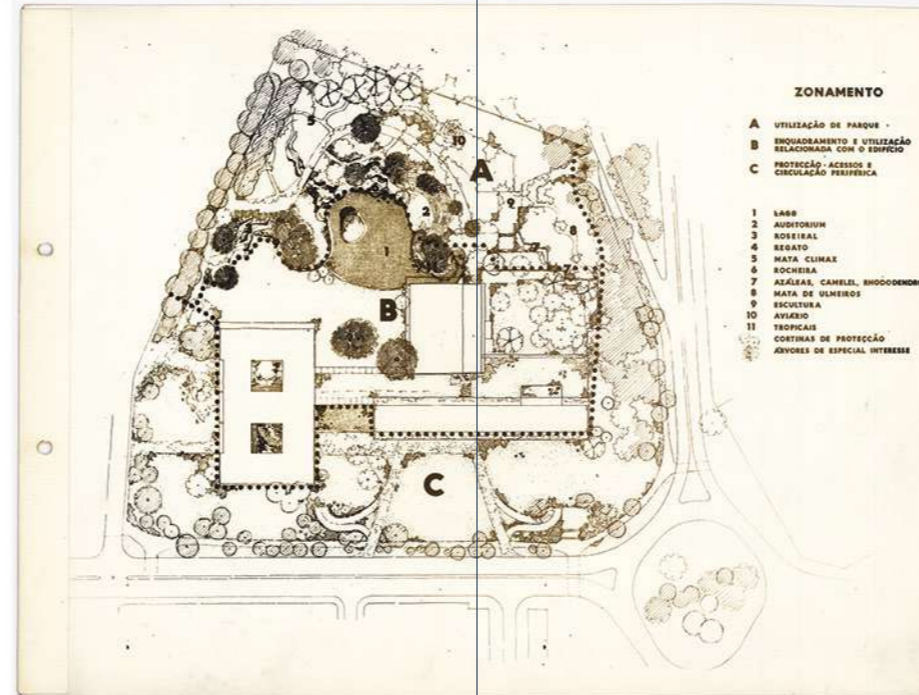
Existem também dois acessos eventuais aos edifícios para serviços urgentes (hombeiros, ambulâncias, etc.) construídos de maneira a não serem evidentes a fim de não coartarem a intimidade do lugar.

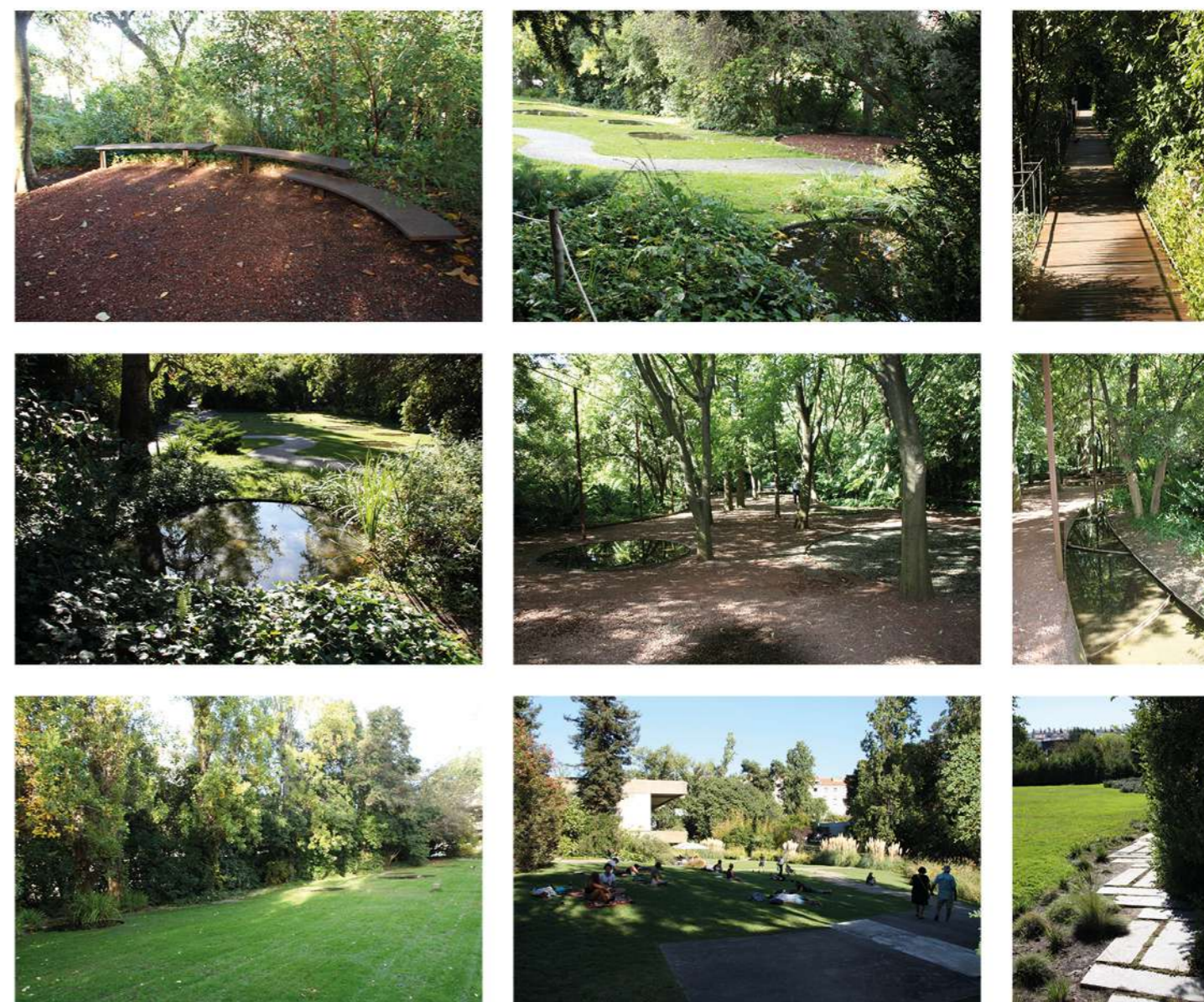
A rega prevê-se que seja realizada por um sistema de aparelhos: fixo, automático e encastado no terreno nos relevos sustentados nas zonas de mata e arquitectivas. Este sistema garante uma mais fácil conservação e reveste-se de certos aspectos de que se pode tirar partido estético.

A. Barreto
Arquitecto-Paisagista

Gonçalo Ribeiro Telles
Arquitecto-Paisagista

December 1961



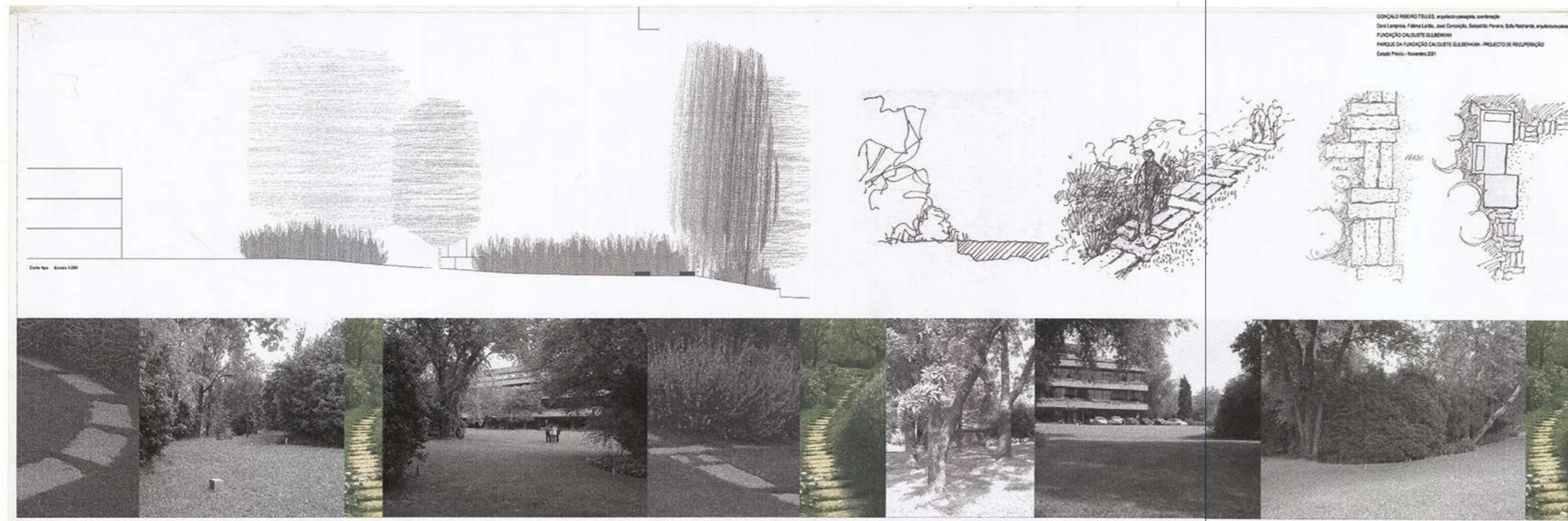
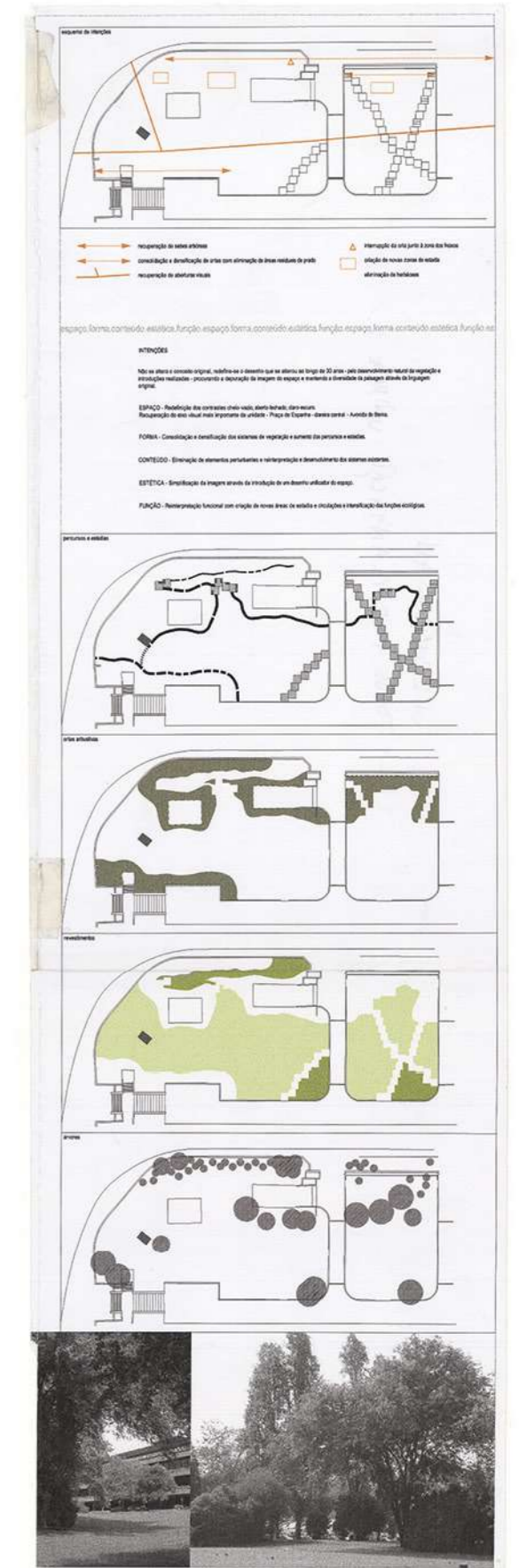


94 Parque da Fundação Calouste Gulbenkian. Projecto de recuperação. Estudo prévio. Gonçalo Ribeiro Telles (coordenação), Dora Lampreia, Fátima Leitão, José Conceição, Sebastião Pereira, Sofia Raichande. S.e. 11.2001.DGPC SIPA / Fundação Calouste Gulbenkian's Park. Renovation project. Preliminary study. Gonçalo Ribeiro Telles (coordination), Dora Lampreia, Fátima Leitão, José Conceição, Sebastião Pereira, Sofia Raichande.

95 Parque da Fundação Calouste Gulbenkian. Projecto de recuperação. Projecto de execução. Unidade 2-fase I. Plano de plantação. Gonçalo Ribeiro Telles. S.e. S.d. DGPC / SIPA / Fundação Calouste Gulbenkian's Park. Preliminary study. Detail Plan. Unit 2-stage I. Plantation plan. Gonçalo Ribeiro Telles.



96 Fundação Calouste Gulbenkian. Cobertura do estacionamento. S.a. S.e. S.d. DGPC/SIPA / Fundação Calouste Gulbenkian. Parking's roof.





O PLANO VERDE DE LISBOA

O Plano Verde de Lisboa [PVL] foi elaborado por uma equipa coordenada pelo Prof. Arquitecto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, para o primeiro Plano Director Municipal de Lisboa [PDML] que viria a ser aprovado em 1994.

O PVL constituiu a componente ecológica do PDML tendo a equipa sido convidada pelo Arquitecto Luis Jorge Bruno Soares, seu coordenador, sendo o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, à data, Jorge Sampaio.

O CONCEITO

O conceito que esteve na base do PVL foi o do Contínuo Natural, introduzido em Portugal pelo Prof. Arquitecto Paisagista Francisco Caldeira Cabral, fundador do primeiro curso de Arquitectura Paisagista, em Portugal, no Instituto Superior de Agronomia. Este conceito, mais tarde vertido na Lei de Bases do Ambiente (Lei 11/87), resulta duma concepção sistémica do mundo que se iniciou com os trabalhos de Alexandre de Humbolt, em meados do séc. XIX, continuados por outros como Thoreau e Marsh e, perfilhado pela nova ciência “a ecologia” termo usado pela primeira vez por Ernst Haeckel [1869] que a definiu como a ciência das relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem. Nesta visão sistémica, o homem faz parte da natureza e tem que trabalhar com ela e não contra ela. Na natureza tudo tem que fluir para que a Terra funcione como um organismo vivo, tal como foi considerada, mais tarde, pela Teoria de Gaia, formulada por Lovelock e Margulis [1972].

Nesta concepção, deixa de haver barreiras, construídas ou naturais, entre a cidade e o campo, tal como era vista a cidade tradicional, herdeira da cidade muralhada medieval. A cidade deixa de ser a cidade compacta, onde os únicos espaços abertos públicos eram o Largo e o Adro da igreja, na Idade Média; o Rossio e o Campo, tipologias de interface, englobadas na cidade à medida que esta crescia; a Praça ou o Passeio Público barrocos; o jardim de quarteirão e o Boulevard haussmaniano românticos; e mesmo o parque verde público que já é uma tipologia da cidade modernista.

O crescimento edificado da cidade modernista fica, nesta visão, condicionado às estruturas da paisagem onde a água, o solo, a vegetação e o ar fluem, mantendo assim a saúde do espaço e das pessoas que nele vivem. Estas estruturas naturais “verdes” entram na cidade, alternando com as estruturas edificadas “cinzentas” que entram no campo, mas estas, sem se expandir em mancha de óleo e aceitando os ecossistemas que lhe subjazem.

A presença da Natureza na cidade deixa portanto de ser representada pelas tipologias tradicionais e passa a assumir a forma de uma estrutura, inicialmente designada por Estrutura Verde, composta por sistemas lineares que asseguram funções naturais, mas também as funções urbanas do lazer, do recreio e da mobilidade suave. Com o aprofundamento do conhecimento em ecologia, a Estrutura Verde que começou por só responder à preocupação de ligar espaços verdes de maior dimensão,

LISBON'S GREEN PLAN

The Lisbon's Green Plan (Plano Verde de Lisboa- PVL) was prepared by a team coordinated by Prof. Landscape Architect Gonçalo Ribeiro Telles for the first Plano Director Municipal de Lisboa [PDML] that would be approved in 1994. The PVL constituted the ecological component of the PDML. Architect Luis Jorge Bruno Soares, being its coordinator, invited the team. The Mayor of Lisbon at the time was Jorge Sampaio.

THE CONCEPT

The concept behind the PVL was the Natural Continuous, introduced in Portugal by Prof. Landscape Architect Francisco Caldeira Cabral, founder of the first Landscape Architecture course in Portugal, at Instituto Superior de Agronomia. This concept, later translated into the Framework Environmental Law [Law 11/87], derives from a systemic conception of the world that began with the works of Alexandre de Humbolt, in mid 19th-century, continued by others like Thoreau and Marsh and, adopted by the new science “the ecology” term used for the first time by Ernst Haeckel [1869] who defined it as the science of relations between living beings and the environment in which they live. In this systemic view, man is part of nature and has to work with it and not against it. In nature everything has to flow in order for the Earth to function as a living organism, as was later considered by Gaia's Theory, formulated by Lovelock and Margulis [1972].

In this conception, there are no barriers, built or natural, between the city and the countryside, as was seen in the traditional city, heir to the medieval walled city. The city ceases to be a compact city, where the only public open spaces were the church's square and churchyard, as in the Middle Ages; Rossio and Campo, interface typologies, encompassed in the city as it grew; the Baroque Square or Public Promenade; the romantic neighbourhood garden and the Haussmanian Boulevard; and even the public green park which is already a typology of the modernist city.

The built up growth of the modernist city is, in this view, conditioned to the landscape structures where water, soil, vegetation and air flow, maintaining, as a result, the health of the space and the people who live there. These “green” natural structures enter the city, alternating with the “grey” built structures that enter the countryside, but without expanding into oil slicks and accepting the underlying ecosystems.

The presence of Nature in the city is therefore no longer represented by traditional typologies and takes on the form of a structure, initially called Green Structure, composed of linear systems that ensure natural functions, but also the urban functions of leisure, recreation and smooth mobility. With the deepening of knowledge in ecology, the Green Structure that started by responding solely to the concern of connecting larger green spaces, evolves and starts to be constituted by the fundamental structures of landscape

evolui e passa a ser constituída a partir das estruturas fundamentais da paisagem e a incorporar o conhecimento científico originado numa nova disciplina – a ecologia urbana (Sukopp, anos 80) podendo agora ser intitulada por Estrutura Ecológica. Está assim consubstanciado o Contínuo Natural que mais correctamente se pode referir como Contínuo Ecológico. É daqui que nasce a Estrutura Ecológica de Lisboa, a peça fundamental do Plano Verde de Lisboa.

A Estrutura Ecológica reúne todos os elementos da paisagem que suportam os fluxos da água, do ar, dos nutrientes e da biodiversidade numa só estrutura que alterna com a estrutura do espaço edificado. A Estrutura Ecológica, para além de visar a criação de um espaço urbano ecologicamente equilibrado, pode acomodar outras funções urbanas. Ou seja, por um lado, favorece um ambiente termo-regulado, uma humidade do ar conveniente, a infiltração da água e a redução das inundações, o funcionamento dos ciclos da biodiversidade, o contacto com os fenómenos naturais, a redução da poluição atmosférica, sobretudo por partículas, em suma, a criação de uma cidade saudável; por outro lado, a coexistência destas funções com: a mobilidade suave (andar a pé ou em veículos não ou pouco poluidores) que encerra objectivos como o exercício físico, a redução dos automóveis em circulação e portanto a redução da poluição; a agricultura urbana capaz de compatibilizar benefícios ecológicos e socio-económicos amplamente reconhecidos; a criação de espaços de recreio e de encontro entre pessoas, indispensáveis à vida urbana e à coesão social.

O conceito de Estrutura Ecológica recentemente foi reforçado e trazido para a política de ordenamento do território, incluindo das cidades, pela União Europeia, sob a designação de “Infraestrutura Verde” (2013 e anos seguintes). Esta designação serve o propósito de lembrar que, à semelhança de qualquer outra infraestrutura (rodoviária, comunicações, saneamento, etc.), a Estrutura Ecológica tem que estar na base da instalação de qualquer actividade humana na paisagem, de modo a assegurar o funcionamento e equilíbrio ecológico da mesma.

O PLANO VERDE DE LISBOA (PVL)

Sendo Lisboa um concelho predominantemente edificado, houve que adaptar o conceito do “Contínuo Natural” a esta realidade. Para isto recorreu-se também ao conhecimento ligado à “Biogeografia das ilhas” (Robert MacArthur e E.O. Wilson, anos 60) que demonstrou que, quando não é possível criar uma continuidade ecológica, esta pode ser substituída por pequenas áreas (stepping stones), relativamente próximas umas das outras. Nas zonas já impermeabilizadas é extremamente importante o papel da vegetação, principalmente das árvores, nos serviços que prestam em termos das funções ecológicas já referidas, e portanto na saúde e bem-estar humanos.

Com base nos vazios de edificação existentes, criou-se:

- O anel periférico
- O anel intermédio com edifícios intercalados
- Os sistemas de vales
- O sistema pontual da zona colinar

and to incorporate scientific knowledge originated in a new discipline - urban ecology [Sukopp, 1980s] and can now be called Ecological Structure. The Natural Continuous is thus embodied, which can more correctly be referred to as the Ecological Continuous. This is where Lisbon's Ecological Structure is born, the essential piece of Lisbon's Green Plan.

The Ecological Structure brings together all landscape elements that support water flows, air, nutrients and biodiversity in a single structure that alternates with the structure of the built space. The Ecological Structure, in addition to aiming at the creation of an ecologically balanced urban space, can accommodate other urban functions. In other words, on the one hand, it favours a thermo-regulated environment, suitable air humidity, water infiltration and flood reduction, the functioning of biodiversity cycles, contact with natural phenomena, the reduction of atmospheric pollution, mostly by particles, in short, the creation of a healthy city; on the other hand, the coexistence of these functions with: smooth mobility [walking or driving non-polluting or low-polluting vehicles] with objectives such as physical exercise, the reduction of cars in circulation and therefore the reduction of pollution; urban agriculture capable of reconciling widely recognized ecological and socio-economic benefits; the creation of spaces for recreation and for people to meet, which are indispensable for urban life and social cohesion.

The concept of Ecological Structure has recently been reinforced and brought into the development plan policy, including cities, by the European Union, under the designation of “Green Infrastructure” [2013 and following years]. This designation serves the purpose of reminding that, like any other infrastructure [roads, communications, sanitation, etc.], the Ecological Structure must be the basis for the installation of any human activity in the landscape in order to ensure its' well functioning and ecological balance.

LISBON'S GREEN PLAN [PVL]

Since Lisbon is a predominantly built municipality, the concept of the “Natural Continuous” had to be adapted to this reality. For this, the knowledge linked to the “Biogeography of the islands” [Robert MacArthur and E.O. Wilson, 60's] was also used, which demonstrated that when it is not possible to create an ecological continuity, it can be replaced by small areas [stepping stones], relatively close to each other. In already sealed areas, the role of vegetation, especially trees, is extremely important in the services they provide in terms of the ecological functions already mentioned, and therefore in human health and well-being.

Based on the existing building voids, it was created:

- The peripheral ring
- The intermediate ring with interspersed buildings
- Valley systems
- The hilltop system
- The riverside system
- The view system

The peripheral ring encompasses the Peripheral Park, proposed by Gonçalo Ribeiro Telles when he was councillor

97 Plano Diretor de Urbanização de Lisboa. Plano de Estrutura Verde. Gabinete de Estudos de Urbanização [GEU]. Aprovado em 1959. Coordenação Luís Guimarães Lobato. Co-autoria Gonçalo Ribeiro Telles, sendo visível a proposta de corredores verdes. S.e. FCG. BA / Lisbon Urban Master Plan. Green Structure Plan. Gabinete de Estudos de Urbanização [GEU]. Approved in 1959. Coordination Luís Guimarães Lobato. Co-authorship Gonçalo Ribeiro Telles, the proposal for green corridors is visible below.



— O sistema ribeirinho
— O sistema de vistas

O **anel periférico** engloba o Parque Periférico, proposto por Gonçalo Ribeiro Telles quando foi vereador da CML (1985), e o Parque Florestal de Monsanto, ligado ao sistema ribeirinho através do Restelo.

O **anel intermédio** com edifícios intercalados é caracterizado por uma matriz verde, característica da cidade modernista que abrange os Olivais, Alvalade [Parque José Gomes Ferreira, LNEC, Hospital Júlio de Matos], Campo Grande, Cidade Universitária, Hospital de S.ta Maria e Tapada da Ajuda.

O **sistema de vales** que incluem os ecossistemas mais importantes do planeamento de base ecológica, englobam os maiores vales de Lisboa – Olivais, Chelas, Vale Verde e Alcântara. Destes vales, só o Vale Verde está praticamente impermeabilizado e portanto a continuidade ecológica só pode ser mantida à superfície. Todos os outros vales, podem ser projectados de modo a renaturalizar as respectivas ribeiras e a criar verdadeiros corredores ecológicos que liguem a zona planáltica de Lisboa ao sistema ribeirinho.

O sistema pontual da zona colinar aplica o conceito de stepping stones e é constituído pelos jardins de quarteirão e pelos logradouros, públicos e privados, permeáveis e com vegetação. Refere-se aqui o regulamento da Estrutura Ecológica (1994), inovador em Portugal, que introduziu a obrigatoriedade de manter uma percentagem da área do logradouro permeável, se necessário com a construção de poços de infiltração e, tanto quanto possível, com árvores.

O sistema ribeirinho engloba toda a faixa ribeirinha que se pretendia manter permeável, verde e destinada a uso público e ao contacto das pessoas com o rio, com alguns equipamentos colectivos isolados. O sistema de vistas, particularmente importante na zona colinar e na sua relação com o rio, visava salvaguardar as vistas mais importantes, através do controle da altura das cérceas, em determinadas zonas estratégicas.

O **DESENVOLVIMENTO DO PLANO VERDE DE LISBOA (PVL)** Gonçalo Ribeiro Telles foi chamado por João Soares, Presidente da Câmara em 1995, para o apoiar em matérias que se prendessem com o ambiente urbano. Foi criado um gabinete onde uma equipa, chefiada por Ribeiro Telles, se dedicou ao “aprofundamento da Estrutura Ecológica de Lisboa”, projectando alguns espaços incluídos na Estrutura Ecológica. Muitos espaços foram desenhados e só alguns construídos. Entre estes, o “Jardim do Alto do Parque”, mais tarde chamado “Amália Rodrigues” que constituía o princípio da ligação entre o Parque Eduardo VII e o Parque de Monsanto. Esta ligação era defendida por RT, desde sempre, na sequência duma proposta de Caldeira Cabral.

Era a primeira continuidade “verde” proposta, para Lisboa, em linha com a escola de arquitectura paisagista, só mais tarde concluída pelo vereador José Sá Fernandes. Os desenhos efectuados nesse período, registaram muitas

at CML (1985), and the Parque Florestal de Monsanto, connected to the riverside system through Restelo.

The intermediate ring with interspersed buildings, is characterized by a green matrix, characteristic of the modernist city that encompasses Olivais, Alvalade [José Gomes Ferreira Park, LNEC, Júlio de Matos Hospital], Campo Grande, Cidade Universitária, S.ta Maria Hospital and Tapada da Ajuda.

The valley system, which includes the most important ecosystems of this ecologically based plan, encompasses the largest Lisbon valleys – Olivais, Chelas, Vale Verde and Alcântara. Of these valleys, only the Green Valley is practically impermeable and therefore ecological continuity can only be maintained on the surface. All other valleys can be designed in order to renaturate their respective streams and create true ecological corridors linking the Lisbon plateau to the riverside system.

The hilltop system applies the concept of stepping-stones and consists of block gardens, and public and private courtyards, permeable and with vegetation. Here we must refer to the Ecological Structure regulation (1994), innovative in Portugal, which introduced the obligation of maintaining a percentage of the courtyard’s area permeable, if necessary with the construction of infiltration wells and, as far as possible, with trees.

The riverside system covers the entire riverside strip that was intended to remain permeable, green and projected for public use and for people’s contact with the river, with some isolated collective equipment. The view system, particularly important in the hilly area and in its relationship with the river, aimed to safeguard the most important views, by controlling the height of the bore gauge in certain strategic areas.

*DEVELOPMENT OF LISBON’S GREEN PLAN (LGP)
João Soares, Mayor of Lisbon in 1995, called Gonçalo Ribeiro Telles to support him in matters concerning urban environment. An office was created where a team, headed by Ribeiro Telles, dedicated itself to “deepening Lisbon’s Ecological Structure”, designing some spaces included in the Ecological Structure. Many spaces were designed but only a few were built. Among these, the “Jardim do Alto do Parque”, later called “Amália Rodrigues” which formed the main connection between Parque Eduardo VII and Parque de Monsanto. Ribeiro Telles, following a proposal by Caldeira Cabral, always advocated this connection.*

It was the first “green” continuity proposed, for Lisbon, in line with the school of landscape architecture, only later completed by city councillor José Sá Fernandes. The drawings made in that period registered many ideas for the completion of Lisbon’s Ecological Structure, as well as for its connection to the bordering municipalities.

The first revision of the PDML, in 2012, integrated Green Plan’s fundamental piece – Lisbon’s Ecological Structure, including its respective regulation. The great impetus given to the

ideias de concretização da Estrutura Ecológica de Lisboa, bem como da sua ligação aos municípios limítrofes.

A primeira revisão do PDML, em 2012, integrou a peça fundamental do Plano Verde – a Estrutura Ecológica de Lisboa, incluindo o respectivo regulamento. O grande impulso dado à concretização da Estrutura Ecológica de Lisboa surgiu com a candidatura de José Sá Fernandes à Câmara de Lisboa, como independente pelo Bloco de Esquerda e a sua constituição como Vereador na Câmara presidida por António Costa, em 2007, prolongada na Câmara de Fernando Medina. O seu programa de candidatura incidia sobre a visão para Lisboa de Gonçalo Ribeiro Telles e da sua equipa. Estava assim passada para o nível político, a visão de base ecológica que viria a conduzir à designação de Lisboa como “Lisboa Capital Verde 2020”.

A primeira grande vitória de Sá Fernandes foi conseguir anular um loteamento urbano previsto para a “Quinta do Zé Pinto” que inviabilizava a ligação verde entre o Parque Eduardo VII e o Parque de Monsanto.

De 2007 para cá, para além da implementação progressiva da Estrutura Ecológica, foram desenvolvidas outras acções, nomeadamente uma rede Cicável que, tanto quanto possível a acompanha e já é amplamente utilizada, a reutilização da água utilizada na rega e limpeza do espaço público. Estas e outras acções no domínio da eficiência energética têm transformado Lisboa numa cidade exemplo, a nível Europeu, em matéria de abordagem ecológica. Isto só foi possível com um conceito, um programa, vontade política, financiamento e uma grande equipa.

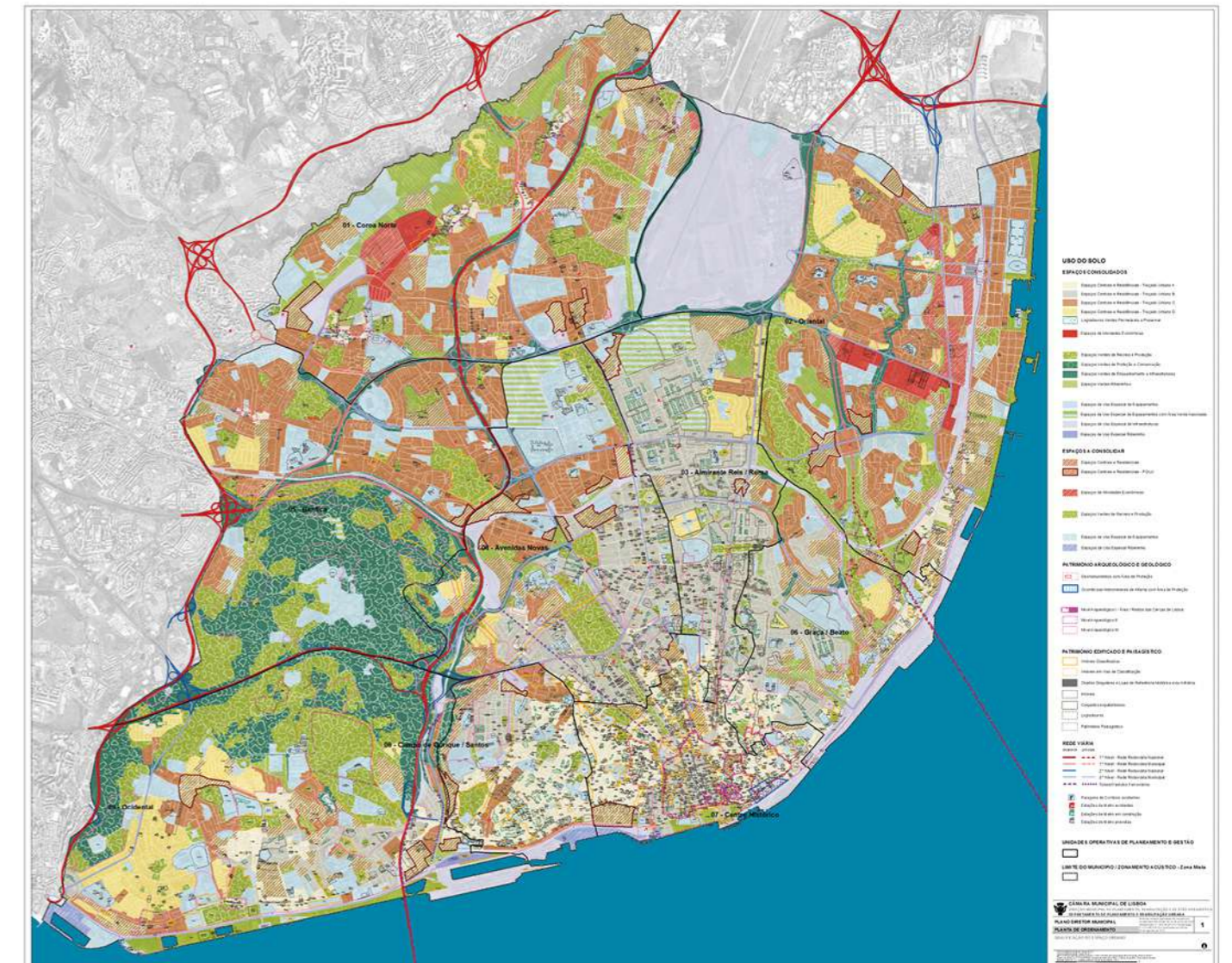
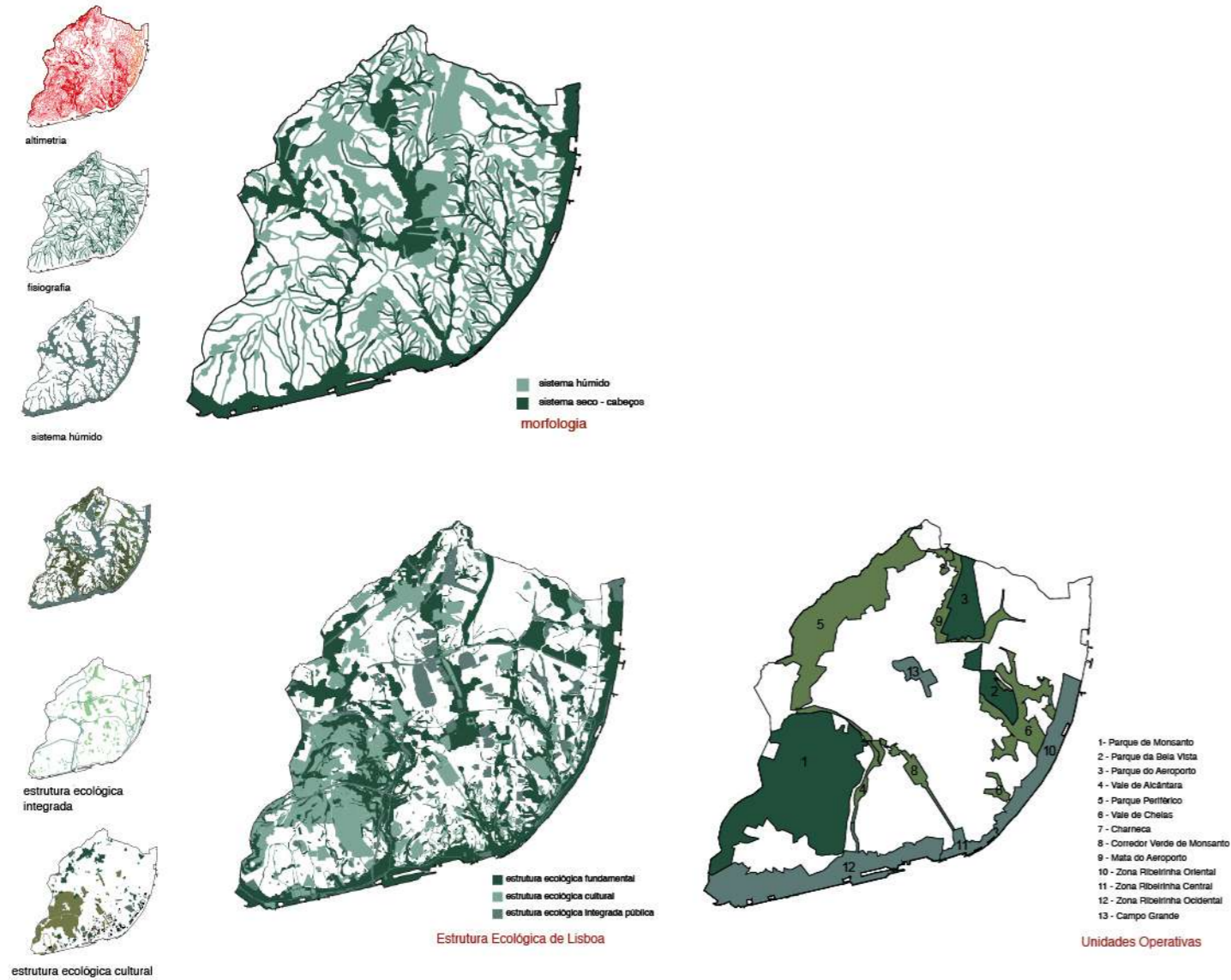
Manuela Raposo Magalhães

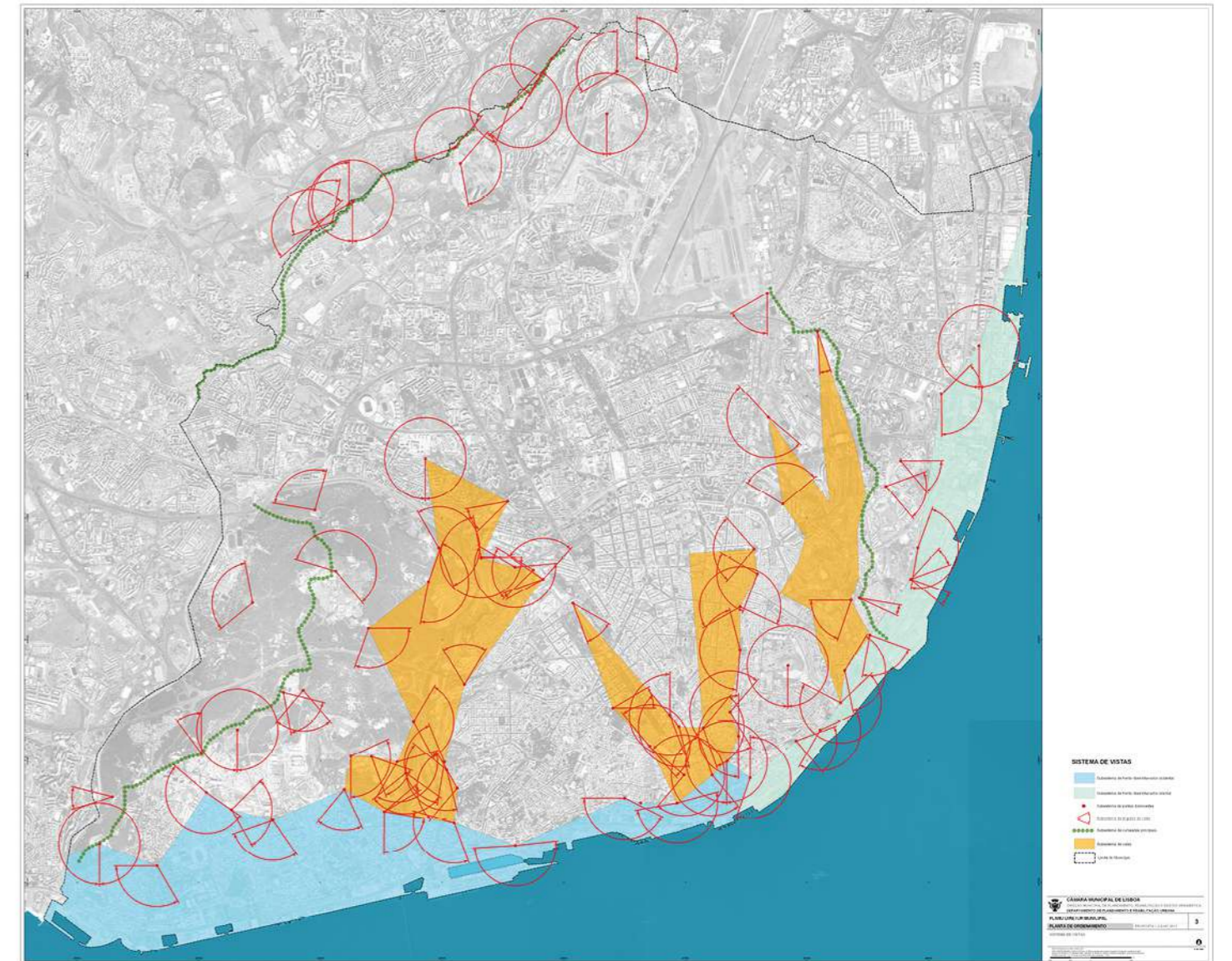
implementation of Lisbon’s Ecological Structure came with José Sá Fernandes’s candidacy as councillor to Câmara Municipal de Lisboa as an independent member of the political party Bloco de Esquerda and his establishment as a Councillor in the Câmara Municipal de Lisboa presided by António Costa, in 2007, and extended in during Fernando Medina’s presidency. His political programme focused on Gonçalo Ribeiro Telles and his teams’ vision for Lisbon. It was thus passed on to the political level the ecological-based vision that would lead Lisbon to the designation of “Lisbon Capital Verde 2020”.

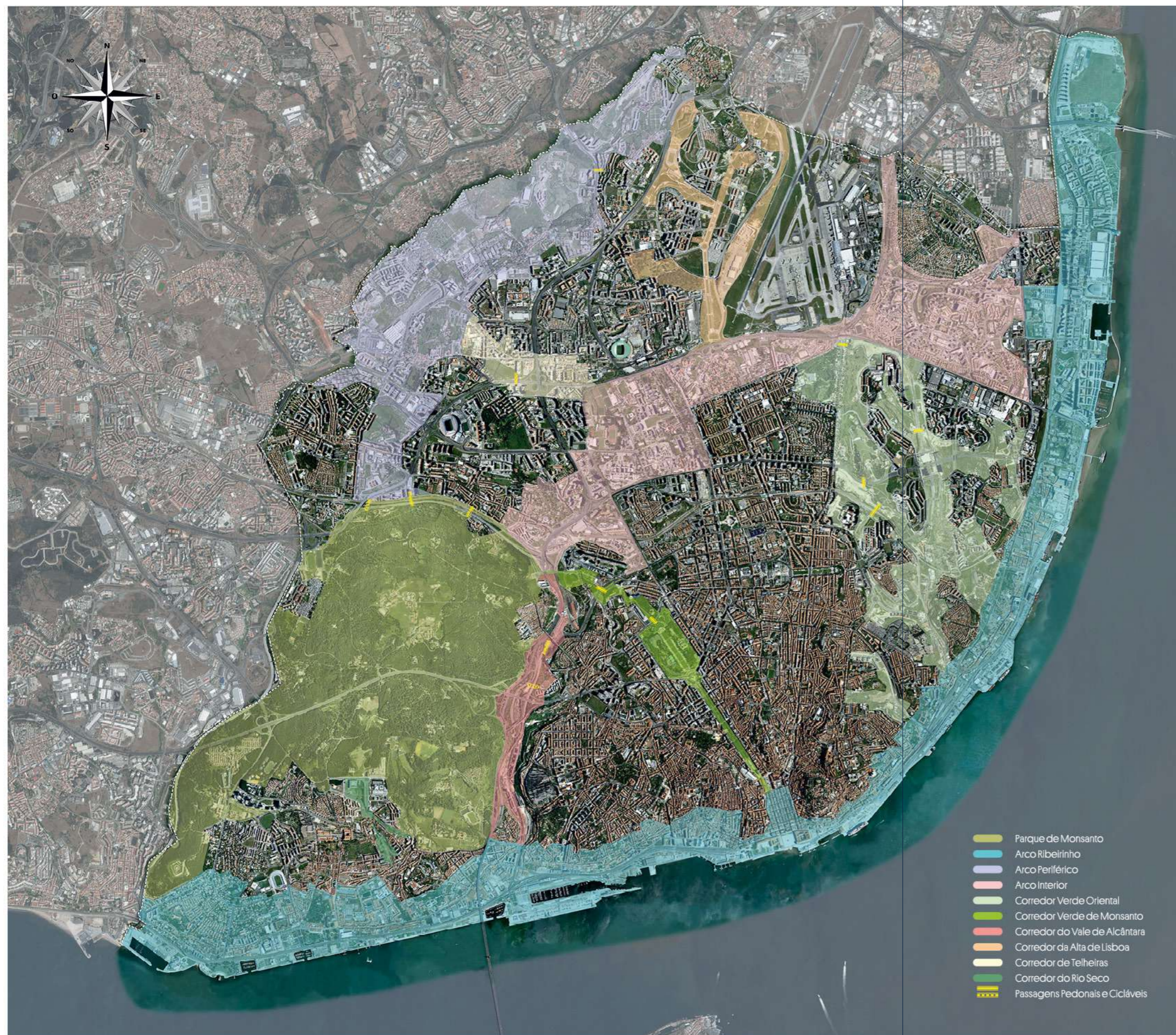
Sá Fernandes’ first major victory was to cancel an urban subdivision planned for “Quinta do Zé Pinto” which would turn the green connection between Parque Eduardo VII and Parque de Monsanto unfeasible.

From 2007 until now, in addition to the progressive implementation of the Ecological Structure, other actions have been developed, namely a Cycling Network that, as far as possible, accompanies it and is already widely used, the recycling of water used in irrigation and in cleaning public spaces. These and other actions in the field of energy efficiency have transformed Lisbon into an example city at European level in terms of its ecological approach. This has only been possible with a concept, a program, political will, funding and a great team.

Manuela Raposo Magalhães



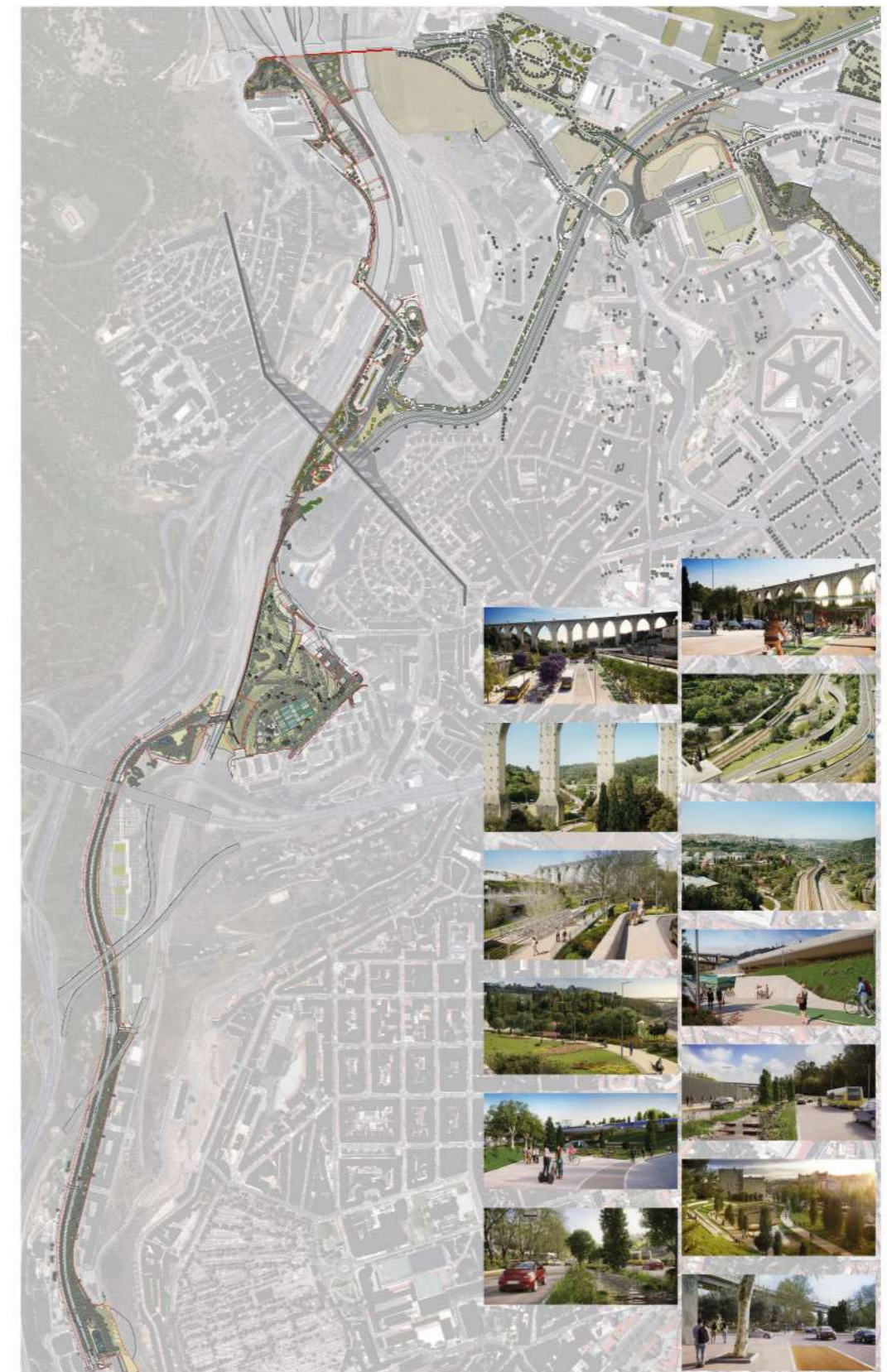




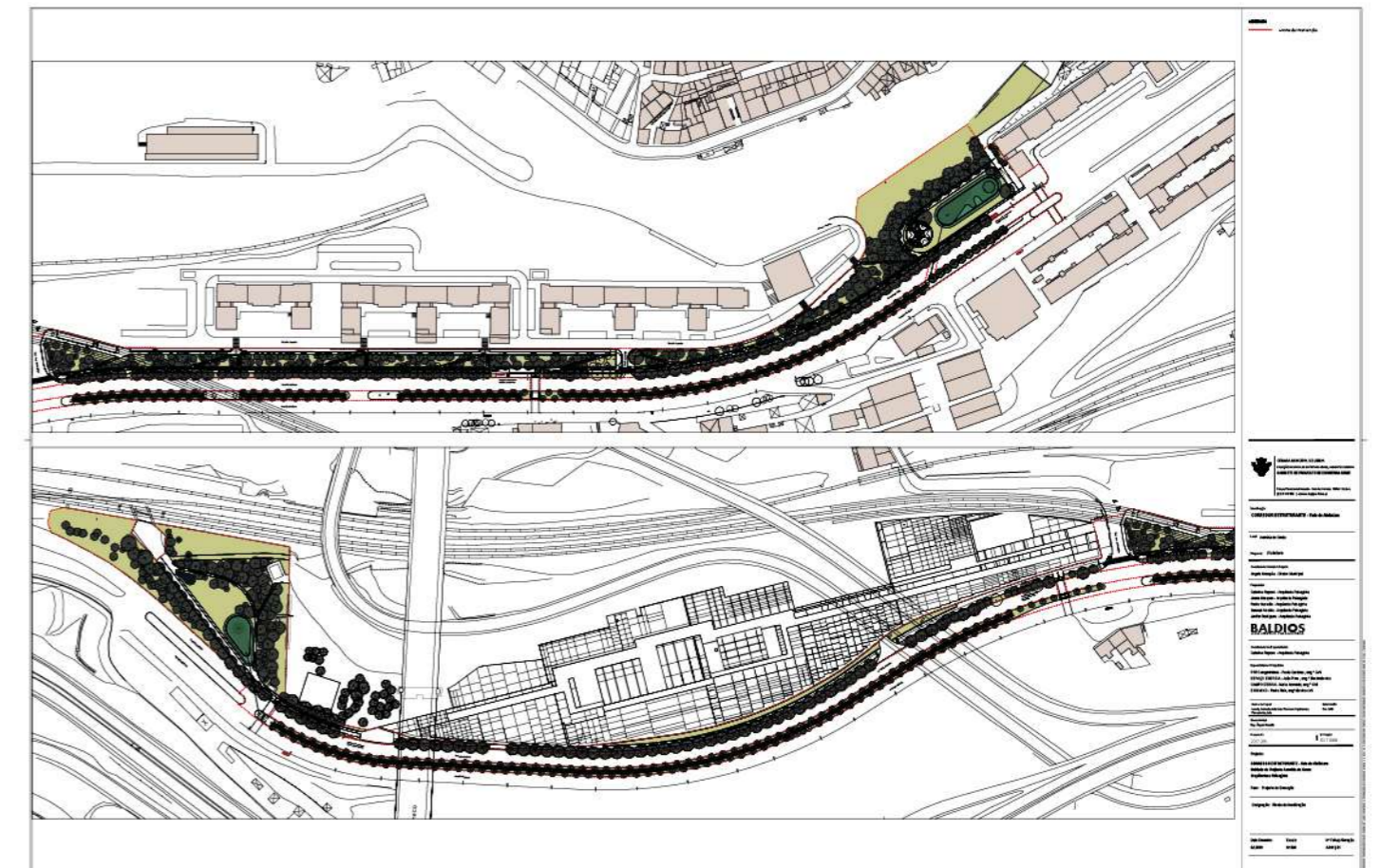
103 Projectos e obras / Projects and works: Quinta José Pinto [2011] CML
 -DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde [GPEV] Arqº Pais. Rita
 Gomes, Arqº Designer Susana Figueiredo



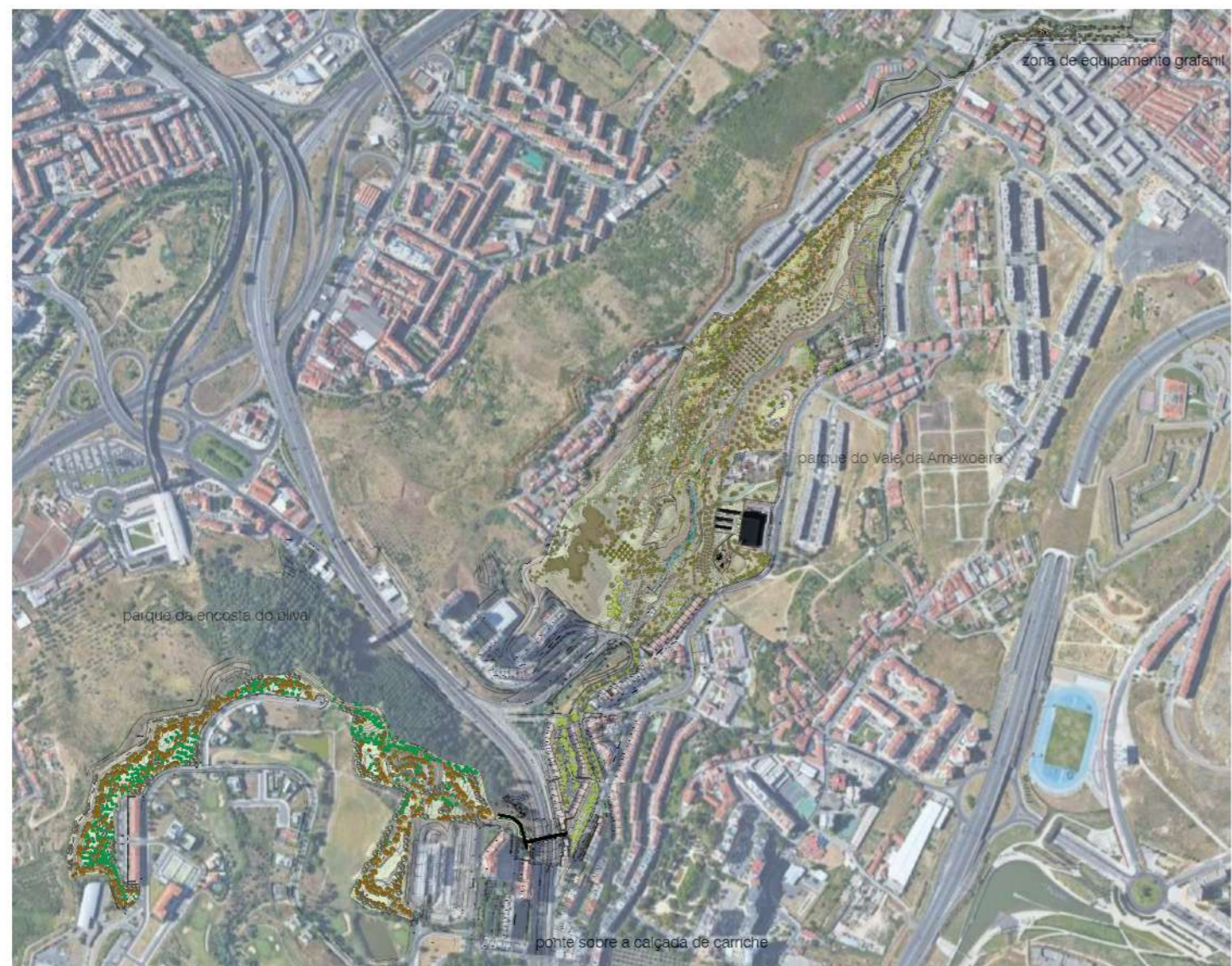
104 Projectos e obras / Projects and works: Corredor Verde Estruturante do
 Vale de Alcântara CML - DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde
 [GPEV] Arqº Pais. Rui Pires, Arqº Pais. Rita Gomes, Arqº Pais. Paula Alves, Engº
 Ricardo Alves, [BALDIOS] Arqº Pais. Catarina Raposo. Passagem Superior ciclo-
 pedonal: CML-GVISF - Arqº António Maria Braga; PROFICO - Engº Manuel Pera







109 Projectos e obras / Projects and works: Ligação Pedonal e Ciclável do Vale da Ameixoeira à Quinta dos Alcouthins CML - DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde (GPEV) Arqº Pais. Paula Alves, Arqº Pais. Maria José Fundevila. Passagem Superior ciclo-pedonal sobre a Calçada Carriche: CML- GVISF - Arqº António Maria Braga; FORMATO EC - Engº José Correia



110 Projectos e obras / Projects and works: Parque Urbano do Vale da Ameixoeira CML - DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde (GPEV) Arqº Pais. Paula Alves





LEGENDA

- | | | |
|---|---|--|
| <p>1 Entrada e praça poente
2 Entrada e praça nascente
3 Via partilhada (pedonal, ciclável e viária)
4 Estruturas de apoio (mercado de rua e instalações sanitárias) em contentores de transporte marítimo
5 Ligação da ciclovia e percurso pedonal para ponte
6 Anfiteatro exterior
7 Quiosque existente
8 Rede de caminhos pedonais
9 Passadiço de madeira sobrelevado em entrada de madeira
10 Ligação do percurso pedonal e ciclovia para nascente (Quinta dos Alcoutins)</p> | <p>11 Entrada Norte
12 Vegetação autóctone e tradicional em encosta existente, a recuperar
13 Muralha defensiva de Lisboa
14 Percurso de acesso ao concelho de Odivelas
15 Acesso pedonal e viário ao troço superior do parque e à área afeta à União Zoológica
16 Estacionamento do núcleo de apoio
17 Edifício de apoio ao parque (cafeteria, instalações sanitárias e loja)
18 Percurso do miradouro
19 Parque infantil (1 a 5 anos)
20 Parque infantil (6 a 12)
21 Grande clareira
22 "Clusters" de vegetação de arbórea e arbustiva limitados por murete / banco</p> | <p>23 Esculturas em materiais reciclados
24 Revestimento vegetal com prados temporariamente regados
25 Revestimento vegetal com prados diversos de sequeiro
26 Vegetação arbóreo-arbustiva em aterros suportados por gabões em situação de encosta
27 Clareira central polivalente
28 Clareira dos eventos
29 Clareiras dos parques caninos
30 Bacias de retenção de águas temporárias com sistema de drenagem subterrânea
31 Miradouro da Guaita
32 Miradouro do Vale</p> |
|---|---|--|



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Município de Lisboa, de 230.000 habitantes e 77,26 km² de área municipal

TOPIARIS
ARQUITECTURA DE PAISAGENS E TERRACOTAS

RECUPERAÇÃO PAISAGÉICA DO ATERRO SANITÁRIO DO VALE DO FURNO, LISBOA

LUÍS PAULO RIBEIRO TERESA BARÃO RITA SALGADO MIGUEL MADEIRA
CATARINA VIANA ANA COELHO DAVID CAMPOS
SARA COELHO ANA LEMOS ANDRÉ GODINHO

ARQUIVO 2019 18046 1/1000

PLANO GERAL 01

ESTUDO PRÉVIO





1 | plano geral

<p>FEICION I ACTIVIDADES E EQUIPAMENTOS DE APOIO</p>	<p>MODE DE PERCORRIMENTOS E CORREDORES</p> <p> PERCORRIDO CICLUISTAS, PONTAL</p> <p> PERCORRIDO PEDESTAL</p>	<p>ESTRUTURA VERDE</p> <p>EXISTENTE: MATA ARBÓREA ADJACENTE EXISTENTE A CONSERVAR E INTEGRAR</p> <p>PROPOSTA: MATA DE PROTECÇÃO E ENRIQUECIMENTO MATA RECREATIVA ÁRVORES DE ALINHAMENTO E PONTUAÇÃO DO ESPAÇO</p> <p> CLAREIRA PARA RECORRER ATIVO E PASSIVO - FRONTO DE BARRAGEM</p> <p> BACIA DE RETENÇÃO</p>
---	---	--

APARELHOS LÚDICOS

2 | localização e fotos







“[...] Não podemos dizer que uma obra de arquitetura paisagista é um bilhete postal ilustrado, tem que viver no tempo, isto é a transformação periódica, é preciso adaptarmo-nos a esta situação.

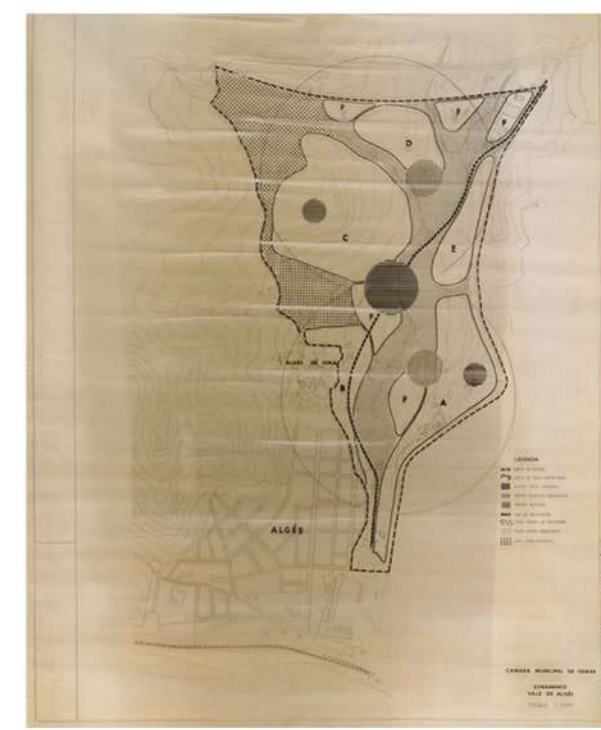
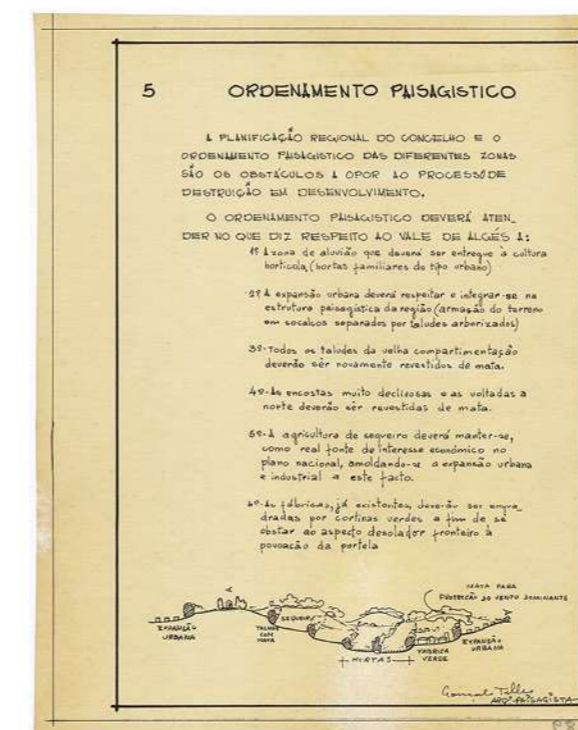
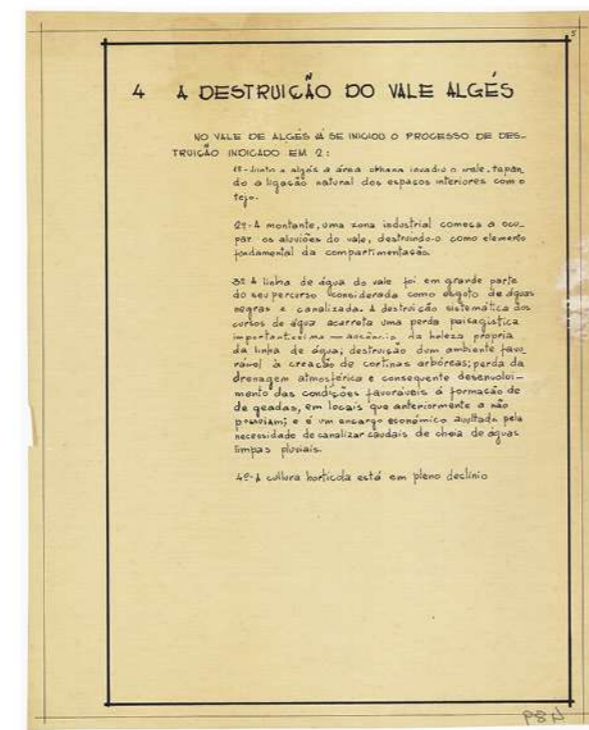
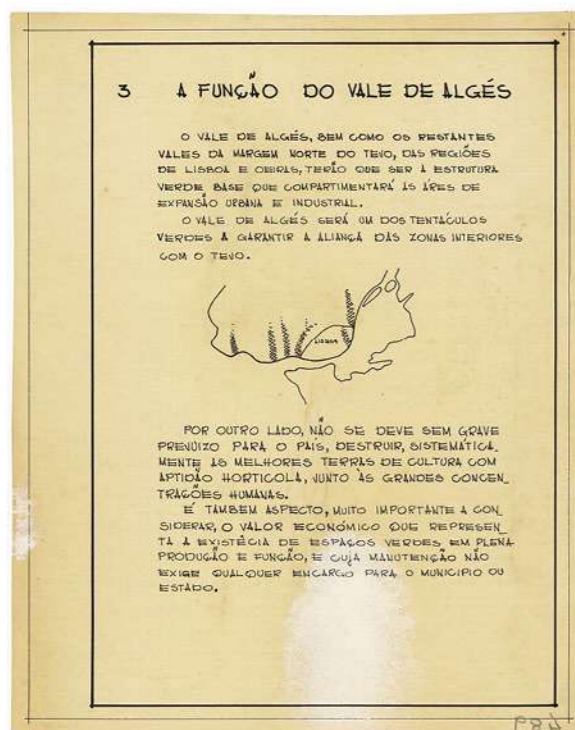
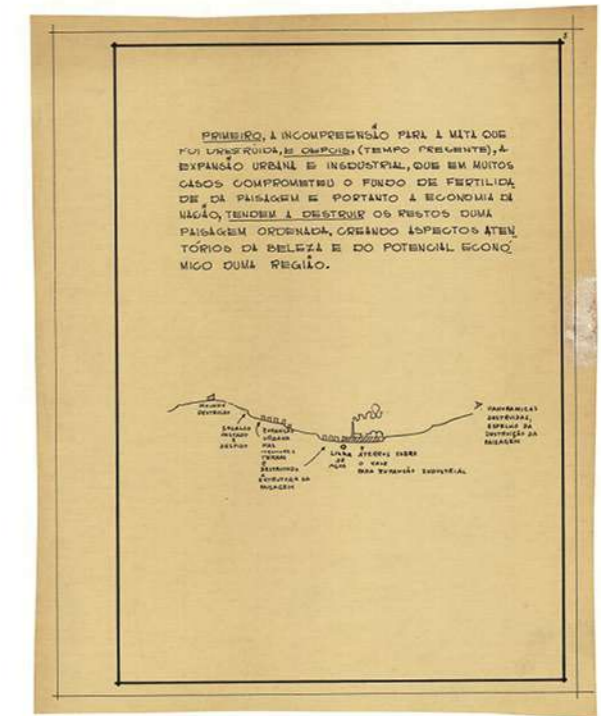
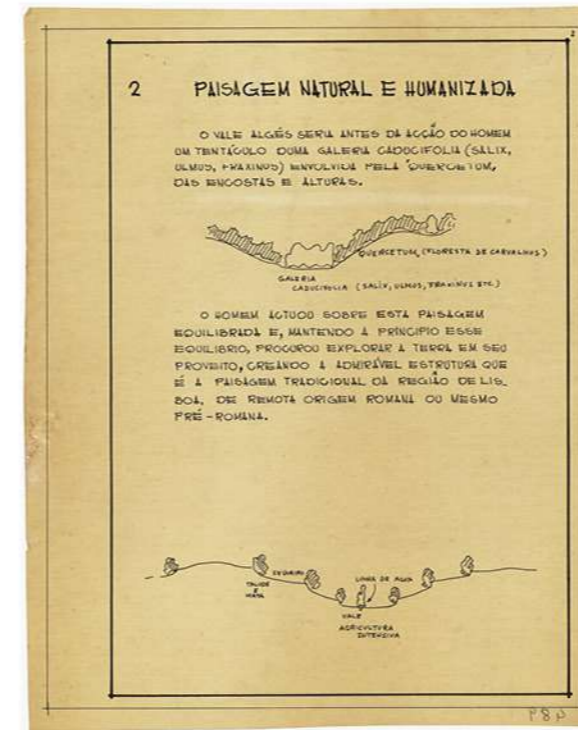
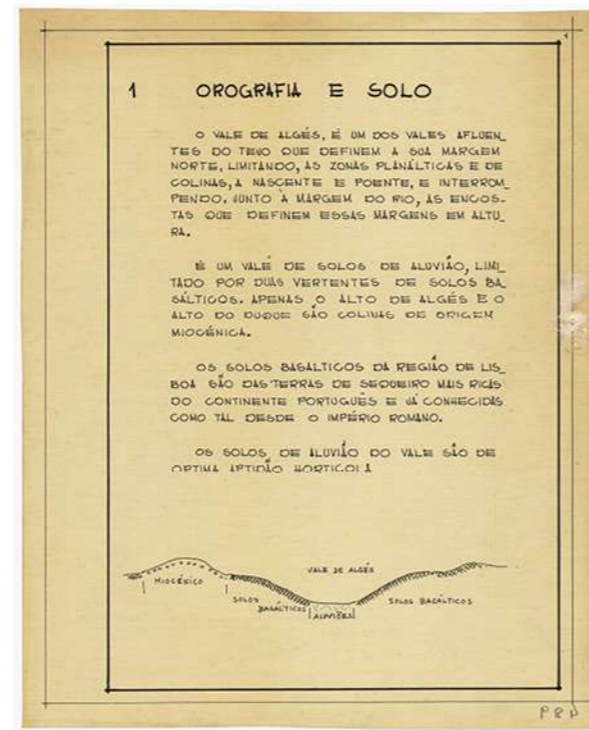
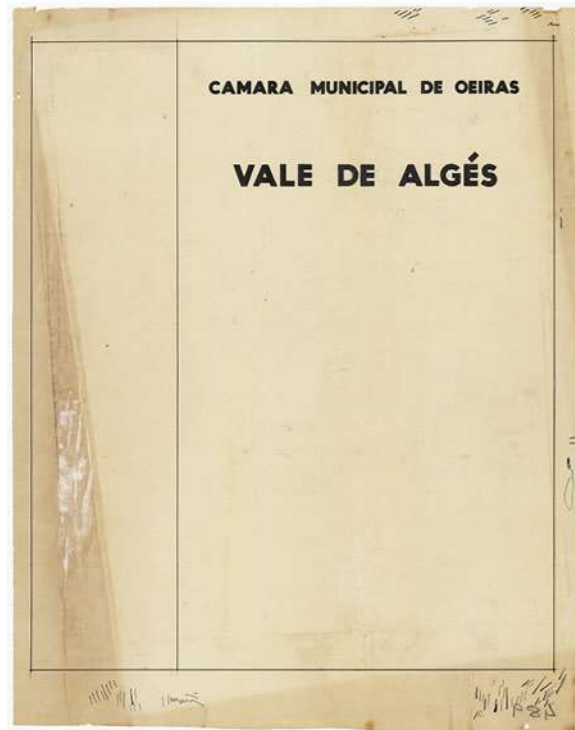
“[...] We cannot say that a work of landscape architecture is an illustrated postcard, it has to live in time, that is periodic transformation, we need to adapt to this situation.

[...] O problema do espaço, do sistema natural, seja onde for numa cidade, é um planeamento e uma gestão, não é estático, nem é o edifício, que de tanto em tanto tempo tem de levar umas obras, uma pintura, não é isso, é da própria essência da obra, ... uma vida complicada e complexa a desenvolver-se e a ser encaminhada, e depois é isso, outro problema, que é de uma responsabilidade tremenda para nós, e que hoje temos principalmente na área do ordenamento do território, que devia ser o ordenamento da paisagem [...]”¹

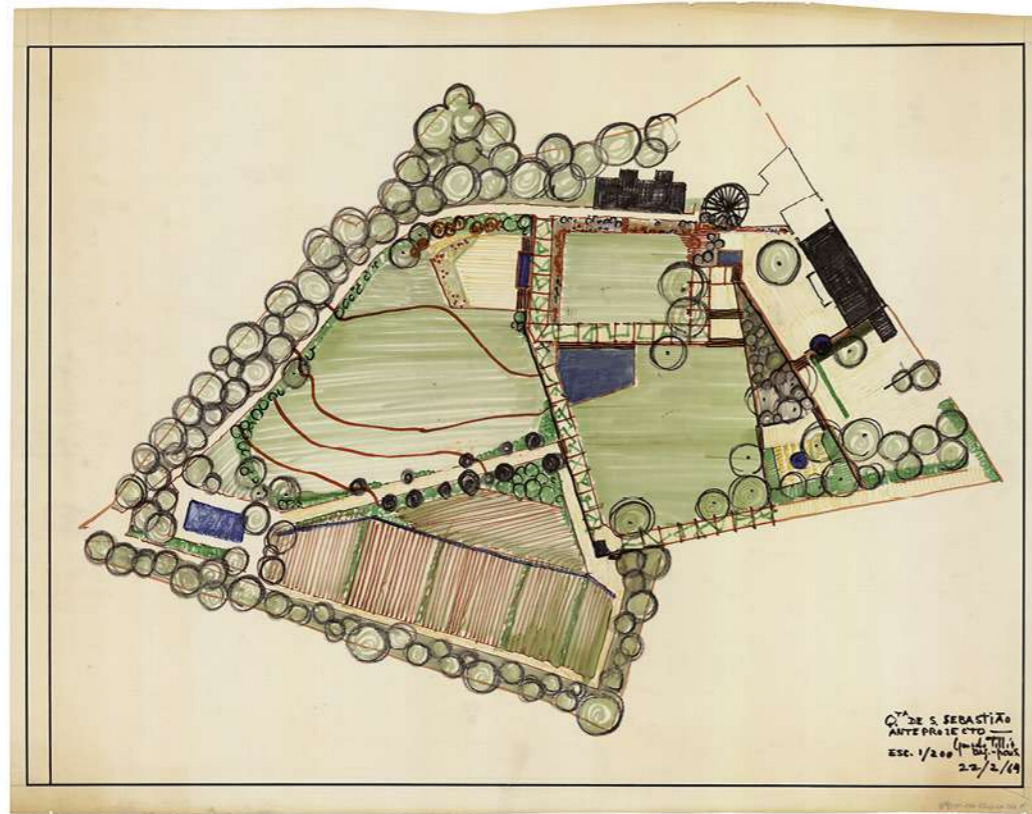
[...] The problem of space, of the natural system, wherever it is in a city, is planning and management, it is not static, nor is the building, which ever so often needs maintenance work, decorating, that's not it, it belongs to the very essence of the work, ... a complicated and complex life developing and being guided, and then that's it, another problem, which is a tremendous responsibility for us, and which we have today mainly in the area of territorial planning, which should be landscape planning [...]”¹

¹ [Entrevista a Ribeiro Telles por Anna Sousa Dias. FCG.2003]

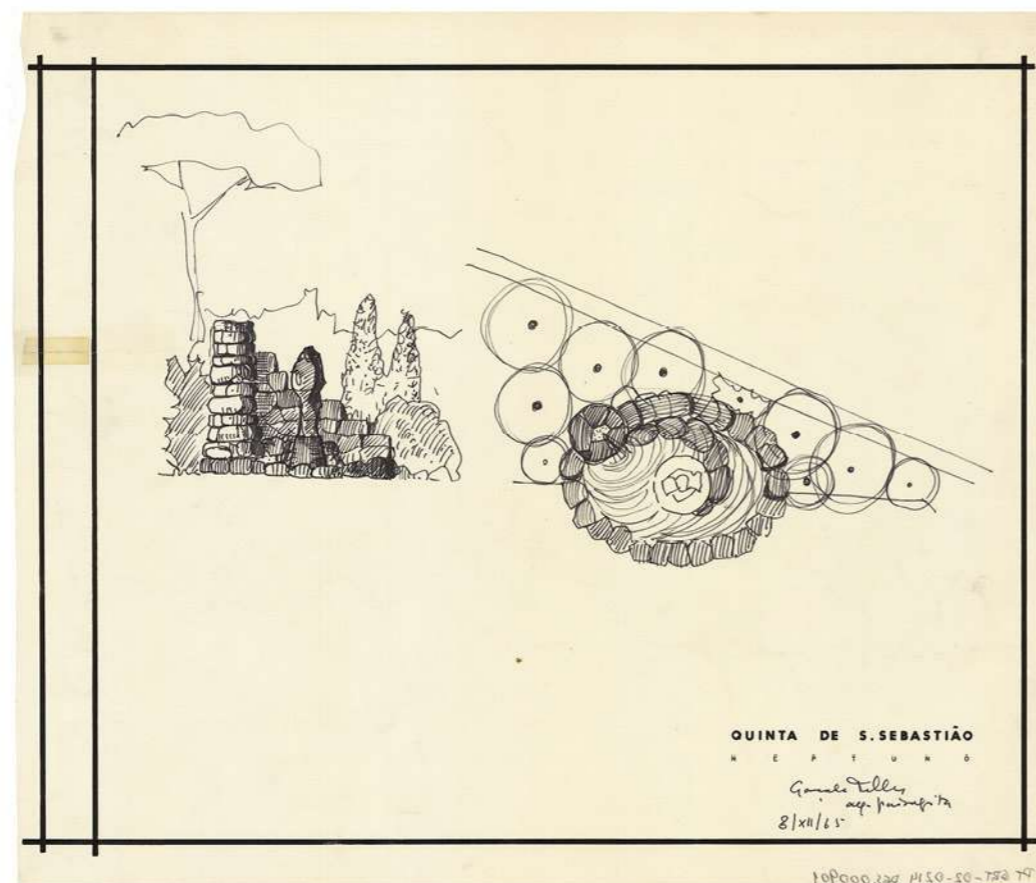
¹ [Entrevista a Ribeiro Telles por Anna Sousa Dias. FCG.2003]



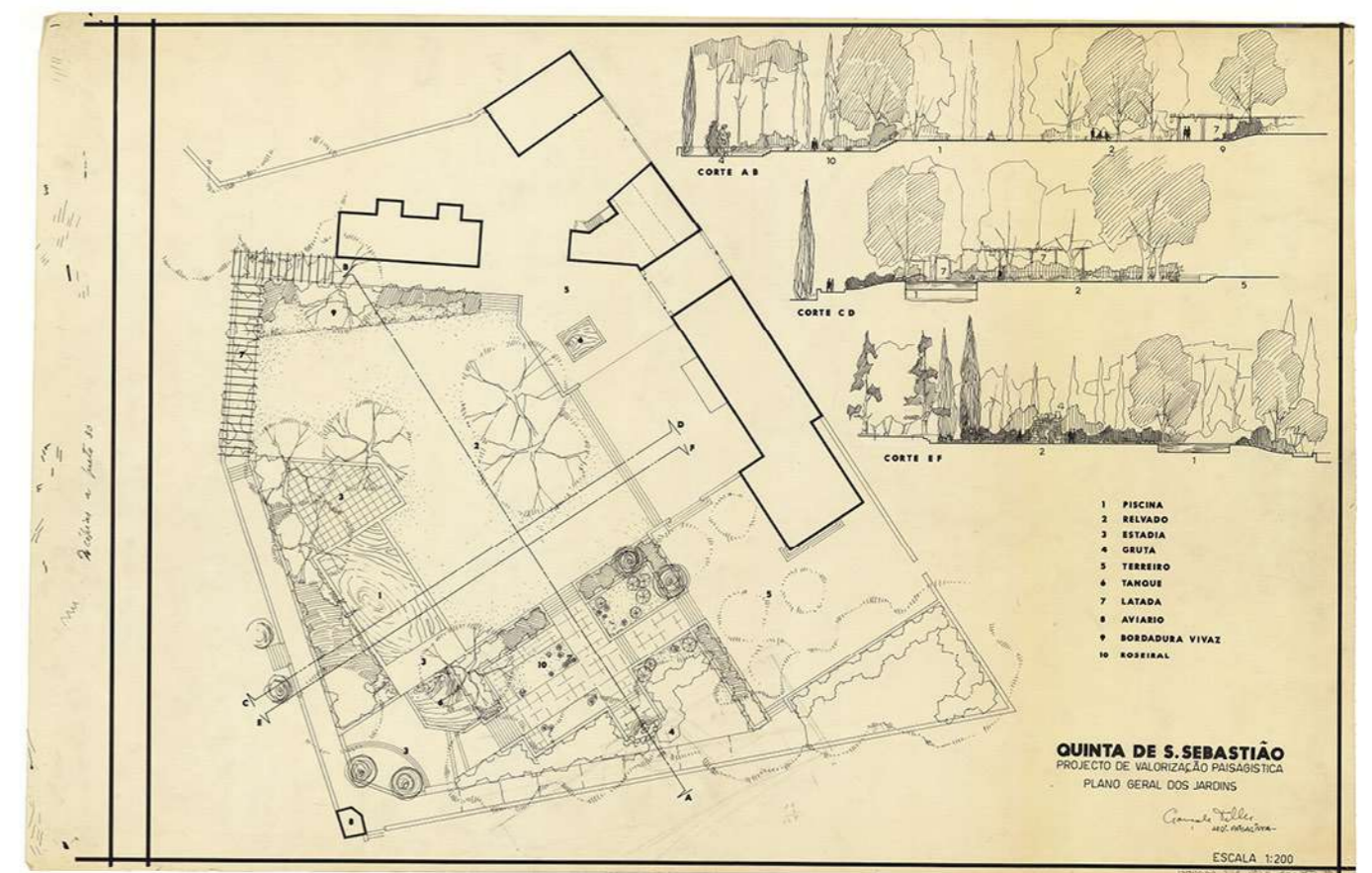
127 Quinta de S. Sebastião. Anteprojecto. Gonçalo Ribeiro Telles. Esc. 1/200. 22.02.1964. DGPC/SIPA / Quinta de S. Sebastião. Preliminary Draft. Gonçalo Ribeiro Telles.



128 Quinta de S. Sebastião. Neptuno. Gonçalo Ribeiro Telles. S.e. 08.12.1965. DGPC/SIPA / Quinta de S. Sebastião. Neptuno. Gonçalo Ribeiro Telles.



129 Quinta de S. Sebastião. Projeto de valorização paisagística. Plano geral dos jardins. Gonçalo Ribeiro Telles. Esc. 1/200. S.d. DGPC/SIPA. / Quinta de S. Sebastião. Landscape enhancement project. General plan of the gardens. Gonçalo Ribeiro Telles.





CASA DOS VINTE E QUATRO

Foi uma instituição municipal, criada em Lisboa, em fins de 1383, pelo futuro D. João I que, como regedor e defensor do Reino, fora visivelmente apoiado pelos homens dos mesteres da cidade. Era constituída por 24 homens, dois de cada mester, para participarem nas deliberações da Câmara de Lisboa tudo quanto houvesse de ser ordenado por serviço do rei o fosse com o seu acordo. Posteriormente vieram a ser criadas casas de vinte e quatro noutros concelhos importantes, como Porto, Coimbra, Santarém e Évora; e, com apenas doze, em Guimarães e Tavira.

No reinado de D. Duarte a Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa passou a nomear quatro delegados para o efeito de intervirem no governo municipal da cidade. Em 1466 D. Afonso V estabeleceu que esses delegados servissem por mandatos de um ano. E D. João II ordenou que passassem a eleger um juiz dos vinte e quatro para velar pela efetivação dessa delegação.

Extinta em 1506 por D. Manuel I, por ter colaborado na matança de cristãos-novos, foi restabelecida em 1539 por D. João III. O juiz dos vinte e quatro veio depois (em 1620) a ser chamado juiz do povo. Em 1640, o juiz do povo em funções teve participação ativa na preparação do 1º de dezembro, para restauração da independência. O regimento da Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa foi refundido na época pombalina, por um alvará de 3 de dezembro de 1771. Veio a ser extinta em 1834, com a implantação do regime constitucional.

Ao que se sabe, ao longo da sua história, reuniu inicialmente na igreja de S. Domingos. Mais tarde, talvez devido aos danos sofridos por esta no sismo de 1531, esteve instalada no Hospital de Todos os Santos. Com a ruína deste, na sequência do terramoto de 1755, foi acolhida na Irmandade de S. José dos Carpinteiros. Note-se, aliás, que os carpinteiros eram um dos mesteres que faziam parte da dita Casa.

CASA DOS VINTE E QUATRO

It was a municipal institution, created in Lisbon at the end of 1383 by the future king D. João I, who, as ruler and defender of the Kingdom, had been visibly supported by the city's trade's men. It consisted of 24 men, two from each trade, to participate in the deliberations of the Câmara de Lisboa on whatever was to be ordered by the king's service with his agreement. Later, houses of twenty-four were created in other important municipalities, such as Oporto, Coimbra, Santarém and Évora; and, with only twelve elements, in Guimarães and Tavira.

During the reign of D. Duarte, Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa began to appoint four delegates to intervene in the city's municipal government. In 1466 D. Afonso V established that these delegates should serve for one-year terms. And D. João II ordered them to elect a judge from among the twenty-four to oversee the implementation of this delegation.

It was abolished in 1506 by D. Manuel I, for having collaborated in the slaughter of new Christians, and was re-established in 1539 by D. João III. The judge of the twenty-four later [in 1620] came to be called the judge of the people. In 1640, the judge of the people in office took an active part in the preparation of the December 1st coup for the restoration of independence. The regiment of the Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa was re-founded during the Pombaline period, by a charter of December 3, 1771. It came to an end in 1834, with the establishment of the constitutional regime.

It is known that, throughout its history, it initially met at the church of S. Domingos. Later, perhaps due to the damage the church suffered during the 1531 earthquake, it was installed in the Hospital de Todos os Santos. With its ruin, following the earthquake of 1755, it was welcomed in the Irmandade de S. José dos Carpinteiros. Moreover, it should be noted that carpenters were one of the masters who were part of the aforementioned Casa.

130 Monograma da Irmandade de S. José dos Carpinteiros / Monogram from Irmandade de S. José dos Carpinteiros



131—132 Igreja de São José dos Carpinteiros e Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Lisboa / Igreja de São José dos Carpinteiros and Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, Photographic Archive, Câmara Municipal de Lisboa



A IRMANDADE DE S. JOSÉ DOS CARPINTEIROS

Fundada no ano de 1532, a Irmandade de São José dos Carpinteiros estabeleceu-se originalmente na Igreja de Santa Justa e Santa Rufina; em 1545, a confraria decidiu edificar o seu próprio templo, dedicada ao padroeiro, escolhendo fixar-se no local de Entre-as-Hortas, que ficava então fora das portas da cidade de Lisboa.

Alguns anos mais tarde, em 1567, o Cardeal-Infante D. Henrique decidiu dividir a freguesia de Santa Justa, criando na zona de Entre-as-Hortas uma nova freguesia, sendo o templo de São José dos Carpinteiros designado como sede paroquial, e “emprestando” a toponímia do padroeiro à nova divisão administrativa da capital.

Em meados do século XVII, a irmandade decidiu fazer obras de ampliação no templo quinhentista, conforme atesta uma inscrição colocada na nave da igreja. Desconhece-se, porém, o autor da nova traça.

O terramoto de 1755 destruiu a fachada da igreja, pelo que a irmandade contratou o mestre lisboeta Caetano Tomás para edificar um novo frontispício, que ficou terminado cerca de dois anos depois. O templo manteve a estrutura seiscentista, de planta retangular, composta pelos volumes da nave e da capela-mor.

Augusto Ferreira do Amaral
Jorge de Brito e Abreu

IRMANDADE DE S. JOSÉ DOS CARPINTEIROS

Founded in 1532, the Irmandade de São José dos Carpinteiros was originally established in the church of Santa Justa and Santa Rufina; in 1545, the brotherhood decided to build its own temple dedicated to its patron saint, choosing to settle in the site of Entre-as-Hortas, which was then outside Lisbon city gates.

A few years later, in 1567, Cardinal-Infante D. Henrique decided to divide the parish of Santa Justa, creating a new parish in the area of Entre-as-Hortas, with the temple of São José dos Carpinteiros designated as the parish headquarters, and “lending” the patron’s toponymy to the new administrative division of the capital.

Around mid 17th century, the brotherhood decided to carry out extension works in the 16th century temple, as attested by an inscription placed on the church nave. However, the author of the new design is unknown.

The 1755 earthquake destroyed the façade of the church, so the brotherhood hired the Lisbon master Caetano Tomás to build a new frontispiece, which was completed about two years later. The temple maintained its 17th-century structure, with a rectangular plan, composed of the volumes of the nave and the chancel.

Augusto Ferreira do Amaral
Jorge de Brito e Abreu



O atelier Rebelo de Andrade assenta no respeito pela história e pela tradição como uma componente fundamental na marcação de uma identidade singular e distintiva. Conhecer o local, as suas histórias e o modo de vida daqueles que o habitam não é um dado acessório, é antes a própria fundação de um edifício que aspire a sobreviver ao escrutínio inclemente do futuro. O difícil mester de articular história e inovação, tradição e ecologia, paisagem e edifício é o que faz da arquitectura uma arte de superação como nenhuma outra.

O património da Irmandade é constituído pela Igreja, na Rua de S. José, pela sacristia de uso normal, a Sul e, a Norte, as antigas Casas da Irmandade, com acesso pela Rua da Fé. A Igreja, do séc. XVII, que preserva a traça e os arcos da capela-mor e das capelas laterais, foi reconstruída em parte depois do terramoto. Conserva ainda boa azulejaria do séc. XVIII e uma assinalável pintura decorativa com reservas nas abóbadas dos tectos, séc. XVIII/XIX.

A Norte, localizam-se as referidas Casas da Irmandade, de boa arquitectura e acabamentos em pedraria e azulejos, destacando-se o pórtico da entrada onde, mais uma vez, encontramos a raríssima representação heráldica da Irmandade e dos ofícios da sua Bandeira.

A obra que hoje podemos visitar, trata-se do resultado da intervenção num dos imóveis mais significativos e emblemáticos da cidade de Lisboa, visando o melhoramento e recuperação da Casa dos 24 e da Igreja de São José dos Carpinteiros que, além de apresentar uma enorme riqueza do ponto de vista artístico, arquitetónico e decorativo, também representa um património de valor simbólico e histórico para a cidade de Lisboa. Tratando-se de uma obra sobre património existente, grande parte da intervenção debruçou-se sobretudo em trabalhos de beneficiação, de reabilitação e conservação e restauro de elementos patrimoniais.

Ao nível de trabalhos de construção civil e volumetria do conjunto edificado, a proposta de intervenção baseou-se no princípio de repor a volumetria original da Casa dos 24. Assim sendo, a proposta foi a de demolir o piso bastardo, sendo necessária a execução de nova estrutura da cobertura (metálica) e reforço da integridade estrutural do edifício com execução de um lintel perimetral em betão. Este tipo de abordagem é de notar, uma vez que, contrariamente às obras de adição, se distingue pela subtracção de um piso e de construções espúrias e em ruína.

Por forma a melhor definir os percursos expositivos, foram trabalhados também os espaços exteriores criando uma perfeita harmonia e complementariedade entre interior e exterior, no sentido da criação de espaços que possam respirar no centro da cidade.

Rebelo de Andrade's studio is founded on respect for history and tradition as fundamental components in marking a unique and distinctive identity. Knowing the place, its histories and the way of life of those who inhabit it is not an accessory, but rather the very foundation of a building that aspires to survive future's harsh scrutiny. The difficult mastery of articulating history and innovation, tradition and ecology, landscape and building is what makes architecture an art of overcoming like no other.

The patrimony of Irmandade consists of the church, in Rua de S. José, the sacristy of normal use, in the south and, in the north, the old Casas da Irmandade, with access through Rua da Fé. The 17th century church, which preserves the layout and arches of the chancel and side chapels, was partially rebuilt after the earthquake. It still preserves good 18th century tiles and a remarkable decorative painting with reserves in the vaults of the ceilings, 18th/19th century.

To the north, there are the abovementioned Casas da Irmandade, an example of good architecture with stonework and tile finishing, highlighting the portico of the entrance where, once again, we find a very rare heraldic representation of the Irmandade and of the crafts of its Flag.

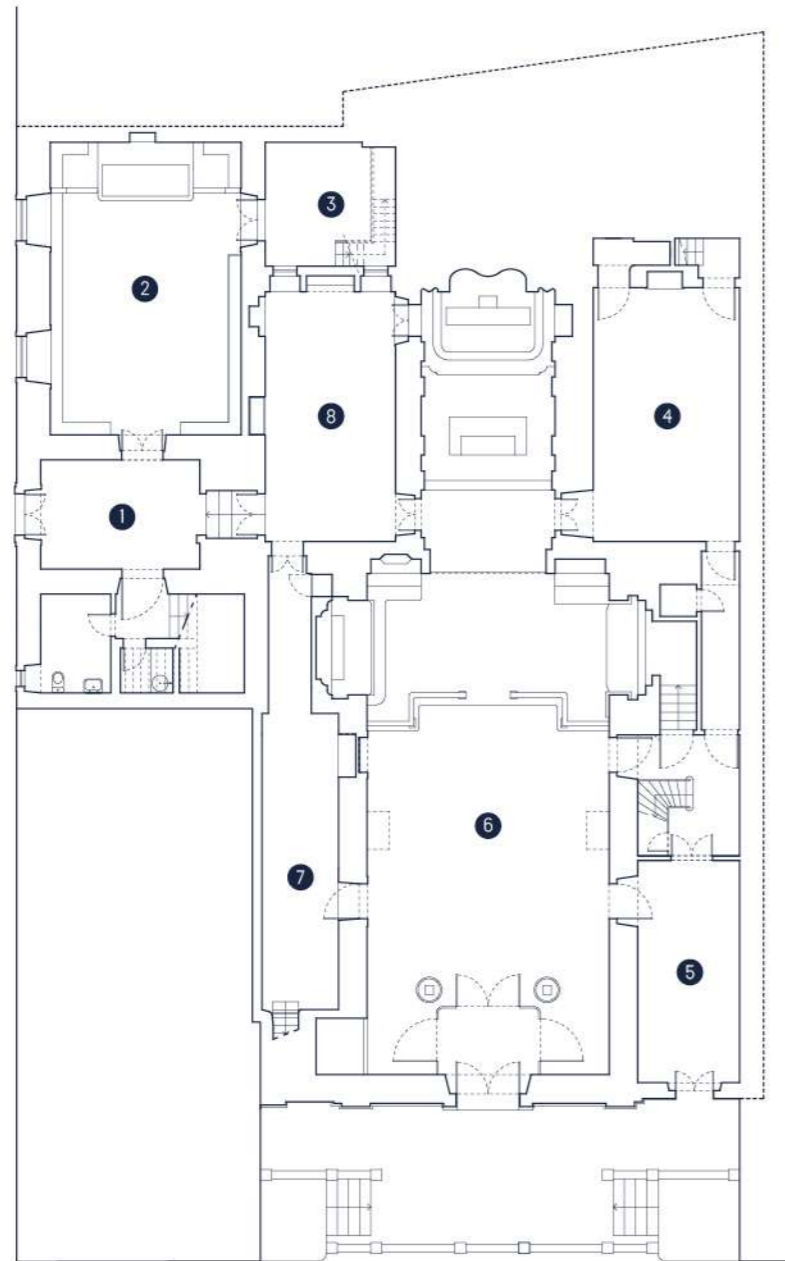
The work that we can visit today is the result of the intervention in one of the most significant and emblematic buildings in the city of Lisbon, aiming at the improvement and recovery of Casa dos 24 and the church of São José dos Carpinteiros which, in addition to presenting an enormous richness from an artistic, architectural and decorative point of view, also represents a heritage of symbolic and historical value for the city of Lisbon.

As it is a work on existing heritage, large part of the intervention focused mainly on works of improvement, rehabilitation, conservation and restoration of heritage elements.

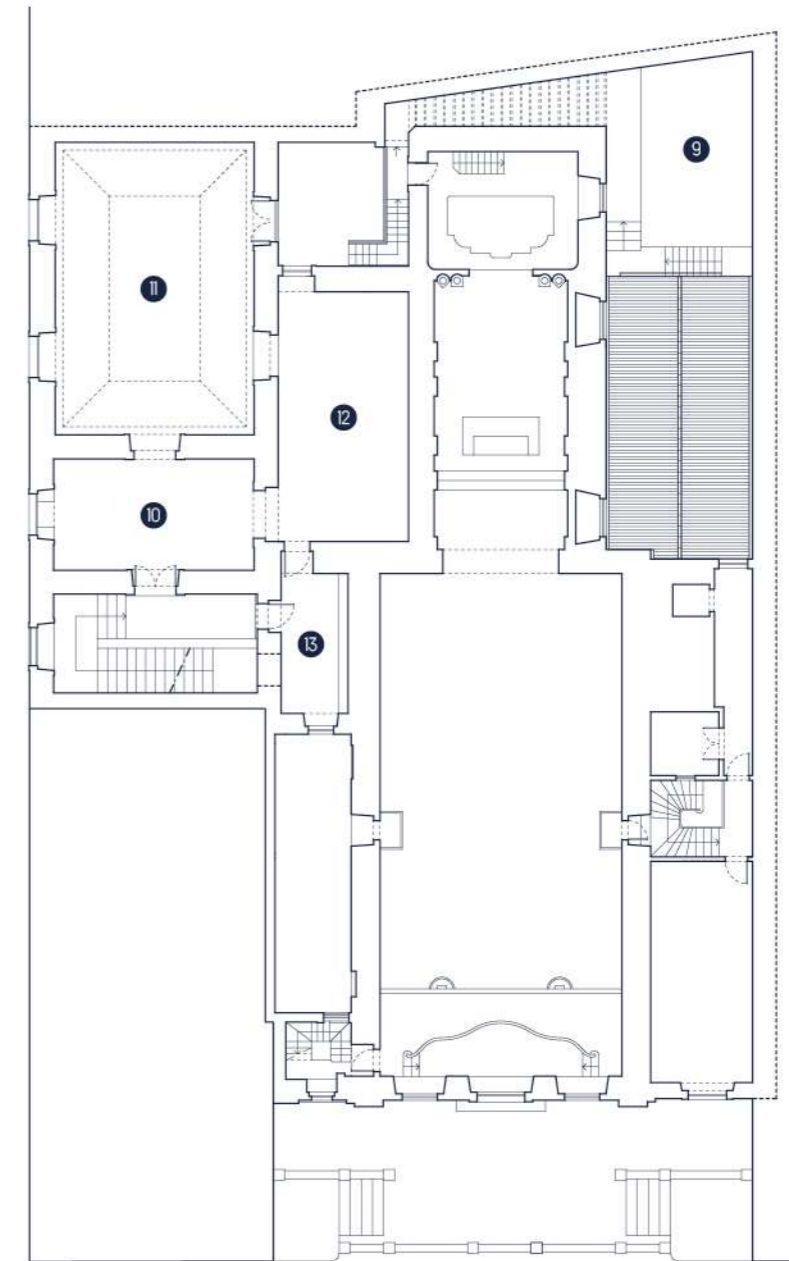
Regarding civil engineering works and the built complex's volumetry, the intervention proposal was based on the principle of restoring the original volume of Casa dos 24. Therefore, the proposal was to demolish the bastard floor, requiring the building of a new [metallic] roof structure and reinforcement of the building's structural integrity with the execution of a concrete perimeter lintel. This type of approach is worth noting, since, contrary to addition building works, it is distinguished by the subtraction of a floor and spurious and ruined constructions.

In order to better define the exhibition routes, exterior spaces were also worked on, creating a perfect harmony and complementarity between interior and exterior, in the sense of creating spaces that can breathe inside the city centre.

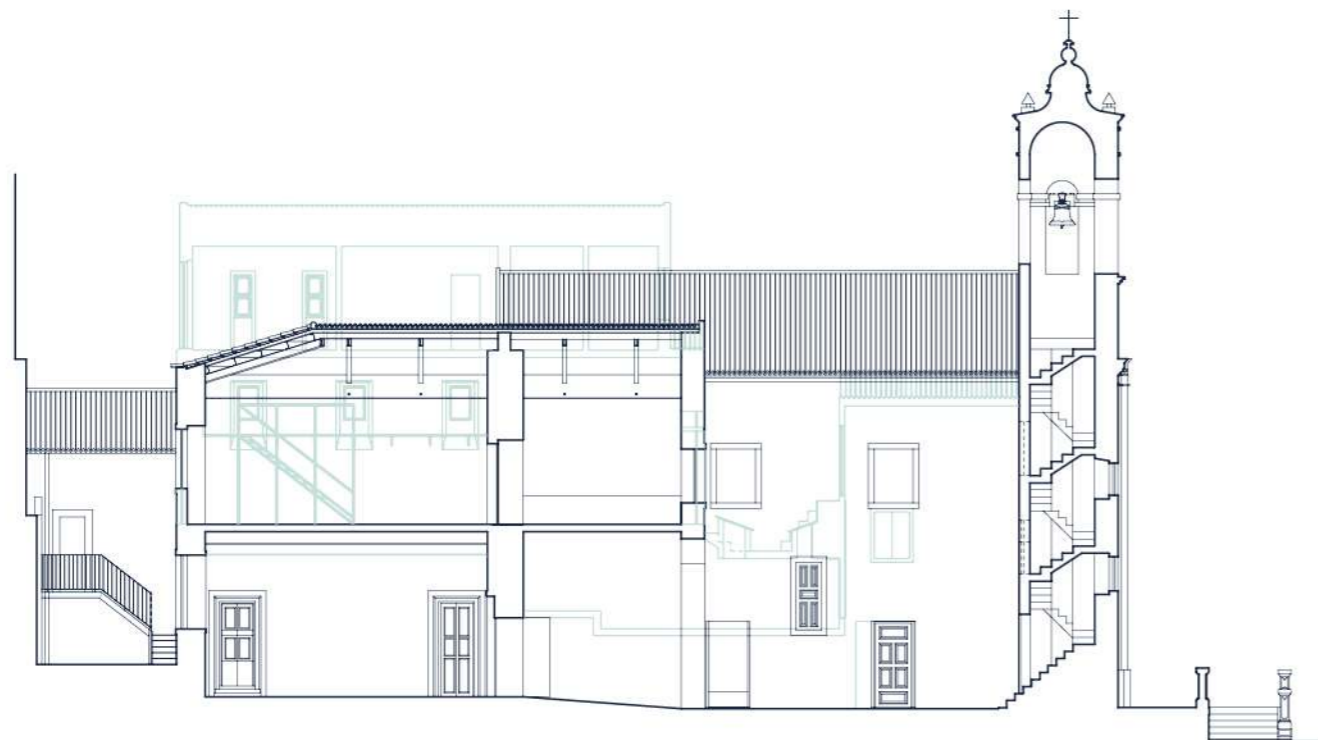
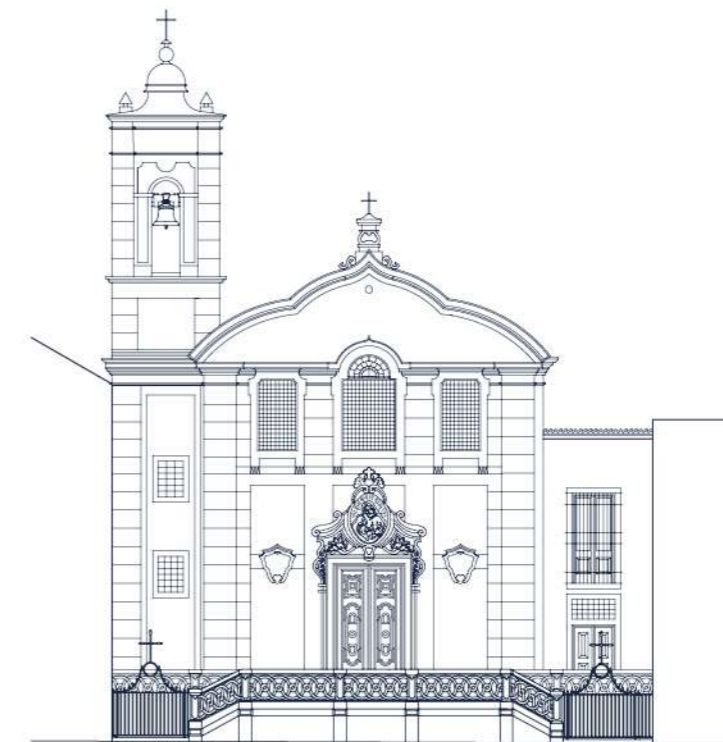
133 Igreja de São José dos Carpinteiros e Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa,
 Planta do Piso Térreo: 1 Hall de Entrada, 2 Sala dos Exames, 3 Pátio Sala dos
 Exames, 4 Sacristia, 5 Sala Expositiva, 6 Igreja, 7 Pátio da Torre, 8 Sacristia /
 Igreja de São José dos Carpinteiros and Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa,
 Ground Floor Plan: 1 Entrance, 2 Examination Room, 3 Patio Sala dos Exames, 4
 Sacristy, 5 Exhibition Room, 6 Church, 7 Patio da Torre, 8 Sacristy

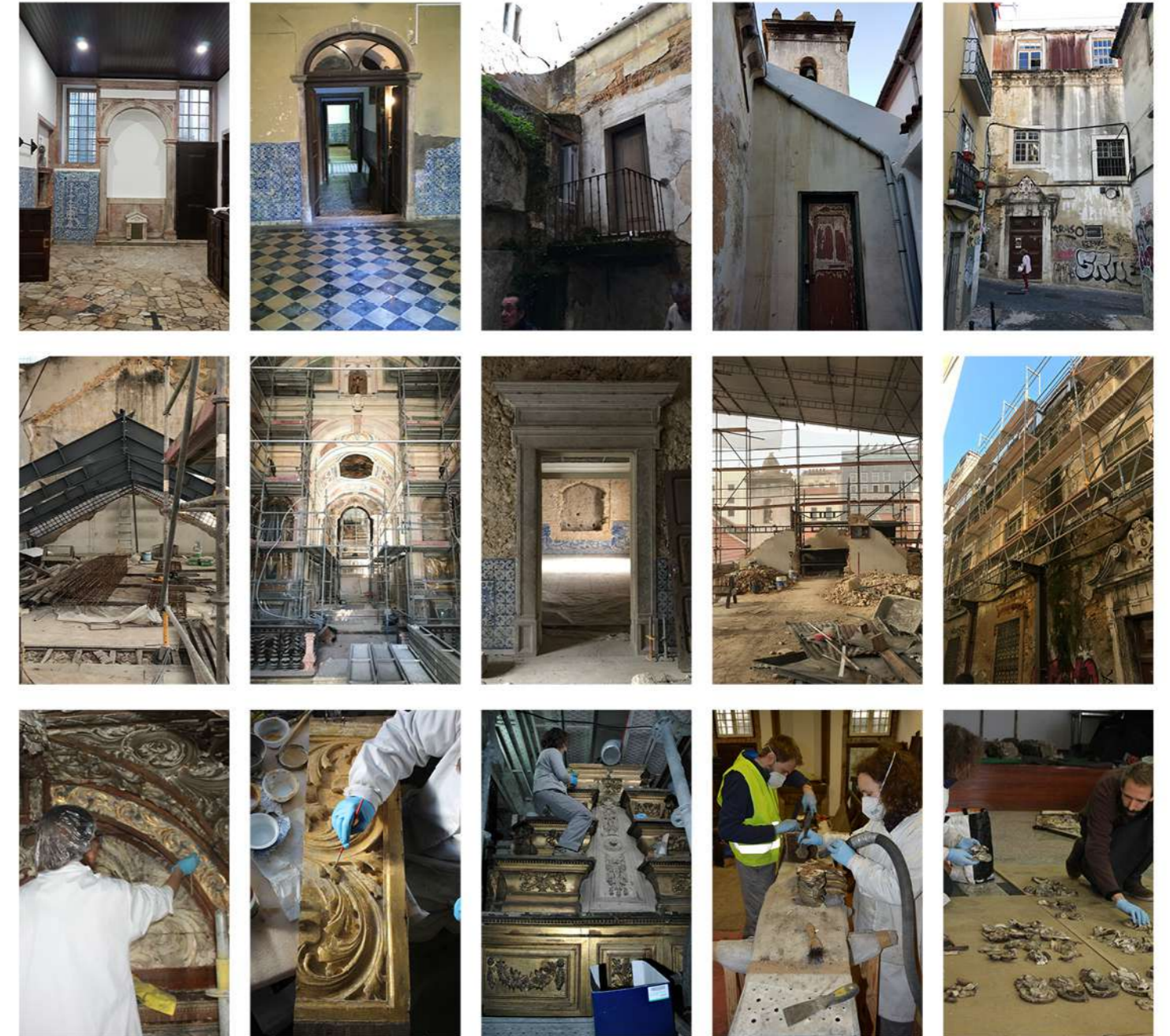
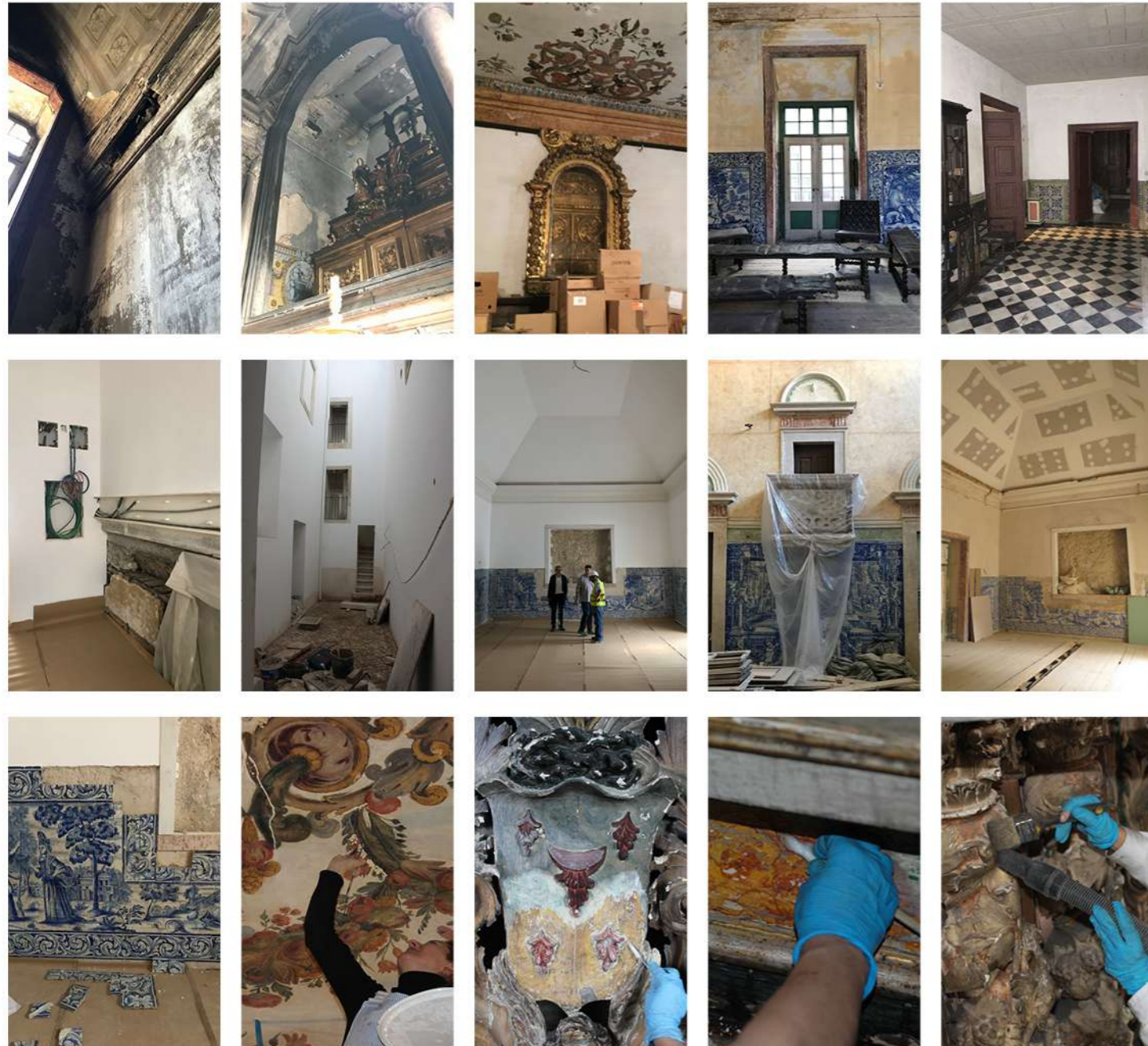


134 Igreja de São José dos Carpinteiros e Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa,
 Planta do Piso Superior: 9 Pátio da Sacristia, 10 Hall/Entrada Sala dos Vinte e
 Quatro, 11 Sala dos Vinte e Quatro, 12 Sala Expositiva, 13 Sala Expositiva /
 Igreja de São José dos Carpinteiros and Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, Top
 Floor Plan: 9 Sacristy Patio, 10 Hall / Entrance Sala dos Vinte e Quatro, 11 Sala dos
 Vinte e Quatro, 12 Exhibition Room, 13 Exhibition Room



135—138 Igreja de São José dos Carpinteiros e Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, Cortes e Alçados [Demolições e acrescentos na obra de remodelação] / Igreja de São José dos Carpinteiros and Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa, Sections and Elevations [Demolitions and additions from the renovation work]







140 [esquerda] Pátio da Torre 141 [abaixo] Fachada da Igreja, 2020 /
Architectural Project: [previous page] Detail of the Church's facade, [left] Pátio da
Torre, [below] Church's facade, 2020



142 Projecto Arquitectónico: Fachada Rua da Fé, 2020
Architectural Project: Entrance Rua da Fé, 2020



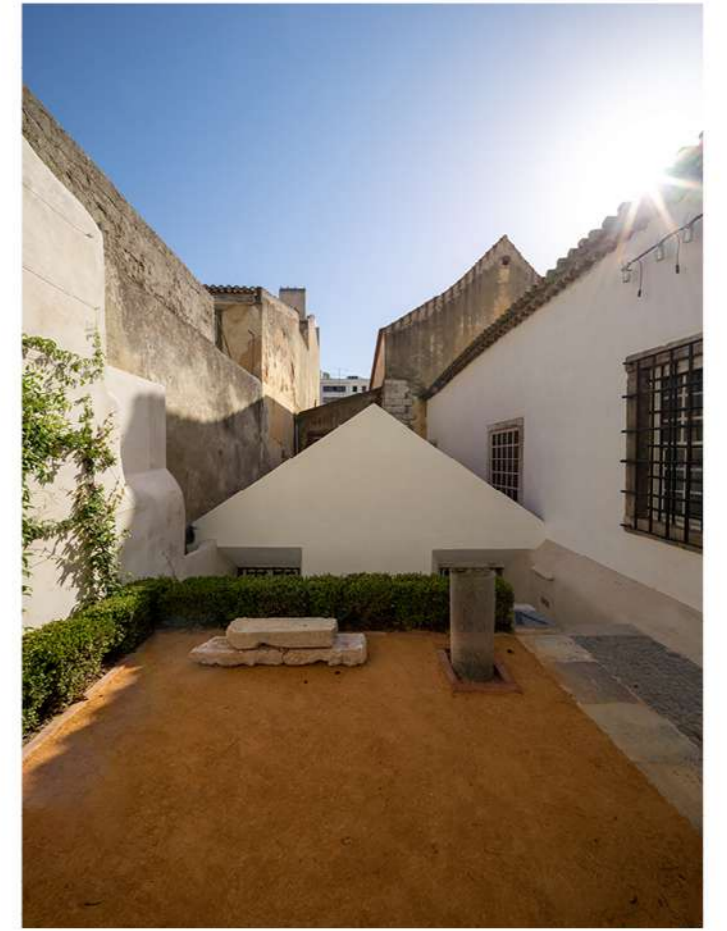
143 Projecto Arquitectónico: Pátio da Torre, 2020
Architectural Project: Pátio da Torre, 2020



144 Projecto Arquitectónico: Pátio da Sala dos Exames, 2020
Architectural Project: Pátio da Sala dos Exames, 2020



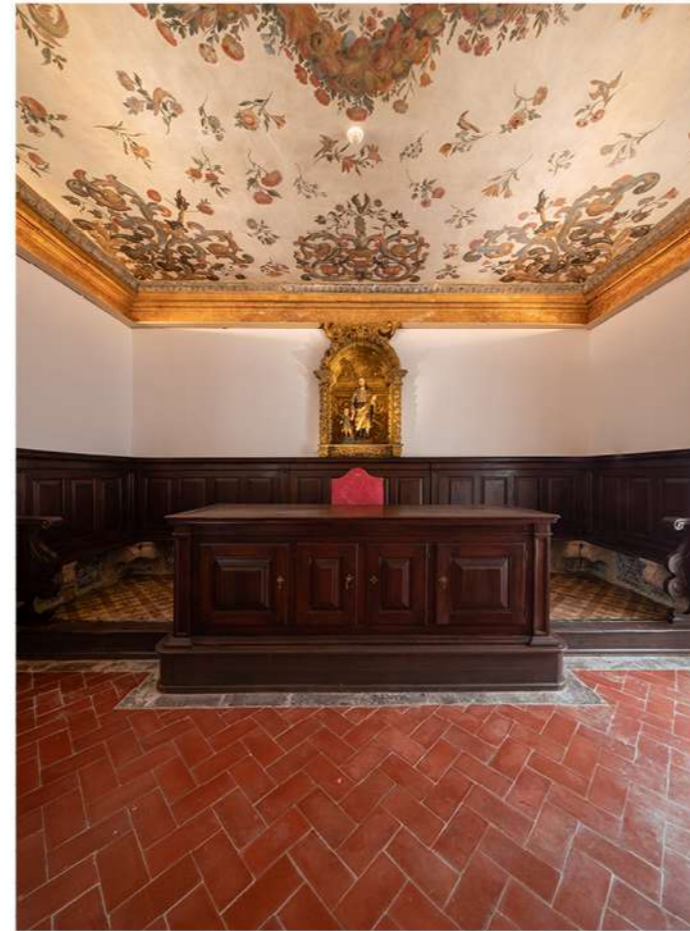
145 Projecto Arquitectónico: Pátio da Sacristia, 2020
Architectural Project: Pátio da Sacristia, 2020



146 Projecto Arquitectónico: Entrada Rua da Fé, 2020
Architectural Project: Entrance Rua da Fé, 2020



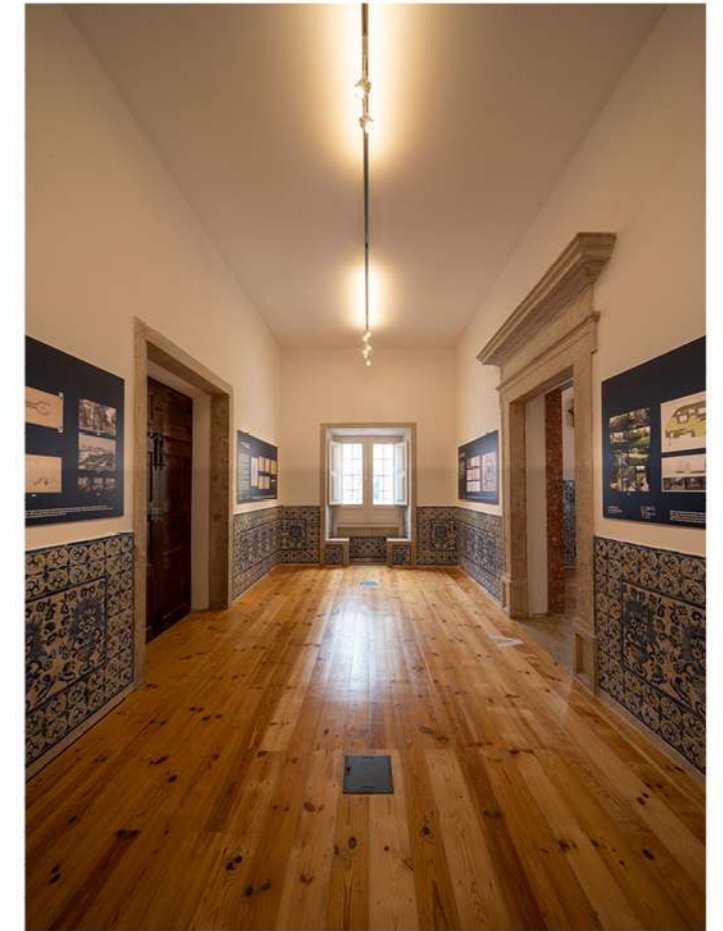
147 Projecto Arquitectónico: Sala dos Exames, 2020
Architectural Intervention: Examination Room, 2020



148 Projecto Arquitectónico: Sacristia, 2020
Architectural Intervention: Sacristy, 2020



149 Projecto Arquitectónico: Hall/Entrada Sala dos Vinte e Quatro, 2020
Architectural Intervention: Entrance Sala dos Vinte e Quatro, 2020



150 Projecto Arquitectónico: Entrada Sala dos Vinte e Quatro, 2020
Architectural Project: Entrance Sala dos Vinte e Quatro, 2020

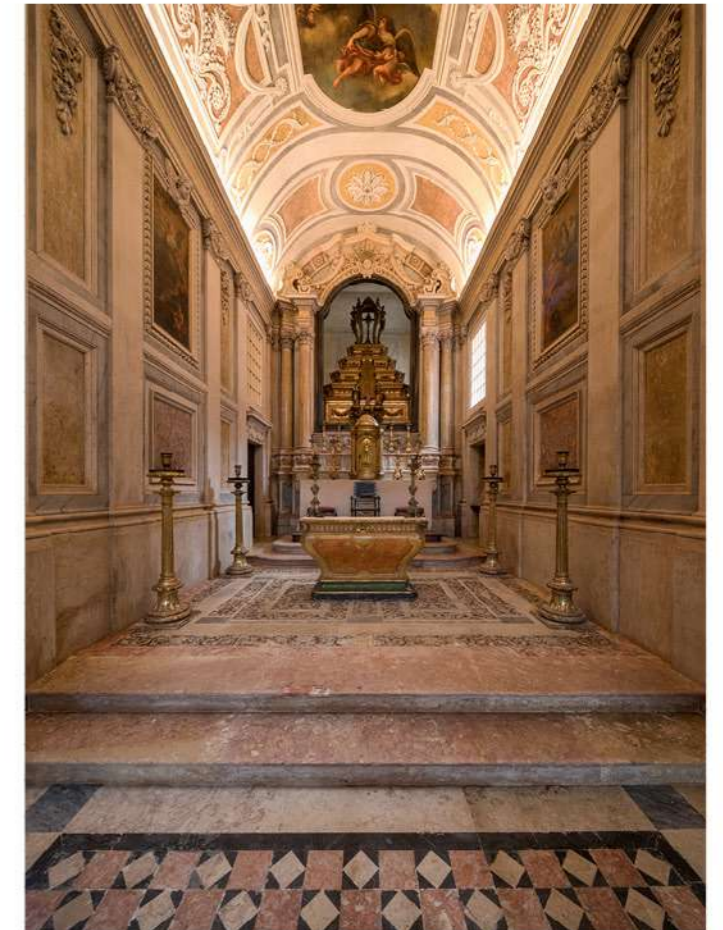
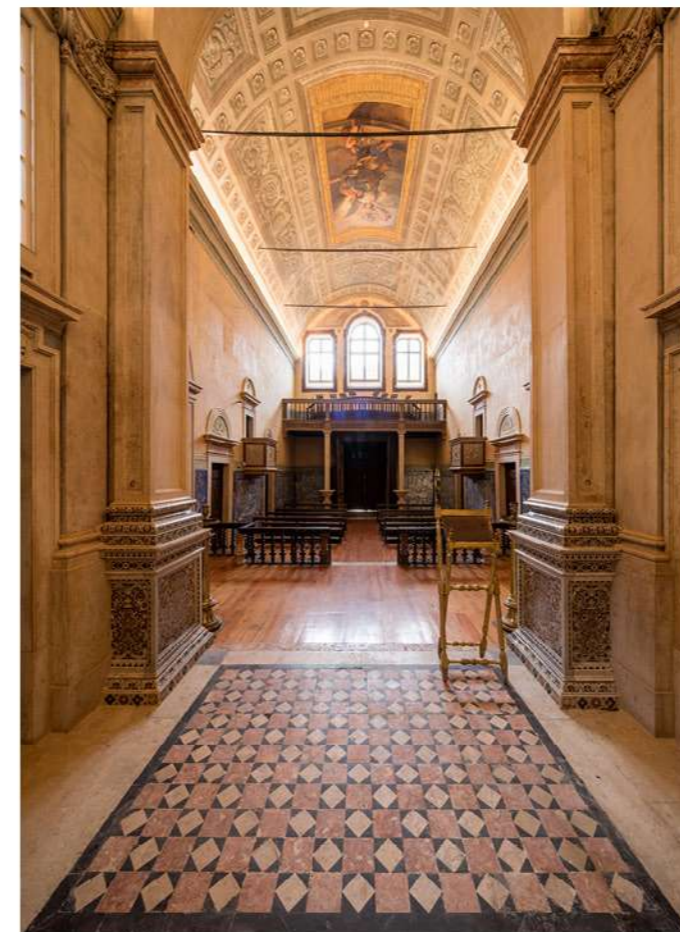
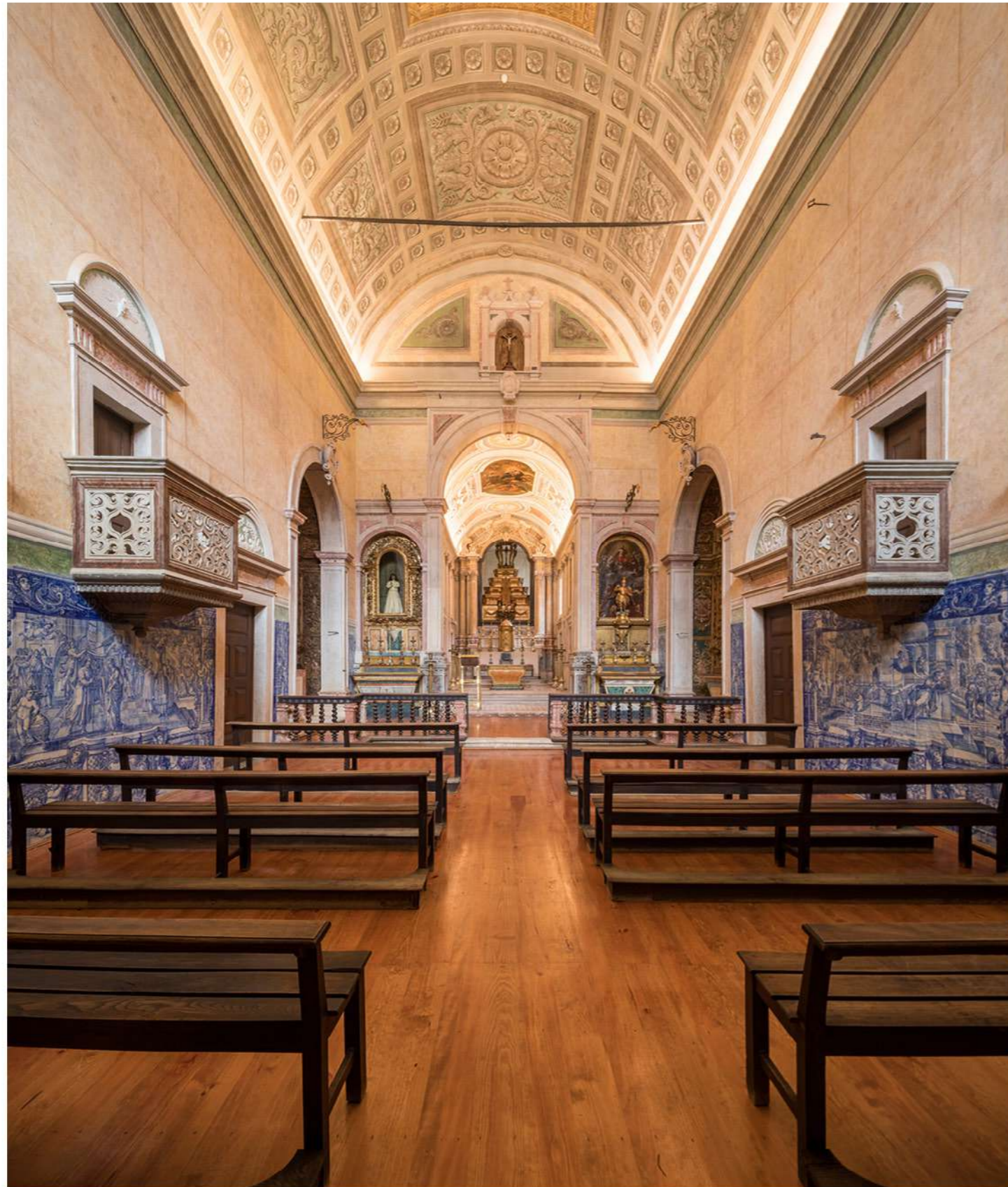


151 Projecto Arquitectónico: Sala dos Vinte e Quatro, 2020
Architectural Project: Sala dos Vinte e Quatro, 2020



152 Projecto Arquitectónico: Sala dos Vinte e Quatro, 2020
Architectural Project: Sala dos Vinte e Quatro, 2020









BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ANDRESEN, Teresa; CAMARA, Teresa; CARVALHO, Luís - Lugares da arquitetura Paisagista em Portugal.1940-1970. In T. Andresen, ed. Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas [1940-1970]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 237, pp. 144-313.

Arquitetura. Lisboa, 1957, nº 60, p.14.

CABRAL, Francisco Caldeira [Carta ao Presidente da CML], [s.d.]. In ANDRESEN, Teresa; CAMARA, Teresa; CARVALHO, Luís - Lugares da arquitetura Paisagista em Portugal.1940-1970. pp.144-313. Cit por CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] - Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa [1940-1970. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, p. 194.

CAMARA, Teresa [texto policopiado] – Do Passeio Publico ao Alto do Parque. Contributo para o estudo da evolução do conceito de espaço público. Lisboa: [s.n.], 2000. Tese de Licenciatura. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, p. 34.

CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] - Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa [1940-1970. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, p. 100, p. 104, p. 194, pp. 196-199.

CARAPINHA, Aurora; TEIXEIRA, José de Monterroso – A Utopia e os Pés Na Terra. 1ª edição. Évora: Imprimévora, 2003.

Casa e decoração. 1994-1997.

CHEIS, Leonor – Ensinar a inquietação in CARAPINHA, Aurora. A utopia com os pés na Terra. Évora: Facsimile. Imprimévora, 2003, pp. 65-66.

FERREIRA, Francisco Ribeiro – Parecer do Vereador Engº Francisco Ribeiro Ferreira relativo ao “Projeto de remodelação da Avenida da Liberdade”, 12 de março de 1958. Acessível no Arquivo Municipal de Lisboa. Arco do Cego, Lisboa, pp. 5-6.

LISBOA. Câmara Municipal. Gabinete de Estudos de Urbanização - Memória descritiva do Plano de Urbanização da Encosta do Restelo – II fase. GEU. Coord. Engº Luís Guimarães Lobato. Arquitetos paisagistas Manuel Azevedo Coutinho. Gonçalo Ribeiro Telles. 1954. CMLAC.

LISBOA. Câmara Municipal. 3ª Repartição - ofício do Engenheiro Chefe, 1956-07-16. Ofício enviado pelo Engenheiro Chefe da 3ª Repartição - Arborização e Jardinagem, José Pulido Garcia, ao Engenheiro Diretor dos Serviços Técnico – Especiais. Cit por CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] - Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa [1940-1970. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, p. 185.

LISBOA. Câmara Municipal. Gabinete de Estudos de Urbanização - Ofício do Engenheiro Chefe, 1956-07-10. Ofício enviado por Guimarães Lobato ao Presidente acompanhando este projeto. Cit por CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] - Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa [1940-1970. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, p. 185.

LISBOA. Câmara Municipal. 3ª Repartição - ofício do Engenheiro Chefe, 1958-10-14. Cit por CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] - Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa [1940-1970. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências, Universidade do Porto, p. 192.

MENDONÇA, Nuno – A Dimensão de uma vida in CARAPINHA, Aurora. A utopia com os pés na Terra. Évora: Facsimile. Imprimévora, 2003, pp. 59-64.

PESSOA, Fernando - Gonçalo Ribeiro Telles: A fotobiografia. 1ª edição. Lisboa: Argumentum Edições, 2011.

TELLES, Ribeiro - Memória descritiva. Avenida da Liberdade. Projeto de remodelação de arborização e ajardinamento, 1955, p. 1. Acessível no Arquivo Municipal de Lisboa. Arco do Cego, Lisboa, Portugal.

TELLES, Ribeiro; CABRAL, Caldeira - Câmara Municipal de Lisboa. Gabinete de Estudos de Urbanização. Remodelação da Avenida da Liberdade. Projecto. Julho 1956. Acessível no Arquivo Municipal de Lisboa. Arco do Cego, Lisboa, Portugal.

SALEMA, Rosário -A Ermida de São Jerónimo: ver e ocultar, in CARAPINHA, Aurora. A utopia com os pés na Terra. Évora: Facsimile. Imprimévora, 2003, pp. 183-191.

SILVA, Raquel Henriques da - Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1847-1909. In Lisboa de Frederico Ressano Garcia, 1847-1909. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, pp. 17-36.

SILVA, Raquel - O Passeio Público e a Avenida da Liberdade, p.425, pp. 425-433. in Irizalva Moita, ed. O Livro de Lisboa. Lisboa: Livros Horizonte, 1994. Cit por CAMARA, T. Bettencourt [Texto policopiado] – Do Passeio Publico ao Alto do Parque. Lisboa: [s.n.], 2000. Tese de Licenciatura. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, p. 2.

Entrevista a António Viana Barreto conduzida por Ana Sousa Dias. Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.

Entrevista a Ribeiro Telles por Anna Sousa Dias. FCG.2003

Entrevista “Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian- parte II”. RTP Arquivos, 08-02-1995.

IMAGENS IMAGES

[p.12—13, contracapa] Espólio pessoal Gonçalo Ribeiro Telles
[p.14] Manuela Raposo Magalhães
[pp. 4, 20, 36, 38—41, 42, 58, 96, 124, 130, 134, 154, 155] fotografias Tiago Rebelo de Andrade, 2020
[p.122—123] Câmara Municipal de Lisboa

1— 2 “À Conversa com Gonçalo Ribeiro Telles” - 2010 [Entrevista: António Maria Braga, Realização: João Figueiras, Imagem e Som: Steve Carvalho, Montagem: Rui Mourão, Produção BLACK MARIA]
3— 4 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0774 - Folha 1 e folha 1 verso.
5 Arquivo Municipal de Lisboa – Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0774 - Folha 2
6— 13 Casa e Decoração [1994 - 1997]
14— 23 Espólio pessoal Gonçalo Ribeiro Telles
24— 25 fotografia Tiago Rebelo de Andrade, 2020

26 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0676 - Folha 22.
27— 28 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0676 - Folha 21 e folha 21 verso.
29 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169.095.
30 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 669.
31— 32 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0465 - Folha 36 e folha 37.
33 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 109.
34 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 019.
35 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 655.
36— 37 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0810 - Folha 1 e folha 2.
38 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 067.
39 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-1527 - Folha 21.
40 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 037.
41 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 138.
42 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 130.
43 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 097.
44 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0526 - Folha 37, folha 38, folha 38 verso, folha 39, folha 39 verso, folha 40, folha 41 e folha 41 verso.
45 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 103.
46 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 104.
47 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 124.
48 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 125.
49 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 126.
50 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 127.
51 DGPC/SIPA. DES.02003313.
52— 53 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 658 e CFT169. 656.
54— 55 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0674 - Folha 1 e folha 2.
56 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT 003 0001 42 001.
57 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0061 - Folha 5.
58 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSBAH-PURB-002-05202 - Folha 85.
59 Arquivo Pessoal AVB. DGPC/SIPA.
60 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-CMLSB-UROB-EV-0679 - Folha 8.
61 Arquivo SAAP. ISA
62 Arquivo SAAP. ISA
63 Arquivo SAAP. ISA
64 Arquivo SAAP. ISA
65 Arquivo SAAP. ISA
66 Arquivo SAAP. ISA
67 Arquivo SAAP. ISA
68 Arquivo SAAP. ISA
69 Arquivo SAAP. ISA
70 Arquivo SAAP. ISA
71 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT-AMLSB-IBN-004855.
72 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 118.
73 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 122.
74 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169. 120.
75 Arquivo Municipal de Lisboa - Ref PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/IBN/004613.
76— 78 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169.645; CFT169.646; CFT169.647.
79 Fundação Calouste Gulbenkian. FCG_28.
80— 87 Arquivo Pessoal AVB. DGPC/SIPA. PT AVB NP 5
88 DGPC/SIPA. DES.02003840.
89 Arquivo pessoal TBC.
90 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0508 DES.002727

91 Fundação Calouste Gulbenkian. Z-000582.
92— 93 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0508 DES.002698
94 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0508 DES.002698
95 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0508 DES.002704
96 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0508 DES.002696
97 Fundação Calouste Gulbenkian. Biblioteca de Arte. CFT169.492.
98— 101 Câmara Municipal de Lisboa
102 CML -DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde [GPEV]
103— 110 CML -DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde [GPEV]
111— 114 TOPIARIS
115— 118 CML -DMAEVCE - Gabinete de Projeto da Estrutura Verde [GPEV]
119— 125 DGPC/SIPA. PT GRT NP 489 pág.0 ; PT GRT NP 489 pág.1 ; PT GRT NP 489 pág.2; PT GRT NP 489 pág.3 ; PT GRT NP 489 pág.4; PT GRT NP 489 pág.5
126 DGPC/SIPA. PT GRT-02-0365 DES.001893
127 DGPC/SIPA. DES.000896.
128 DGPC/SIPA. DES.000901.
129 DGPC/SIPA. DES.000900.
130 Irmadade de S. José dos Carpinteiros
131 PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LSM/000389
132 PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000401
133— 139 RA \ Rebelo de Andrade Architecture & Design, 2020
140— 156 fotografia Tiago Rebelo de Andrade, 2020

156—157

O Mester da Paisagem *The Landscape Master*

Créditos *Credits*

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição O Mester da Paisagem realizada na Igreja de São José dos Carpinteiros e Antiga Casa dos Vinte e Quatro, Lisboa, inaugurada a 26 de Junho de 2020.

This book was published for the exhibition The Landscape Master held at the Church of São José dos Carpinteiros and Casa dos Vinte e Quatro, Lisbon, opened on June 26, 2020.

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Curadoria/Curatorship
Margarida Cancela d'Abreu

Coordenação geral/ General coordination
Margarida Cancela d'Abreu
Teresa Bettencourt da Camara
António Maria Braga

Organização e produção da exposição/ Exhibition organisation and production
Augusto Ferreira do Amaral
Carlos Pietra Torres
Jorge de Brito e Abreu
Luís Rebelo de Andrade
Tiago Rebelo de Andrade

Vídeos projetados na exposição/ Videos projected at the exhibition
- "À Conversa com Gonçalo Ribeiro Telles" - 2010
[Entrevista: António Maria Braga, Realização: João Figueiras, Imagem e Som: Steve Carvalho, Montagem: Rui Mourão, Produção BLACK MARIA]

- "Reabilitação da Igreja de São José dos Carpinteiros e da Antiga Casa dos Vinte e Quatro" - 2020
[Realização, produção e montagem: Subvert Studio]

Design
Diogo Ramalho/Subvert Studio

Montagem e Produção gráfica/ Installation and graphic production
Hey Day

Agradecemos especialmente a/ Special thanks to
Câmara Municipal de Lisboa - Departamento de Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia, Arquivo Municipal, Direcção Geral do Património Cultural, Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, Fundação Calouste Gulbenkian

CATÁLOGO CATALOGUE

Coordenação e edição/ Coordination and editing
Margarida Cancela d'Abreu
Teresa Bettencourt da Camara

Textos/Texts
Augusto Ferreira do Amaral
Jorge de Brito e Abreu
José Sá Fernandes
Leonor Cheis de Sousa
Luís Rebelo de Andrade
Manuela Raposo Magalhães
Margarida Cancela d' Abreu
Nuno de Mendonça
Teresa Bettencourt da Camara

Design
Diogo Ramalho/Subvert Studio

Tradução textos/Text Translation
Rosalina Marshall

Impressão/Printing
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Tiragem/Print run
300

ISBN
XXX-XXX-XXXX-XX-X

Depósito legal/Legal deposit
XXX XXX/21

Foram feitos todos os esforços no sentido de reconhecer devidamente os detentores dos direitos de autor. Em caso de reconhecimento insatisfatório, solicita-se o contacto para correção da situação e correta menção em edições posteriores. / Every effort was made to properly recognise the copyright holders. In case of unsatisfactory recognition, a contact is requested to repair the situation and correct it in future editions.

ORGANIZAÇÃO ORGANIZATION



APOIO À EXPOSIÇÃO EXHIBITION SUPPORT

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Direção-Geral do Património Cultural



Sistema de Informação
para o Património Arquitectónico
FORTE DE SACAVÉM

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

